



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**NO SÁBADO EU VOU PARA A FEIRA:  
MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CAJAZEIRAS (1970-2016)**

**ANDRESSA MARTINS SANTANA**

Cajazeiras - PB

2017

**ANDRESSA MARTINS SANTANA**

**NO SÁBADO EU VOU PARA A FEIRA:  
MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CAJAZEIRAS (1970-2016)**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Dra. Rosilene Alves de Melo

Cajazeiras – PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

S232n Santana, Andressa Martins.  
No sábado eu vou para a feira: memórias e resistência cultural em  
Cajazeiras (1970-2016) / Andressa Martins Santana. - Cajazeiras, 2017.  
112p.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosilene Alves de Melo.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1. Feira livre - Cajazeiras - Paraíba. 2. História cultural. 3. Mercado  
popular. 4. Comércio. I. Melo, Rosilene Alves de. II. Universidade  
Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV.  
Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 339.177(813.3)(091)

**ANDRESSA MARTINS SANTANA**

**NO SÁBADO EU VOU PARA A FEIRA:  
MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA CULTURAL EM CAJAZEIRAS (1970-2016)**

Aprovada em: 09 de maio de 2017

**BANCA EXAMINADORA**

*Rosilene Alves de Melo*

---

Dra. Rosilene Alves de Melo (UFCG)  
Orientadora

*Eliana de Souza Rolim*

---

Ms. Eliana de Souza Rolim  
Examinadora

*Osmar Luiz da Silva Filho*

---

Dr. Osmar Luiz da Silva Filho (UFCG)  
Examinador

---

Dra. Ana Rita Uhle (UFCG)  
Examinadora Suplente

À minha família, pelo apoio e incentivo durante esta caminhada, acompanhando meus passos com afeto, compreensão e dedicação, fazendo-me superar os obstáculos que enfrentei durante a realização deste Curso e a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que esta fase se concluísse com êxito.

DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar pelo dom da vida e por todas as graças alcançadas ao longo do meu caminho, por ser meu abrigo nos momentos difíceis e por me proporcionar inúmeras alegrias.

Aos meus pais Jacinta Maria Moreira Martins e José André de Santana, ao meu irmão Jailton Martins Santana, por todo apoio, carinho, amor e compreensão que me dedicaram, por todo o esforço que fizeram para que este sonho se tornasse realidade. Aos meus avós Espedito Martins da Silva (*in memoriam*) e Francisca de Assis Moreira que sempre estiveram presentes iluminando meu caminho e me auxiliando com amor em minha caminhada. A Maria Regina de Santana (*in memoriam*) e André Joaquim de Santana (*in memoriam*) que mesmo não estando fisicamente presentes sei que estarão para sempre ao meu lado.

Ao meu namorado Ernani de Carvalho Moreira Filho por todo o amor dedicado, por acompanhar o passo a passo desse trabalho ajudando e acreditando em mim, mesmo quando nem eu mesmo acreditava, a todos os momentos felizes que tenho passado ao seu lado e a sua família que me acolheu com amor e carinho.

A minha orientadora Rosilene Alves de Melo por acompanhar e contribuir para este trabalho, por sempre me compreender nos momentos difíceis e pelas orientações que ocorreram sempre nos momentos necessários.

Aos professores do Curso de História do Campus de Cajazeiras que contribuíram grandemente para minha paixão pela História e por dividirem comigo os seus conhecimentos, permitindo meu crescimento acadêmico.

A inesquecível turma de 2011.2, onde fiz amigos que levarei por toda a minha vida, que me proporcionaram as melhores histórias, as melhores risadas e mesmo passando por alguns momentos difíceis como a perda do nosso querido amigo Marcelo Henrique Formiga Nunes (*in memoriam*), foi com vocês que vivi os melhores anos de minha vida acadêmica e dos quais eu jamais esquecerei, mesmo que a vida acabe nos distanciando, sempre vou querer tê-los ao meu lado.

É com muito amor e agradecimento que dedico este trabalho a todos vocês. Obrigada por tudo mesmo.

## **RESUMO**

Esta pesquisa parte das memórias tecidas pelos feirantes para problematizar a feira livre da cidade de Cajazeiras a partir da década de 1970, compreendendo a presença deste espaço de comércio popular como uma forma de resistência cultural frente a modernização das formas de comércio presentes na cidade nas últimas décadas. Analisando a feira através de depoimentos dos antigos feirantes, bem como através da observação etnográfica e de fotografias, esta pesquisa busca refletir sobre a feira de Cajazeiras ao analisar sua história, sua presença no centro da cidade, sua importância comercial e cultural. A partir no período de 1970 e 1980 e fazendo uma análise atual da feira por meio do diálogo entre a História Cultural e a perspectiva etnográfica, esta pesquisa pretende perceber como a feira se encontra nos dias de hoje. Desta forma, buscamos compreender as possíveis transformações espaciais, econômicas e culturais ocorridas na feira, assim como suas formas de resistências da feira de Cajazeiras para continuar se configurando como um espaço de relações sociais e de memória coletiva.

**Palavras-chave:** Feira-Livre, História Cultural, Memória, Etnografia.

## **ABSTRACT**

This research is part of the memories of the fairgrounds to problematize the free fair of the city of Cajazeiras from the 1970s onwards, understanding the presence of this popular trade space as a form of cultural resistance against the modernization of the present forms of commerce in the city Decades. Analyzing the fair through testimonials from the old fairgrounds, as well as through ethnographic and photographic observation, this research seeks to reflect on the fair of Cajazeiras when analyzing its history, its presence in downtown, its commercial and cultural importance. Starting in the 1970s and 1980s and making a current analysis of the fair through the dialogue between Cultural History and the ethnographic perspective, this research intends to perceive how the fair is nowadays. In this way, we seek to understand the possible spatial, economic and cultural transformations that took place at the fair, as well as its forms of resistance at the Cajazeiras fair to continue to be configured as a space of social relations and collective memory.

**Key words:** Fair-Trade, Cultural History, Memory, Ethnography.

Quando falamos de história, temos o costume de nos refugiar no passado. É nele que se pensa encontrar o seu começo e o seu fim. Na realidade, é o inverso: a história começa hoje e continua amanhã. (D. N. Marinotis)

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01. Rua do Comércio (atual Rua Padre José Tomás), primeira local da feira de Cajazeiras .....	13
Figura 02. Praça dos Carros (atual Praça do Coração de Jesus, localizada na Rua Padre José Tomaz), onde teve início a feira de Cajazeiras .....	14
Figura 03. Imagem da feira de Cajazeiras (acervo <a href="http://historiacajazeiras.blogspot.com.br/2014">http://historiacajazeiras.blogspot.com.br/2014</a> ) .....	17
Figura 04 Feira Livre vista do alto na Rua Padre José Tomás (Acervo Cajá Fagno Dallino) .....	21
Figura 05. Fotografia de Maria de Lurdes Matias (Maria dos Cocos) .....	22
Figura. 06. Entrevistado José Joaquim de Santana (José Rosa) .....	24
Figura 07. Entrevistado Joaquim Pereira Leite .....	25
Figura 08. A estação de Cajazeiras e a locomotiva a vapor (cervo Solidonio Lacerda) ....	34
Figura 09. Mapa mostrando a linha principal da estrada de ferro, e os seus ramais. Fonte: <a href="http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/alagoa.htm">http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/alagoa.htm</a> .....	35
Figura 10: Rua Padre José Tomás na década de 1980. (Acervo Cajá Fagno Dallino) .....	37
Figura 11: Banca do Sr. Joaquim Pereira. Fotografia de 2017 .....	38
Figura 12: Banca sendo montada na Rua Padre Manoel Mariano. 2017 .....	45
Figura 13: Relojoeiro na Praça João Coração de Jesus 2017 .....	45
Figura 14: Vendedor de balas e lanches na Praça Coração de Jesus. 2017 .....	46
Figura 15: Banca de calçados na Rua Padre Manoel Mariano. 2017 .....	46
Figura 16: Frutas expostas no chão na Rua Padre Manoel Mariano. 2017 .....	47
Figura 17: Roupas expostas no chão na Rua Padre Manoel Mariano. 2017 .....	48
Figura 18: Vendedoras de bonés e óculos na Sebastião Bandeira de Melo. 2017 .....	49
Figura 19. Utensílios domésticos expostos no chão. 2017 .....	49
Figura 20: Vendedores de cereais na Rua Padre Manoel Mariano. 2017 .....	50
Figura 21: Vendedores de cereais na Rua Padre Manoel Mariano. 2017 .....	51
Figura 22: Venda de frutas na Rua Sebastião Bandeira de Melo. 2017 .....	54

Figura 23: Antonio Batista, poeta popular, declamando na década de 1980. (Cajá Fagno Dallino) .....	59
Figura 24: Violeiros na Praça Coração de Jesus. Imagem de 2017 .....	59
Figura 25: Feira Livre de Cajazeiras em 1970. (Fonte: Google Maps) .....	63
Figura 26. Feira Livre de Cajazeiras em 2017. (Fonte: Google Maps) .....	63
Figura 27: Feira Livre vista do alto na Rua Padre Manoel Mariano. 2017 .....	64
Figura 28: Feira Livre vista do alto na Rua Padre Manoel Mariano. 2017 .....	64

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1. APRENDENDO COM CONCEITOS DE MEMÓRIA PARA DIALOGAR COM AS LEMBRANÇAS DE MARIA DOS COCOS, JOSÉ ROSA E JOAQUIM PEREIRA .....</b>	<b>21</b>
1.1. Considerações acerca da memória .....	25
1.2. O trabalho com as fontes orais .....	29
<b>CAPÍTULO 2. A FEIRA DE CAJAZEIRAS: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS.....</b>	<b>33</b>
2.1. A feira e sua importância cultural.....	38
2.2. A importância social da feira .....	40
<b>CAPÍTULO 3. UMA ETNOGRAFIA DA FEIRA DE CAJAZEIRAS .....</b>	<b>43</b>
3.1. Um mosaico de cores, formas e sabores.....	44
3.2. O cotidiano da feira e os novos hábitos de consumo da população .....	51
3.3. A feira como um espaço de manifestação cultural .....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>66</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>69</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>72</b>
Transcrição da entrevista com Joaquim Pereira .....	73
Transcrição da entrevista com Maria de Lourdes Matias (Maria dos Cocos) .....	87
Transcrição da entrevista com José Rosa .....	101

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa problematiza as transformações ocorridas na feira livre na cidade de Cajazeiras, cidade situada no sertão da Paraíba, a partir da década de 1970 até o tempo presente, procurando compreender este espaço numa perspectiva histórica. O objetivo deste trabalho é problematizar a trajetória da feira de Cajazeiras no presente, considerando o declínio deste centro comercial frente a novas práticas sociais e econômicas, especialmente com o aparecimento de novos centros de consumo como supermercados, lojas de vendas em atacados e shoppings centers. A intenção é perceber como a feira de Cajazeiras continua a atrair vendedores, consumidores e outros agentes sociais, apesar do forte crescimento urbano verificado nas últimas décadas e a emergência de novas práticas de consumo advindas do processo de globalização<sup>1</sup>, com a crescente importação de produtos desconhecidos da economia local.

Um dos maiores desafios desta pesquisa foi a ausência de registros mais precisos e antigos do surgimento da feira livre de Cajazeiras. Grande parte das informações disponíveis foi obtida por meio da leitura de relatos de memorialistas, como Antônio Assis Costa, mais conhecido como Tota Assis (COSTA, 2013) e Deusdedith Leitão (2000). Segundo sites que falam sobre a cidade, a feira livre de Cajazeiras surgiu por volta de 1848, período em que Cajazeiras ainda era uma povoação localizada na Fazenda Cajazeiras, iniciada com o intuito de possibilitar o comércio de alimentos sem que a população precisasse se deslocar para localidades mais distantes.

A feira inicia-se pequena, na Rua do Comércio (atual Rua Padre José Tomaz) em frente à Praça dos Carros (atual Praça Coração de Jesus). Com o crescimento da povoação na segunda metade do século XIX - que passa da condição de vila em 1863 para

---

<sup>1</sup> Globalização é o conceito utilizado para definir o processo de internacionalização econômica com a diminuição de barreiras comerciais entre diversos países no século XX. A retomada do discurso da livre concorrência (neoliberalismo) a partir da década de 1970 e a crise política nos países socialistas (União Soviética e Leste Europeu), ao final da década de 1980, criou as condições políticas para a formação de novos blocos econômicos que compartilham fábricas e processos de produção. No Brasil a globalização se concretizou a partir do Plano Real e do governo de Fernando Henrique Cardoso, possibilitando a abertura da economia brasileira ao capital estrangeiro, as privatizações de empresas públicas e a importação de produtos industrializados. A entrada de produtos importados no Brasil favoreceram a abertura de diversas lojas de produtos importados, mais conhecidas como “lojas de 1,99”, que se espalharam nas pequenas cidades do interior, mudando os hábitos de consumo da população e enfraquecendo o comércio de produtos locais, especialmente as feiras livres.

cidade em 1876 – e, especialmente, com a intensa modernização verificada nas décadas de 1910 e 1920 (com a chegada do teleférico, da usina de algodão Santa Cecília, da estrada de ferro, do cinema e dos automóveis), quando a cidade se transformou num importante entreposto comercial do sertão da Paraíba, a feira de Cajazeiras passou a ter uma importância vital para o comércio local.



**Figura 1. Rua do Comércio (atual Rua Padre José Tomás), primeira local da feira de Cajazeiras<sup>2</sup>**

O interesse pessoal pela feira de Cajazeiras como objeto de pesquisa surgiu através da possibilidade de dar vazão ao fascínio existente em relação àquele lugar desde a infância, quando minha avó me levava à feira quase todos os sábados. Enquanto ela fazia suas compras eu me deliciava com os doces e admirava as lindas bonecas de pano penduradas nas barracas e espalhadas no chão.

Além do interesse pessoal, em razão da feira estar presente na minha memória pessoal carregada de afetividade, a escolha deste tema se deu após constatar que até o momento este lugar ainda não havia sido pensado pela produção memorialística bem como pela historiografia local. Após ler os livros de memórias de Antônio Assis da Costa (2013), onde recorda sua infância vividas na cidade de Cajazeiras e de Antonio José de Sousa (1981), bem como a dissertação de mestrado sobre o patrimônio cultural local de Eliana de Souza Rolim (2010), constatei que a feira de Cajazeiras não foi pensada como um ponto de partida para a problematização da história local. Portanto, a intenção desta monografia é contribuir para preencher esta lacuna na historiografia acerca de Cajazeiras e pensar a

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://historiacajazeiras.blogspot.com.br/>. Data de acesso: 14 de abril de 2017.

história da cidade a partir do comércio local e sua relação com o desenvolvimento do município e como a feira se constitui num espaço de encontros e de vivências para os comerciantes e moradores da cidade.



**Figura 2: Praça dos Carros (atual Praça do Coração de Jesus, localizada na Rua Padre José Tomaz), onde teve início a feira de Cajazeiras<sup>3</sup>**

Segundo Serrano e Waldman (2010) as feiras livres são práticas de comércio que ocorrem desde os tempos mais antigos na África, onde existiam rotas de caminhos de trocas que se formavam em diversas localidades. Nelas ocorriam de tudo: venda e troca de produtos, manifestações culturais e sociais, como casamentos, e outros rituais, difusão de informações, tudo necessariamente passava pela feira que era o centro da sociedade, estas eram a principal forma de socialização na África dos tempos mais remotos. Apesar de terem ficado mais evidentes no medievo, as feiras já existiam de forma primitiva na África. A autora Giovana Araújo afirma que:

Feiras não surgiram exclusivamente no Ocidente Europeu. Elas também se constituíram e até hoje se fazem presentes no Oriente, no Extremo Oriente, quer devido ao clima que sempre foi propício aos encontros de mercadores e mercadorias, quer em função de aspectos ligados a religiosidade. Este é o caso das feiras do Marrocos e do Magreb, onde elas eram instaladas próximas aos locais santos e destinos de peregrinações. Há também registros de feiras mais ativas em terras islâmicas, como por exemplo, as que se localizavam no Egito, Arábia e

---

<sup>3</sup> Fonte: <http://historiacajazeiras.blogspot.com.br/>. Data de acesso: 14 de abril de 2017.

Síria. Já em relação a algumas regiões da África e da Indonésia, a questão comercial, baseada em sistemas económicos tradicionais, foi anterior à chegada dos colonizadores europeus, sendo inclusive as comunidades tribais classificadas a partir de três tipos de sistemas económicos: as sociedades sem mercado, as sociedades com mercados periféricos e as sociedades com princípio de mercado (ARAÚJO, 2012, p. 64).

Giovana Araújo (2012) afirma que desde o antigo Oriente existiam os locais onde ocorriam as trocas de produtos, como por exemplo, os templos, que além de serem os locais onde as pessoas exerciam suas atividades religiosas, serviam também de local de comércio. Desta forma podemos perceber as modalidades de comércio mais antigas que se assemelham as feiras atuais. Araújo nos traz dados a cerca do surgimento do conceito feira, todavia nos faz pensar sobre tudo que faz parte da feira desde os tempos mais remotos. Nos leva a entender que desde que o homem passa a viver em sociedade, que este desenvolve as trocas comerciais, se apropriando e (re)significando espaços, assim como acontece nas cidades atualmente, onde a feira confere um novo significado ao espaço urbano.

Ao longo da idade média na Europa as feiras ocorriam uma vez por ano e comercializavam produtos que eram produzidos pelos agricultores na França, na Itália e em Flandres (atual Bélgica). A partir do momento que começa a surgir a necessidade de dar vazão aos excedentes no campo, as pessoas foram trazendo seus produtos para os pequenos burgos, para que pudessem trocar por produtos que não possuía ou então produtos que não tinha contato, como por exemplo, com os artigos artesanais. Desta forma esses locais de trocas acabaram acontecendo de forma cada vez mais frequente, sendo estabelecidos dias específicos para que esta acontecesse (ARAÚJO, 2012). As feiras tiveram grande importância no surgimento das cidades, estas aconteciam em períodos específicos e eram organizadas para serem não só locais de comércio para subsistência; se localizavam em pontos estratégicos e atraíam mercadores de diversas localidades: “eram pontos de reunião e lugares de troca, onde se encontravam vendedores e compradores do Norte e do Sul; depois, após algumas semanas, a sua clientela exótica dispersava-se para voltar no ano seguinte” (PIRENNE, 1973, p. 108).

No Brasil as feiras começam a ser realizadas a partir da chegada dos Europeus no século XVI. Segundo Giovana Araújo (2012) a primeira feira realizada no Brasil ocorreu em 1548, quando Dom João III ordenou que fosse organizada uma feira neste território posteriormente esta passou a ter um caráter um pouco mais organizado e acontecendo em dias específicos. Durante o período colonial havia duas formas de

comércio: uma delas era exercida por comerciantes que negociavam artigos de luxo que eram trazidos da metrópole e outro tipo, que era o comércio nativo, onde eram vendidos os produtos agrícolas e bovinos.

Portanto, no Brasil colonial houve, sobretudo no século XVIII, duas maneiras de comércio distintas. Uma era a exercida por mercadores e foi responsável pelas vendas dos artigos finos e de luxo trazidos da metrópole. A outra dizia respeito ao comércio ao ar livre, com a venda de produtos provenientes da terra, produzidos pelos agricultores, lavradores, bem como pelos criadores de gado bovino, que era uma forte atração para o comércio. Na feira vendia-se, prioritariamente, o gado bovino e farinha, como era o caso da feira de Ipitanga, da Freguesia da Mata de São João na Vila de Nazareth, da Feira de Santana, da de Goiana e da de Itabaianinha, na capitania de Pernambuco, entre outras que existiam no que hoje conhecemos como região Nordeste. (ARAÚJO, 2012, p. 66).

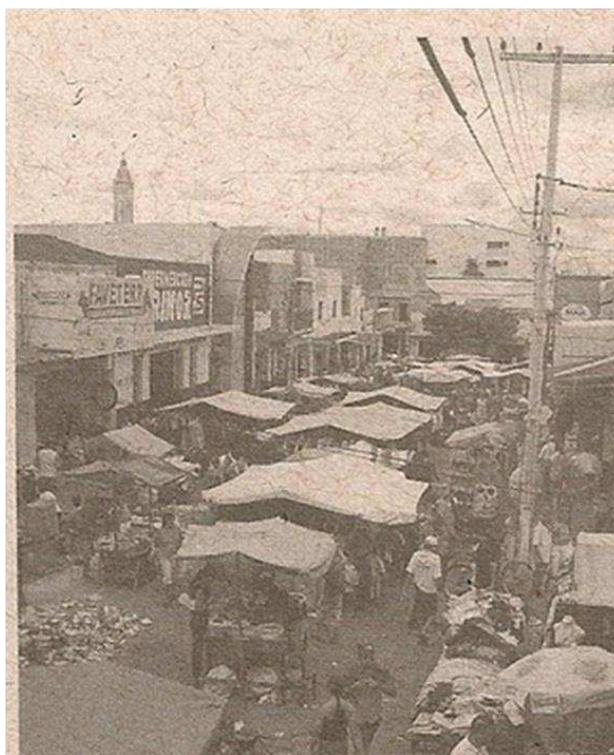
O processo de ocupação do território no período colonial, especialmente com a expansão da pecuária no século XVII, propiciou a criação de rotas comerciais e de transporte de carne e seus derivados (principalmente o couro) pelos caminhos do sertão através dos tropeiros. A dinamização desta atividade favoreceu o surgimento de pequenas povoações e pequenos núcleos de comércio local que estão nas origens das feiras que foram adquirindo importância significativa para o surgimento das pequenas cidades do interior.

As feiras são espaços de comércio existentes nos centros urbanos, tanto nas grandes metrópoles, como em cidades menores. As feiras são responsáveis pelo comércio dos alimentos produzidos pelos pequenos agricultores, ou seja, são o principal centro de comércio da agricultura familiar. Além disto, as feiras geraram diversos empregos diretos e indiretos e contribuem para o desenvolvimento econômico das cidades onde estão localizadas. No entanto, além do caráter econômico, estes mercados populares se tornam espaços que permitem as sociabilidades e abrigam diversos tipos de manifestações culturais; a própria feira de Cajazeiras pode ser conceituada uma manifestação da cultura imaterial de uma região, possibilita um encontro entre campo e cidade, além de se consolidar como rota comercial no sertão da Paraíba, atraindo pessoas de diversos municípios vizinhos.

Todavia, com as novas formas de comércio existentes apontadas acima, a feira de Cajazeiras aos poucos acabou perdendo espaços para novos centros comerciais, que oferecem uma infinidade de produtos, assim como novas formas de pagamento e uma facilidade cada vez mais exigida no mundo atual. Atualmente percebemos que, mesmo nas

idades menores, a feira acaba tendo que lidar com concorrências cada vez maiores dos shoppings centers, dos supermercados e até mesmo da internet. Desta forma, nesta pesquisa buscamos entender as possíveis transformações ocorridas na feira livre de Cajazeiras assim como buscamos entender como a feira vem conseguindo resistir como espaço de comércio e de expressão de práticas e resistência cultural.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a presença da feira livre na cidade de Cajazeiras, buscando entender suas transformações ao longo do tempo tendo ênfase principalmente nas décadas de 1980 e 1990 época em que, de acordo com depoimento dos entrevistados, a feira viveu o seu auge. A partir do início do século XXI a feira de Cajazeiras começou um processo de retração de suas atividades, de sua importância no comércio local e como espaço de sociabilidade, o que trouxe uma diminuição do fluxo de pessoas e de negócios. Todavia vale ressaltar que os feirantes ainda continuam resistindo, mesmo com a diminuição do interesse da população da cidade, especialmente dos mais jovens. Assim, percebemos a feira de Cajazeiras como um espaço de resistência cultural fincado no coração da cidade. O objetivo deste trabalho é, portanto, compreender as formas de resistência dos trabalhadores, dos comerciantes e do público que estão hoje emocionalmente vinculados àquele lugar.



**Figura 3: Imagem da feira de Cajazeiras (acervo <http://historiacajazeiras.blogspot.com.br/2014>)**

Diante das transformações econômicas e urbanas de Cajazeiras nos últimos anos – o crescimento da cidade e sua consolidação como centro educacional, especialmente com a abertura de novas instituições de ensino de ensino superior - a principal finalidade desta pesquisa é entender como os feirantes enfrentam o declínio do movimento de compradores, dos lucros e da importância cultural da feira livre de Cajazeiras. Para isso buscaremos compreender a organização da feira livre de Cajazeiras nas décadas de 1970 e 1980 até os dias atuais, percebendo as possíveis transformações e continuidades e conhecer a feira através do olhar de antigos feirantes. A pesquisa procurou conciliar a perspectiva historiográfica e o olhar etnográfico que permitiu observar os rituais envolvidos neste comércio ao mesmo tempo informal e radicado na história de Cajazeiras.

Do ponto de vista metodológico, além do levantamento bibliográfico, destacamos que este trabalho utilizou principalmente as fontes orais, quando foram realizadas entrevistas com antigos feirantes que trouxeram relevantes informações acerca da organização da feira em décadas passadas. Tomando as considerações de Jacques Le Goff (1994), Michel Pollak (1989) e Alessandro Portelli (1997) como referências para este trabalho realizamos três entrevistas com feirantes (realizadas entre os anos de 2014 a 2016) que trabalharam na feira de Cajazeiras desde a década de 1950.

Verena Alberti coloca as possibilidades que a história oral proporciona para a pesquisa histórica. As fontes orais possibilitam a pesquisa através de grupos, como as pessoas veem os acontecimentos, como essas pessoas ressignificam tais acontecimentos através de suas experiências: “essa riqueza da História oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais.” (ALBERTI, 2008, p.166). A história oral teve seu desenvolvimento durante o século XX com o aprimoramento das tecnologias com relação às gravações, abrindo espaço para as entrevistas de “história de vida” e dando privilégio as pessoas que antes ficavam à margem da historiografia.

Opondo-se à História positivista do século XIX, a História oral tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e se voltar para a História dos humildes, dos primitivos, dos “sem História” (em oposição à História da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores). (ALBERTI, 2008, p.157).

Assim entende-se uma busca pela história de se voltar mais para a história das pessoas que antes ficavam a margem, que não eram ouvidas e não tinham suas memórias

divulgadas, em contrapartida a uma história dos vencedores, que eram generalizadas e acabavam encobrindo a memória daqueles que antes eram considerados sem história.

A partir da década de 1950 nos Estados Unidos surge uma nova geração da história oral, que busca dar voz a aqueles que eram excluídos pela história, deixando de ser apenas algo complementar, a história oral passa a ter cada vez mais espaço. A partir de 1975 a história oral vive um período de grande progresso, e é nesse período que surge na França os arquivos orais.

No Brasil a história oral começou a ser praticada na década de 1970 com o crescimento dos programas de pós-graduação, todavia é só a partir de 1990 que a história oral ganhou mais espaço na historiografia com os seminários e encontros para debate sobre as fontes orais, ganhando espaço tanto dentro da academia, como fora desta. Para Etienne François:

A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos “dominados”, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc.), à história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da história da vida cotidiana), à história local e enraizada. Em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferência a uma história vista de baixo, atenta às maneiras de ver e de sentir, e que às estruturas “objetivas” e às determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais, numa perspectiva decididamente “micro-história” (FRANÇOIS, 2006, p.4).

Para François o estudo da oralidade se desenvolveu a partir da aproximação com a antropologia e se concretizou a criação de um campo específico, a história acaba se interessando pela oralidade quando percebe que esta pode oferecer novos campos de pesquisa, dando ao pesquisador uma inesgotável fonte de informações e abrindo um leque de possibilidades de pesquisa. Por muito tempo, segundo a autora, a história oral teve que reivindicar seu espaço, pois por um longo período a história oral foi desprezada pelos historiadores mais tradicionais, vista como uma fonte de informações não confiáveis e passíveis de distorção.

Além disso, buscando uma aproximação com a antropologia, esta monografia foi construída a partir de frequentes visitas para observação da feira livre e a produção de diários de campo. Sobre o estudo etnográfico afirma o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani:

A etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo – se até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles é assim tentar sair com o modelo novo entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2009, p.135).

Assim, procurando relacionar metodologias advindas da história e da antropologia, buscaremos conhecer o ambiente da feira atualmente, quem são as pessoas que nela trabalham, disposição espacial da feira no centro da cidade, dentre outras características sobre sua organização e algumas peculiaridades. Além de entrevistas com feirantes que narraram como era a feira no passado recente, também realizamos fotografias que permitem perceber melhor a organização da feira, sua lógica interna, para que possamos ter uma compreensão mais clara das possíveis transformações ocorridas naquele lugar.

A partir das referências bibliográficas, esta pesquisa dialoga com o trabalho de Giovanna Araújo (2012) que realizou um estudo comparativo entre as feiras brasileiras e as feiras em Portugal, buscando compreender como os efeitos da globalização causaram transformações tanto nas feiras nordestinas, como nas feiras portuguesas. Em seu estudo a pesquisadora buscou perceber as estratégias utilizadas pelos trabalhadores das feiras e suas formas de resistência. Utilizamos também os estudos de Michel Pollack (1989) e Jacques Le Goff (1994) que foram pioneiros nas análises das relações entre história e memória. Para entendermos os conceitos com relação à história oral recorreremos às pesquisas de Alessandro Portelli (1997) e Peter Burke (2005) que tratam dos problemas metodológicos com relação aos estudos da história oral.

Neste sentido esta monografia desfia-se em três capítulos. O primeiro capítulo discute teoricamente as relações entre memória e história oral, buscando uma compreensão analítica para refletir sobre as memórias dos feirantes e suas entrevistas. No segundo capítulo entenderemos como as feiras surgiram no Nordeste e como este comércio se desenvolveu na cidade de Cajazeiras no período de 1970 e 1980. O terceiro capítulo traz as análises através das imagens e da etnografia, para assim podermos entender as possíveis transformações ocorridas, assim como entender as formas de resistências dos comerciantes frente à concorrência com novos espaços de comércio na cidade.

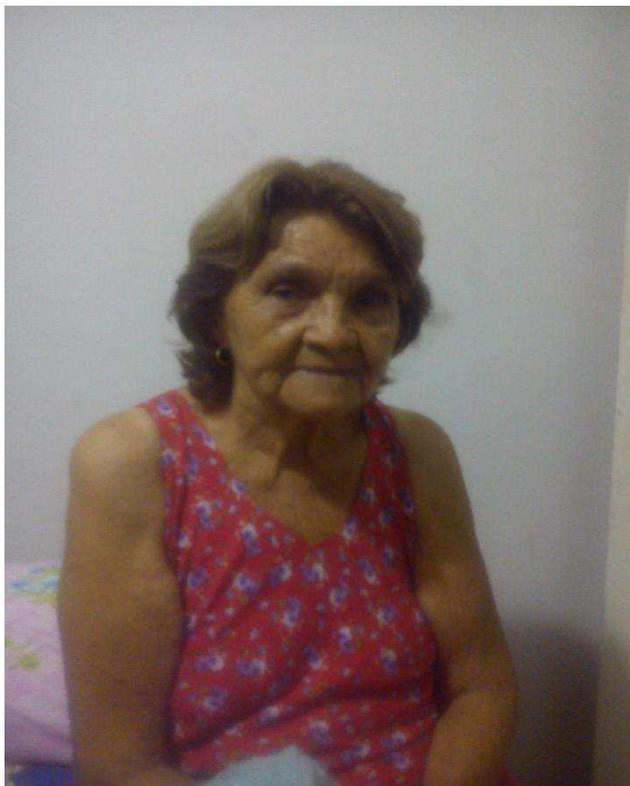
## **CAPÍTULO 1. APRENDENDO COM CONCEITOS DE MEMÓRIA PARA DIALOGAR COM AS LEMBRANÇAS DE MARIA DOS COCOS, JOSÉ ROSA E JOAQUIM PEREIRA.**

A feira livre da cidade de Cajazeiras por um significativo período desde o seu surgimento no ano de 1848 se configurou como um dos primeiros espaços comerciais desta cidade, assim como se tornou um espaço propício para o surgimento de manifestações culturais como os violeiros e cordelistas, como também manifestações sociais com os saques e as sociabilidades. Atualmente quando chegamos à feira de Cajazeiras encontramos um espaço que uma vez por semana se modifica e modifica a cidade. Chegar à Rua Padre Manoel Mariano de segunda a sexta feira é algo muito diferente do que ir no sábado em um dia de feira. No sábado este espaço ganha um sentido diferente: a rua é fechada e o trânsito dos carros intenso durante a semana e dá lugar ao trânsito de pessoas, que se espremam pelas calçadas ou andando por entre as barracas, sempre correndo o risco de bater a cabeça em uma roupa pendurada ou lona de barraca, ou pisar em alguma coisa que os feirantes expõem ao chão. Na feira os fregueses possuem um costume que só na feira encontramos: de provar o alimento antes de comprar, vemos isso constantemente com a rapadura, por exemplo, no caso das frutas os fregueses a pegam, olham se estão boas, já que na feira os sentidos são muito usados, o tato, o olfato, a visão e o paladar ficam mais aguçados e são decisivos na escolha dos produtos.



**Figura 4: Feira Livre vista do alto na Rua Padre José Tomás (Acervo Cajá Fagno Dallino).**

A feira se enraizou na memória dos feirantes, por muito tempo esteve presente na vida desses trabalhadores e em alguns momentos a vida e a feira se confundiam, se tornavam uma coisa só. O trabalho na feira assumia um papel para além do local onde as pessoas tiravam seu sustento e o de sua família, para ser um espaço onde laços de amizades são formados, onde as pessoas pudessem manifestar suas artes, como a música, a literatura, a arte de vender suas produções tanto artesanais como agrícolas, onde as pessoas se sentem a vontade para serem quem são.



**Figura 5. Entrevistada Maria de Lurdes Matias (Maria dos Cocos)**

Conhecida na feira de Cajazeiras como Lurdes dos Cocos, Maria de Lurdes Matias, nascida em 1938, começou na feira quando se casou no ano de 1959. Seu esposo deixou o trabalho com o pai na fabricação de tijolos para seguir na agricultura e na feira. Lurdes dos Cocos trabalhou foi companheira de seu esposo na venda de produtos na feira e na roça por cerca de quarenta e oito anos. Mãe de três filhos, Dona Lurdes (como passei a chamá-la nas entrevistas) deixou a feira quando se aposentou em 2008 aos setenta anos de idade. Vivendo problemas conjugais, por inúmeras vezes cuidava sozinha da banca e dos filhos. Pude notar que em muitos momentos, Dona Lurdes possui expressões faciais tristes, ressentimento em sua voz, principalmente quando fala dos problemas com o marido que a deixava sozinha na feira e era obrigada a assumir uma dupla jornada de trabalho.

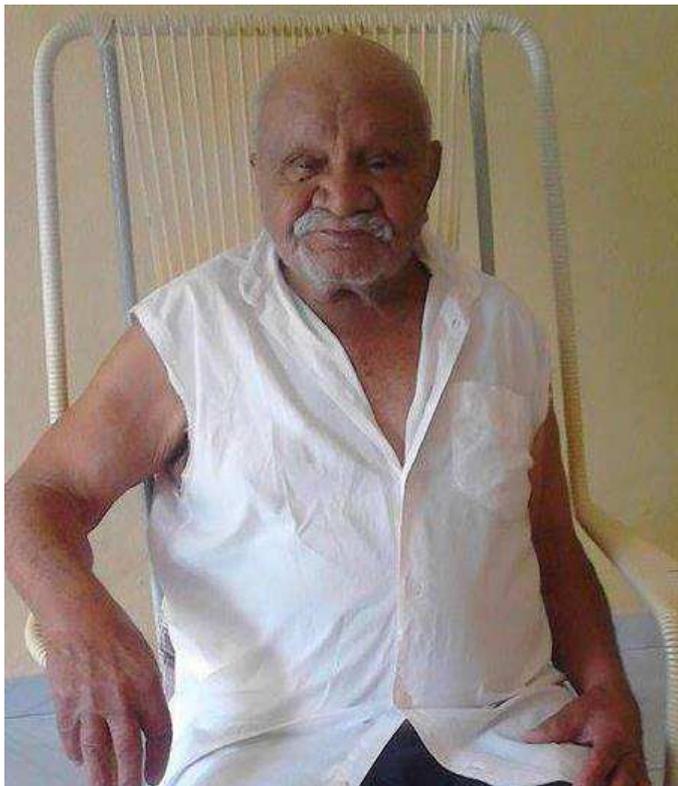
Conheci ele fazendo telha e tijolo. Aí depois, nos fomos pra feira, era feira, eu me casei e fiquei trabalhando em roça mais ele, toda vida eu fui agricultora, forte, meu pai vendia, apanhava algodão dos outros, apanhava feijão de ganho, meu pai tudo fazia, fazia tudo, ai me casei e fiquei trabalhando na mesma coisa, ele botava roça e eu tomava de conta mais ele, limpava mato, apanhava feijão, os cambal (Maria de Lurdes Matias, 2014)

Problematizar as memórias não é uma tarefa fácil, pois é na memória que se guarda tudo aquilo que marca a vida de uma pessoa, é na memória que arquivamos momentos importantes para nós, períodos difíceis, marcados por sofrimentos, assim como momentos felizes que nos trazem boas recordações. Dar ênfase a um grupo específico é algo que exige do pesquisador muito empenho e cautela, a memória é algo delicado, pois abriga importantes recordações da vida das pessoas, que ao serem instigadas podem aflorar emoções que por muito tempo estiveram guardadas por medo do sofrimento, de retaliações ou simplesmente por não encontrarem quem as escutem.

Entrevistamos também o feirante José Joaquim de Santana, conhecido por José Rosa. Nascido em 1932, José Rosa trabalhou por cerca de cinquenta anos na feira de Cajazeiras. Aos oitenta e três anos de idade afirma não recordar mais o porquê começou a trabalhar na feira, mais buscava nela um trabalho que pudesse sustentar a família.

Eu vendia cereais à retalho né, comprava em grosso e vendia à retalho, no litro, no litro e passou para o quilo né, aí era pesando na balança. Aí eu trabalhei um montão de tempo naquele negócio e tinha muitas pessoas que trabalhavam ao redor de mim na feira também (José Joaquim de Santana).

Segundo José Rosa sua barraca era uma das centrais da feira e ponto de referência em Cajazeiras, este se orgulha dizer que de tudo vendia nela. Era ajudado por sua companheira que quando não estava em casa cuidando dos três filhos do casal, estava na feira ajudando o marido. Em muitos momentos da entrevista, ao lembrar-se do tempo que trabalhava na feira, José Rosa se emociona fortemente, em razão do fato de não poder mais trabalhar e de estar com problemas de saúde que o impedem de se locomover sozinho.



**Figura 6. Entrevistado José Joaquim de Santana (José Rosa)**

A feira não só possibilitou o sustento da família, como também possibilitou a oportunidade de ter a independência, de poder trabalhar e ganhar o próprio sustento, como o caso do entrevistado José Rosa, que doente sem poder mais andar sozinho, chora ao lembrar-se do tempo que ia a feira, trabalhava, conversava com seus amigos "Era eu que sustentava a casa trabalhando na feira, eu gostava de trabalhar na feira, não tinha outra coisa tinha que ser aquilo mesmo..." Essas memórias provocam diversos tipos de emoções nos depoentes.

Também entrevistamos o feirante Joaquim Pereira Leite, nascido em 1946, que iniciou seu trabalho na feira ao se casar em 1962, aos dezesseis anos de idade, este trabalhava antes em uma loja de tecidos. Residente no Sítio Catolé, localizado na zona rural de Cajazeiras, vinha todos os sábados trabalhar na loja, até que decidiu trabalhar na feira para ter o próprio negócio. Joaquim ainda trabalha na feira de Cajazeiras (até a data de realização desta pesquisa), mas afirma que pretende parar de trabalhar, já que está aposentado e também por ter tido recentemente um problema de saúde.



**Figura 7. Entrevistado Joaquim Pereira Leite**

Mas como utilizar a memória como fonte de pesquisa? Os historiadores Jacques Le Goff (1994), Michel Pollak (1989) e Alessandro Portelli (1997) afirmam que a principal forma de conhecer essas memórias é através da história oral que esta diretamente ligada com o estudo da memória.

### **1.1. Considerações acerca da memória.**

O conceito de memória, visto como uma capacidade humana de lembrar acontecimentos que ocorreram no passado (LE GOFF, 1994), não é uma tarefa tão simples de se compreender. Segundo Le Goff os estudos sobre a memória vão surgir com base na história e na antropologia, isso quando novas fontes de pesquisa podem ser utilizadas. Inicialmente é possível conceituar a memória como a faculdade de armazenar informações que ocorreram no passado. A memória é extremamente importante na aprendizagem, pois é um recurso mnemônico, ou seja, o resultado da organização ou reconstituição de um evento; é através desse conceito que muitos historiadores buscaram a aproximação da

memória com as ciências sociais. Por outro lado, o desenvolvimento da informática e da biologia imprimiram novos conceitos a palavra memória, dando a esta novos sentidos, no caso da informática está relacionada aos bancos de dados dos computadores, já na biologia, a memória hereditária onde ficam guardadas as informações do código genético humano (1994, p. 422).

Com relação à memória individual e ao esquecimento, Jacques Le Goff afirma que esta é afetada por diversas questões que influenciam na capacidade de esquecimento voluntário ou não, de certas informações contidas na memória, o autor cita a afetividade, o interesse, a censura, o desejo, dentre outras, como possíveis causadoras de esquecimentos da memória. Sobre essa questão de memória e esquecimento, o autor Michael Pollak afirma que: “Essa tipologia de discurso, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal entendidos” (POLLAK, 1989, p. 8). Desta forma o silêncio age como forma de buscar autoproteção, assim como por não ter a quem falar.

Para Le Goff esses silêncios da memória acabam ocorrendo por causa da manipulação das memórias coletivas por aqueles que detêm o poder.

Importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (1994, p. 422).

O autor alerta para a possibilidade de a memória ser manipulada, a memória com base nas intenções daqueles que detêm o poder, desta forma, afirma que essa manipulação da memória não significa dizer que toda é qualquer memória é passível de manipulação, as memórias individuais, por exemplo, são mais difíceis de serem manipuladas.

Le Goff trás o conceito de memória étnica, termo designado para as sociedades sem escrita, nesta há a utilização da mnemotécnica<sup>4</sup>, mais principalmente da oralidade como forma de manter vivas as tradições dessa sociedade, onde as tradições são passadas de geração em geração através da palavra falada. Essa memória é constituída não de forma mecânica mais sim através de construções e reconstruções, as formas de memorização

---

<sup>4</sup> São técnicas de memorização fundamentadas em associações de símbolos, empregadas para facilitar a quem as utiliza a lembrar de algo.

ocorreram com mais liberdade e criatividade. Este aponta para o desenvolvimento das sociedades orais pra uma sociedade escrita, com esse desenvolvimento, surgem dois tipos de memória, uma memória comemorativa que exalta os monumentos, e o segundo é o documento escrito. Esse desenvolvimento permite também a manipulação da memória coletiva buscando o poder.

Michael Pollak (1989) afirma que essa exaltação aos monumentos acaba sendo como rastros de cristalização de uma memória coletiva, uma forma de moldar a memória, Pollak chama de “enquadramento da memória”, onde aqueles que detêm o poder buscam enquadrar uma memória coletiva a partir de suas vontades, silenciando as memórias individuais.

Michael Pollak dá ênfase às memórias individuais, principalmente as memórias individuais que denominou de “memórias subalternas”, daqueles que normalmente não são ouvidos pela história. Segundo Pollak (1989), muitas dessas memórias, na qual chama de “memórias subalternas” vêm à tona em momentos de crise. Afirma o autor: “Essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados” (POLLAK, 1989, p.4). Estas muitas vezes, permanecem por muito tempo silenciadas e esses silêncios ocorrem por diversos fatores, como, por exemplo, o medo, muitas vítimas preferem manter o silêncio por medo de serem julgadas por sua conduta, como forma de poupar os familiares de lembranças traumatizantes, ou simplesmente por não acharem pessoas que queiram conhecer tais memórias. Todavia, Pollak ressalta que por mais que essas memórias sejam silenciadas elas não são esquecidas, elas continuam vivas longe do conhecimento da grande massa, nessas memórias individuais existem lacunas, que são formadas possivelmente pelo inconsciente que reprimem certas informações, é o que o autor chama de “não-dito” (1989). Segundo Pollak: “Essa tipologia de discurso, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angustia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal entendidos” (POLLAK, 1989, p.8). Desta forma esses silêncios, espaços obscuros, tem razões de existirem e devem ser analisadas pelo pesquisador que tratará com essas memórias, que deve entender tais silêncios e o porquê deles existirem.

Nas entrevistas realizadas neste trabalho, nota-se uma profunda nostalgia por parte dos feirantes, em alguns momentos o choro interrompe o andamento entrevista, ou percebemos o quão é difícil tocar em alguns assuntos. A feira e a vida dessas pessoas

estiveram por muito tempo interligadas e por isso situações que ocorreram até mesmo fora do ambiente de trabalho são associadas a este, como por exemplo, os problemas familiares, o fato de ter que deixar os filhos aos cuidados de outras pessoas para poder ir trabalhar. As situações no ambiente de trabalho também trazem lembranças difíceis, pois o trabalho na feira era árduo, trabalhar sob um sol forte, em pé lidando com diversos tipos de situações, nos períodos de seca as dificuldades de conseguir os produtos para revenda ou os saques que ocorriam, assim como os períodos de chuva que também afetavam a produção e alagavam a feira causando transtornos. Mais a feira também traz boas recordações para esses feirantes, a alegria de ter sustentado a família, como coloca a feirante Maria de Lurdes Matias (Lurdes dos Cocos):

Feira muito boa ali, muito boa ali, muito boa, apurei muito tostão, esses meninos eram pequenos mas, graças a Deus, com feira da fruta eu sustentava eles de tudo. Graças a Deus não faltava, fazia minha feira na feira de balai nunca faltou, ele estava farrando, botava o dinheiro na minha mão pra eu fazer minha feira, pagava o balai, fazia de tudo, de tudo, eu tinha fruta né, as frutas não comprava, tinha em casa.

Ao incitarmos a memória dos feirantes sobre o período em que viveram na feira, emoções diversas afloram junto com as lembranças dessas pessoas, alegrias e tristezas vem a tona novamente ao recordar um período tão marcante para muitas pessoas. A feira se tornou um espaço de cultivo de amizades, onde o entrevistado Joaquim Pereira que fez questão de listar aqueles que fizeram parte da feira e não estão mais presentes:

Hoje o mais velho da feira sou eu de todos, João Ferreira esse cidadão era do Catolé, ele já morreu. Ele vendia cereais também na feira. Joaquim de Dina esse cidadão morava perto da cadeia, já morreu também. Raimundo Alves esse era do Catolé também Vinha do sitio, que nem eu, do mesmo jeito. Aqui Joaquim Ferreira do Catolé também, botei os do Catolé primeiro, já morreu também. Ai aqui era Emídio Gomes morreu, ele morava ali perto da cadeia, naquele bequinho estreito de cima, era um senhor morreu de idade ele é. Francisco Enéas que morava na Camilo de Holanda já morreu também. José Saraiva já morreu, João Filirmino morreu. Antônio Vicente já morreu, Adriano Paulo já morreu, Gino Gomes morreu, Trajano Lopes morreu. Antônio Gonçalves morreu que era um senhor que tinha uma propriedade ali perto do Papa-Mel ele vendia na feira também, e aqui José das Neves morreu. Esses catorze aqui, eu cheguei na feira achei todinhos, aí foi morrendo, foi morrendo, foi morrendo...

O estímulo à memória dos feirantes através da entrevista pode trazer à tona sentimentos de um período de intenso trabalho na vida dos feirantes. A feirante Lurdes dos

Cocos cuidava dos filhos, da casa, e de sua banca na feira praticamente sozinha, também enfrentava problemas conjugais nesse período. Ao se referir ao fato de cuidar sozinha dos filhos ela afirma que : “o pai bebia cachaça, eu tomava de conta da feira...” A partir disso percebemos que em muitos momentos Dona Lurdes hesitava falar sobre assuntos relacionados ao marido e o porquê dela cuidar da banca sozinha: “eu não me lembro mais de nada”. Todavia todos colocam o quanto a feira foi importante para o sustento da família e como era gratificante o trabalho neste espaço. Percebemos o quanto a feira é e foi importante na vida destas pessoas, já que esta se fez presente na maior parte da vida desses feirantes, a vida e a feira em muitos momentos se tornavam uma coisa só.

Tocar nessas memórias para os feirantes é algo muito delicado, já que teremos acesso a informações e sentimentos para nós pesquisadores que até então são desconhecidos, nos trazendo inúmeras surpresas. Por parte do pesquisador cabe uma sensibilidade ao entrar em contato com essas memórias, respeitá-las, memória estas que assim como despertam alegrias, podem despertar dor.

## **1.2. O trabalho com as fontes orais.**

Para Alessandro Portelli (1997) a principal questão que envolve o trabalho com as fontes orais é com relação à utilização dos áudios nas pesquisas. Portelli afirma que muitos historiadores se equivocam a considerar que o documento é o áudio, todavia quando as pesquisas são publicadas, os áudios acabam sendo deixados de lado dando lugar apenas para o texto escrito, as transcrições. O autor alerta que estas transcrições devem ser o foco da atenção dos pesquisadores, principalmente com relação à interpretação do que se escuta. O autor sugere que certos ritmos e formas com que frases são ditas, acabam não sendo reproduzidas nas transcrições, limitando o entendimento, assim como a pontuação gramatical que nem sempre respeita as pausas e ritmos originais da entrevista, essas pausas e ritmos por muitas vezes contem inúmeros e importantes significados e segundo Portelli, só podem ser notados quando se ouve a entrevista e não quando a lemos.

Não só acontecimentos podem ser estudados pela história oral mais também os grupos sociais, como se desenvolvem, como veem a própria vida e os acontecimentos da qual fazem parte.

É a partir da história oral que temos acesso a memória desses feirantes, essas memórias possibilitam conhecer a feira através de um olhar de alguém que não só esteve presente na feira, mais principalmente que a produziu, que viveu a feira, que a fez, que possibilitou que a feira existisse, nos ajuda a entender não só a feira mais também essas pessoas, as relações existentes entre a feira e os feirantes. A história oral acaba sendo uma ferramenta primordial para o historiador, pois não só ajuda a preencher lacunas que talvez fossem impossíveis de serem preenchidas, assim como as entrevistas, são fontes infundáveis de informações que nos levam a pensar sobre diversos aspectos.

É importante ressaltar esse processo da entrevista, que começa bem antes do ato da entrevista em si, o pesquisador deve ter em mente como a entrevista acontecerá, qual tipo de entrevista será, quais estratégias utilizar, e ter uma boa base do tema que busca pesquisar, deve ser levado em consideração, que o ato da entrevista é marcado por inúmeras surpresas, informações que muitas vezes podem mudar o rumo da pesquisa, ações dos entrevistados, emoções que podem se transformar em silêncios. Todavia até mesmo os silêncios, aquilo que não foi falado faz parte da entrevista, sempre podemos tirar informações destes acontecimentos. Ao final da entrevista uma terceira etapa se inicia, onde o pesquisador deve transcrever e analisa aquilo que foi dito ou não dito e incorporar ao trabalho.

As entrevistas orais trazem uma forma muito particular de ver a feira, relembando períodos vivenciados de formas diferentes por cada pessoa. Por isso que a memória esta tão ligada à identidade. Nas entrevistas, nós temos contatos não só com esse período da feira, mais sim com pessoas que enfrentaram esse trabalho como feirante, de forma muito diferente, por mais que estivessem no mesmo espaço, e essas são a base da própria feira, abrigar pessoas diferentes, com pessoas que através de sua bagagem de vida transformam a experiência da feira em algo único. A partir de cada ponto de vista, nós conhecemos algo diferente, nós obtemos uma visão da feira diferente, uma visão dos entrevistados sobre os outros feirantes que trabalharam lá que se modifica a cada depoimento.

Para cada pessoa ali presente a feira tinha um sentido diferente, certo que em alguns momentos os discursos se assemelham, todavia para cada pessoa, a feira possui um simbolismo distinto, buscar no trabalho na feira como a melhor oportunidade de lucro do que em empregos formais, ou por causa do casamento que leva a mulher a seguir o marido para o trabalho na feira, ou por já trabalhar no cultivo da terra e o trabalho na feira findam

por serem uma ligação com este já exercido, faz com que para cada pessoa, a feira tenha um sentido diferente, e as razões que levaram essas pessoas até se modificam a cada entrevista.

Ao ser perguntada sobre o porquê começou trabalhar na feira a feirante Lurdes diz que: “ logo quando eu me casei, eu comecei na feira”, e com o passar do tempo esta acabou assumindo a total responsabilidade por este trabalho: “a feira era mais comigo do que com ele”. As mulheres feirantes assumiam diversas tarefas, além do trabalho fora, cuidavam da casa e dos filhos, algo visto atualmente como símbolo da “mulher moderna” que se divide entre o trabalho fora e dentro de casa. Dona Lurdes sente orgulho do que fazia: “linda minha banca toda amarelinha de fruta”. Percebemos como essa evolução ocorre e isso pode ser percebido em outros casos quando as mulheres dos homens feirantes iniciam na feira para auxiliarem seus maridos: “era só as mulheres dos casados”.

Para este trabalho é importante ressaltar que foi primordial a realização de entrevistas, pois nada melhor do que conhecer a feira através dos seus principais atores, daqueles que possibilitaram sua existência, e a partir das entrevistas podemos entender a feira e aqueles que a faziam, além disso, sem os depoimentos seria inviável a realização deste trabalho, visto que a feira de Cajazeiras, até o momento não foi alvo de interesse por pesquisadores, assim como ha uma enorme dificuldade em se chegar aos registros sobre a feira nos órgãos públicos, que sempre ao serem procurados, informam não existirem registros sobre a feira.

Um ponto a ser ressaltado, é a relação existente entre os entrevistados e os entrevistadores, para Portelli, a entrevista é o resultado dessa interação entre o pesquisador e o entrevistado. O pesquisador é o coordenador da entrevista, já que é este que seleciona as entrevistas, a forma com que estas serão conduzidas e o que irá para o trabalho final. No entanto, o pesquisador deve aceitar o entrevistado, aceitar o que este diz, já que para o autor não existem falsas informações nas entrevistas. O historiador acaba se tornando parte da fonte, já que este participa ativamente dessa produção, onde suas intenções acabam se refletindo também na entrevista.

É importante ressaltar, que o historiador neste momento não é imparcial, já que a entrevista não consiste apenas no áudio ou na palavra transcrita, mas sobretudo na análise feita pelo historiador.

Em suma após as reflexões a cerca de memória e história oral e após conhecermos e analisarmos as memórias dos antigos feirantes, partiremos para o segundo capítulo, onde trataremos das origens da feira livre e o seu desenvolvimento na cidade de Cajazeiras.

## **CAPITULO II: A FEIRA DE CAJAZEIRAS: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS.**

Com suas cores, cheiros e sons, e uma enorme diversidade de produtos, a feira livre acontece em meio a um emaranhado de pessoas transitando para todos os lados, desviando de barracas e produtos muitas vezes espalhados ao chão. Formada por pessoas que trabalham buscando o seu sustento em uma organização desorganizada, a feira como seu próprio nome diz é livre, é ao ar livre, é aberta pra quem quiser dela participar sem qualquer tipo de distinção ou apego as diferenças, não seleciona seu público, a feira acolhe a todos.

Muitas feiras passaram a existir através da pecuária, assim como muitas cidades começaram a surgir através das feiras (SOUZA, 1975). No Nordeste as feiras tiveram seu inicio através das feiras de gado, que se iniciaram como forma de fornecer alimento e transporte para as populações, aos poucos a criação de gado foi chegando ao interior do país, até chegar ao Nordeste, criando assim estradas que antes não existiam.

Segundo o historiador Caio Prado Junior, a ocupação do Nordeste brasileiro ocorreu com o auxilio das fazendas de gado a partir do século XVII que vão permitir o aparecimento de diversas estradas e facilitar a ocupação, além de servir de alimento. Por causa do clima, terreno e vegetação do nordeste que dificultam a produção agrícola, e mesmo com a escassez da água, a criação de gado acabou se desenvolvendo pela adaptação deste animal às condições climáticas assim como a vegetação do sertão (PRADO JUNIOR, 2008, p. 60).

As feiras livres podem ser consideradas um elo entre o meio urbano e o rural, onde em períodos específicos estas se misturam tornando-se um só. No momento da feira, produtos vindos do campo são comercializados na cidade em meio a produtos artesanais, e produtos de origem na cidade, campo e cidade nesse período se misturam, havendo um intercâmbio de pessoas, de costumes, de produtos tornando o espaço da feira um local único de trocas, trocas estas que vão além do caráter material, já que entrando em contato, pessoas de diferentes locais acabam trocando também suas experiências, seus costumes, muitas vezes tão distintos.

Nos sertões da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, as primeiras estradas foram os caminhos das boiadas. Assim é que numerosas povoações núcleos de futuras vilas e cidades - estabeleceram-se às margens dos rios, nos lugares onde estes ofereciam passagem mais

fácil aos animais, e à beira dos caminhos, nos pontos em que as boiadas paravam para descansar (SOUSA, 1975, p. 389).

Segundo Elza Coelho Sousa, iniciou-se assim um intenso comércio de gado, como o gado era transportado por longos trajetos até chegarem ao seu destino final, durante esses trajetos, era necessário fazer algumas paradas e nestas paradas para descanso que se deu a formação de povoados e neles a criação de praças de comércio que facilitavam a viagem, não havendo mais necessidades de percorrer trajetos muito longos, assim dando origem as primeiras feiras no interior.

A feira vai se desenvolver como um reflexo da urbanização da própria cidade de Cajazeiras, que necessita de um comércio que de vazão aos consumidores que aumentam e com o desenvolvimento da cidade. O livro do memorialista Antônio Assis Costa (Tota Assis) informa que o desenvolvimento de Cajazeiras se intensificou a partir do ano de 1921, quando se inicia as obras contra a seca no governo do Presidente Epitácio Pessoa. As cidades do sertão paraibano começaram a ser modificadas pela chegada dos trabalhadores do IFOCS – Inspeção Federal de Obras Contra a Seca. Em Cajazeiras a empresa norte-americana Dwight P. Robinson & Companhia foi contratada em 1920 para construir o açude Engenheiro Ávidos que iria abastecer a cidade. A obra foi abandonada pela companhia norte-americana e concluída pelo IFOCS somente em 1936. Ainda na década de 1920 os moradores de Cajazeiras viveram a empolgação da chegada do trem (1926) que interligaria a cidade aos demais centros urbanos da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.



**Figura 08. A estação de Cajazeiras e a locomotiva a vapor (cervo Solidonio Lacerda)**

Além da criação de gado e da agricultura de subsistência, a cidade de Cajazeiras se desenvolveu graças ao cultivo do algodão, importante item do comércio internacional do Brasil com a Europa, o algodão passou a ser conhecido como o “ouro branco” em razão da sua valorização e do progresso econômico associado ao seu cultivo. Além do progresso com as obras do IFOCS, o bom inverno e a boa safra de algodão contribuíram pra o desenvolvimento da cidade, que se refletia na economia, a feira livre fazendo parte dessa economia, pois como o principal espaço de comércio, também se desenvolvia junto com a cidade.



**Figura 09. Mapa mostrando a linha principal da estrada de ferro, e os seus ramais. Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/alagoa.htm>**

Tota Assis informa que o ano de 1925 foi marcado como um momento de intenso desenvolvimento para a feira livre, principalmente por causa da safra de algodão, onde este acaba tendo uma elevação no preço, em virtude da regularidade do clima que variava entre períodos de seca e chuvosos, os maquinários puxados pela força animal foram substituídos por modernos automóveis e locomotivas a vapor, aliado ao progresso iniciado em 1921, a feira se expande cada vez mais.

As feiras se caracterizavam pela sacaria de cereais e legumes, pelas louceiras estendendo as suas obras de barro cozido na variedade de potes, panelas, alguidares, jarras, até penicos de barro, pelos cantadores de folhetins de cordel, cantando as loas dos doze pares da França, da mulher que enganou Lúcifer, pelas bancas de comidas, comidas gostosas, feitas ali mesmo, no meio da feira, por experientes cozinheiras, pois até gente importante vinha comer na feira, dado ao paladar apetitoso: fígado de porco novo, paçoca de carne de boi com banana maçã bem madurinha... e o menino “biqueiro” em casa, enchia a boca d’ água, desejando comer ali

na feira , fora de casa , um prato que Rosa de Agina fazia e vendia na feira por um mil e quinhentos reis”.(COSTA, 2013, p. 75).

A feira de Cajazeiras nesse período era a principal forma de abastecimento das famílias desta cidade e de regiões próximas. Com produtos artesanais para os agricultores como o gibão, os artigos de couro, chapéus de palha, ferramentas que auxiliavam o trabalho agrícola, assim como frutas, verduras, farinha, feijão, arroz, vendidos em sacos. O feijão verde vendido ainda no bago, o milho vendido ainda na palha, esta usada para fazer pamonha. Eram vendidas roupas e calçados para adultos, e crianças, as bonecas de pano e os carrinhos de madeira que encantavam as crianças, os doces que davam o gosto da infância, os violeiros e cordelistas que distraíam a todos em um sábado de feira.

A urbanização da cidade de Cajazeiras ocorreu em um período em que a cidade passou por intensas transformações, com o alargamento de ruas, o desenvolvimento da vida noturna através da utilização da luz elétrica, a chegada do telégrafo, da imprensa, construção de edifícios, de praças, como a Praça da Matriz, atualmente conhecida como Praça Nossa Senhora de Fátima, calçamento e alargamento de ruas. Cajazeiras assim como outras cidades do Nordeste acompanha todo esse movimento de urbanização que chega cada vez mais às cidades do interior. Neste período a feira acabava por ser o principal centro comercial e também um espaço de lazer, que se desenvolvia juntamente com o município, através das obras contra a seca que traziam uma dinâmica maior a cidade.

Durante os períodos de 1970 e 1980 a feira livre de Cajazeiras se estendia das ruas Padre José Tomás, Juvêncio Carneiro, Padre Manoel Mariano e Sebastião Bandeira de Melo. As barracas eram formadas por estruturas de ferro ou de madeira, cobertas por lonas, ou tecidos grossos, nas entrevistas, os feirantes falam como eram feitas as barracas: “O caba botava uma estruturazinha, botando a madeira né, ia amarrando, ia cobrindo, quando acabava cobria com a lona”. Na época do inverno os feirantes tinham que buscar se proteger, bem como proteger as mercadorias da chuva, no entanto, algumas pessoas não possuíam barracas e expunham as mercadorias em lonas espalhadas no chão, dessa forma nos períodos chuvosos se tornava uma tarefa quase impossível vender na feira. José Rosa recorda:

Eu tinha umas tabas grandes de botar os sacos em cima, porque quando chovia a água passava por debaixo mais não molhava né. No tempo do inverno muita gente não botava porque não tinha porque não tinha condição de cobrir e eu tinha uma lona 4 x4 era bem quadrada, aí eu fazia

uma torda<sup>5</sup> bem grande, mandei fazer uma torda de madeira né, ai montava aquilo todinho, ai sustentava, ai eu amarrava nos cavaletes pra não virar né com o vento, ai podia chover o dia todo, mais não molhava (Depoimento de José Rosa).

Os períodos menos chuvosos, períodos esses em que a safra de algodão era beneficiada, já que nesses períodos de clima mais estável o preço do algodão subia e a economia acabava sendo modificada, a feira também era beneficiada com a alta do preço do algodão que movimentava a feira. No entanto os períodos prolongados de seca traziam muitos prejuízos, pois muitos feirantes conciliavam o trabalho na roça com o trabalho na feira e a falta de chuvas acabava com as plantações, além disso, era na seca que a feira acabava sendo pano de fundo para um fenômeno social, os saques, que falaremos mais a frente.



**Figura 10: Rua Padre José Tomás na década de 1980. (Acervo Cajá Fagno Dallino).**

É nesse período também que a feira muitas vezes chegava até a noite, o feirante Joaquim Pereira afirma que: “até seis horas da noite, às vezes cinco e meia da noite nós tava guardando o legume chegava gente e dizia eu quero isso e a pessoa ainda ia desatar o saco pra botar aquele legume”. O feirante José Rosa também coloca que por muitas vezes este ficava até a noite na feira: “Nesse tempo a feira começava cedo, cinco horas da manhã a gente estava lá, pra começar a trabalhar, trabalhava até sete horas da noite.”

---

<sup>5</sup> Tordas são estruturas de madeira ou ferro que desmontam e que cobertas com lona ou um tecido grosso formam as barracas.



**Figura 11: Banca do Sr. Joaquim Pereira. Fotografia de 2017**

Atualmente segundo o feirante Joaquim Pereira, em muitos casos a feira dificilmente chega até o início da tarde, este fala: “De primeiro quando eu comecei na feira ia até cinco horas da tarde e hoje ela vai só até uma hora a gente já esta ajeitando os troços pra vim embora pra casa, nem tem mais ninguém na feira, nem ninguém vende mais nada, a história é essa”.

### **2.1. A feira e sua importância cultural.**

Quando falamos aqui que a feira pode e deve ser vista além do seu caráter econômico, isso se dá quando nos desviamos do nosso olhar de visitante e comprador, e tomamos nosso lugar como pesquisador, assim podemos perceber que a feira é um espaço que permite perceber os indícios da cultura de uma cidade, pois é produzida pelas pessoas que nela frequentam, os produtos que nela são vendidos, por exemplo, nos revelam os costumes adotados pela comunidade. Nesse sentido entendemos que a feira em si é uma manifestação viva da cultura de uma cidade. O autor Gustavo Miranda que do ponto de vista cultural:

Elas são consideradas sinônimo de diversidade, pois são lugares possuidores de uma riqueza cultural peculiar, feita por produtos que vêm

carregados de inúmeros significados e por relações humanas fortes e marcantes. Não é por outra razão que muitos viajantes afirmam que uma das melhores maneiras de conhecer uma cidade ou um país é frequentando suas feiras e mercados (MIRANDA, 2009, p. 143).

O termo cultura traz consigo uma grande variação de significados, mais principalmente deve ser entendida como tudo aquilo que é produzido pelo homem (Santos, 2006), tudo o que é produzido por uma comunidade, às feiras são exemplo disso, pois são produzidas pelas pessoas que nela frequentam tanto vendedores, quanto compradores e artistas como cordelistas e violeiros que visam na feira um espaço para mostrar sua arte e vendê-la também, os produtos que nela são vendidos que vão desde panelas de barro, utensílios domésticos de alumínio, bacias de plástico, roupas, calçados, frutas, verduras, arroz, feijão, milho e farinha, os tecidos de chita e chitão que são tecidos de algodão de pouca qualidade e baratos, mais que são muito procurados, estão carregados de significado, pois são previamente selecionados pelos vendedores.

Quando falamos aqui da relação entre feira e cultura, nos deparamos com questionamentos que são passíveis a qualquer um que se propõe a se enveredar pelo estudo da cultura, a feira é concebida por muitos como uma manifestação da cultura popular, será mesmo? O autor Peter Burke (1937) afirma em seu ensaio sobre o estudo de cultura, que a ideia de cultura popular vai emergir no mesmo período que surge a ideia de história cultural, sendo estas contemporâneas. Todavia, segundo Burke há certa dificuldade em se distinguir entre uma cultura erudita e cultura popular, pois para este quando se trata de cultura popular fica difícil distinguir que população é essa, se é apenas uma classe pobre excluída, ou a elite também pode fazer parte desse conceito, pois Burke afirma que: “O que torna a exclusão problemática é o fato de que as pessoas de status elevado, grande riqueza ou poder substancial não são necessariamente diferentes, no que diz respeito à cultura das pessoas comuns” (BURKE, 1937, p. 41).

Portanto podemos perceber que as feiras consideradas como uma manifestação da cultura dita popular deve de antemão, ser entendida como um evento que acomoda diversos setores da sociedade entende-se que a feira seja uma manifestação produzida e frequentada pelas camadas mais pobres, isso principalmente por causa do caráter informal, como em muitos casos a feira é vista, no entanto devemos levar em consideração que a feira ocorre em um espaço público, ao ar livre, e isso possibilita que pessoas pertencentes à classe mais alta frequentem a feira. Este espaço, também pode ser visto como um local que

congrega costumes distintos, como por exemplo, a coexistência do rural e do urbano Burke (2005).

## **2.2. A importância social da feira.**

Além de a feira ser um local como espaço de onde a cultura de uma comunidade se desenvolve, as feiras livres também são espaços de trocas não só culturais mais também trocas sociais, pois as feiras são espaços que permitem a circulação de pessoas de diversos locais, pessoas que não estão sós, pois cada pessoa traz consigo suas experiências, frustrações, conquistas, gostos e opiniões e isso acaba se refletindo no contanto com os outros, tudo acaba estando ligado em uma feira, pois este é um espaço próprio pra o desenvolvimento de sociabilidades. Assim afirma Miranda: “Logo, como qualquer feira livre não é mais um simples local de compra e venda de mercadorias, torna-se também um local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais” (MIRANDA, 2009, p.45).

Como espaços de sociabilidades, as feiras se tornam lugares onde acabam ocorrendo também os conflitos sociais, a exemplo dos saques as feiras durante os períodos de seca. O entrevistado nos conta sobre um saque ocorrido durante a seca na década de 80. O senhor José Rosa recorda que:

No tempo seco, o povo invadia a feira, “carregava” as coisas da gente, isso aconteceu umas três vezes, teve uma feira que eles carregaram meus cereais todinhos que eu estava devendo, ai Eliomar Figueiredo me forneceu o dia e eu paguei com trinta dias e fiquei livre.

Segundo o feirante os saques costumavam acontecer e causavam muitos prejuízos para os feirantes, pois muitos deles compravam “fiado” os produtos que vendiam e só pagavam ao final da feira. Fala o Sr. José Rosa:

Eu comprava fiado e quando era cinco horas da tarde eles vinham pegar o dinheiro na feira, aquele dinheiro que agente estava devendo pagar todinho já tinha o apurado daquela feira e aquele dinheiro estava todo no bolso, ai dava pra pagar, paga o rapaz que vinha cobrar. Ai agente continuava assim a feira toda se acostumou com aquilo, ai ficou bom pra gente.

Segundo a escritora Wilma Gossmann (1990) os saques existem desde o século XVII e já teriam sido realizados por nativos no período colonial. Esses fenômenos sociais segundo Gossmann (1990) são movimentos sociais que ocorrem em um determinado período, época principalmente de estiagem prolongada.

Os saques registrados no Nordeste brasileiro, durante as grandes estiagens e, até mesmo, durante a chamada "seca verde", são entendidos aqui como movimentos sociais esporádicos, cuja "forma" de organização indica a ocorrência de um fenômeno circunstancial e assistemático. Trata-se de um fenômeno no qual grupos não dimensionáveis de trabalhadores rurais famintos invadem cidades-sedes dos municípios atingidos pela seca, em busca de alimento e trabalho. Essa ocorrência se verifica quando as populações rurais nordestinas, premidas pela seca, encontram-se no limiar da sobrevivência. É sua última batalha contra a inanição. Essa situação se agrava mais cada vez que uma grande seca penaliza a região. (GOSSMANN, 1990, p. 2)

Percebemos como os períodos prolongados de secas no Nordeste, afetavam a população rural e urbana, afetavam não só economicamente, mais também com relação à questão humana e social, onde pessoas em casos extremos realizavam saques em feiras e comércios em busca de garantir sua sobrevivência, os saques traziam grande prejuízo às pessoas que dependiam da feira para garantir seu sustento. As feiras por seu caráter livre findam por se tornarem espaços que davam vazão a esse tipo de movimentos sociais, todavia os saques poderiam acontecer em outros lugares, espaços onde comidas estivessem armazenadas. O feirante Joaquim Pereira também lembra dos saques ocorridos na feira:

Tinha arrastão, roubando, eu mesmo, eu mermo uma feira me levaram tudo, todo legume, aí tinha um vizinho meu que era ignorante ele puxou uma faca pra furar o cabra, ia carregando um saco de feijão o caba pegou uma rapadura largou no meio da testa dele, levou catorze ponto ia matando, aí viu pra que reagir?, a minha levaram eu arranjo outra, Deus me da outra, aí na semana eu comprei outra e levei no sábado.

Joaquim Pereira afirma que durante a seca de 1982 muitas vezes apesar dos prejuízos que eventualmente acabava tento, estes se colocavam no lugar das pessoas que saqueavam, colocando que muitas vezes era um pai de família, tentando conseguir alguma comida para dar a sua família: “Tinha aquele que dizia homem ele vai ficar com fome, outro dizia – aquilo deixou três filhos em casa morrendo de fome (ruído) não deixou nada no fogo em casa, aí pronto aí fazia mudar”.

Os períodos de estiagem que assolam o Nordeste, dizimando plantações e impossibilitando a criação de animais acaba tirando a esperança daqueles que vivem da

agricultura e da pecuária para sobreviver, além de acabar com a agricultura e com a pecuária, acaba com famílias, pessoas morrem de fome e de sede, buscando alimento e água em plantas e em pequenos animais encontrados, a seca quando não mata, deixa inúmeras consequências, tanto físicas quanto emocionais, a seca finda por levar as pessoas a atitudes extremas, como os saques, pra não morrer de fome, as pessoas mais afetadas tomam atitudes como estas. Mesmo com as políticas assistencialistas, sabemos, que a corrupção acaba fazendo com que a assistência não chegue de forma adequada para as pessoas que precisam, virando assim como as obras contra seca, apenas discurso político em comícios.

A feira por ser um espaço que permite uma interação entre pessoas, afinal, tanto praças, dentro outros locais públicos permitem que as pessoas criem laços, seja entre um feirante, que busca fazer amizade com o freguês pra que este possa voltar a sua barraca, conquistando sua confiança, como também entre os próprios feirantes que pelo tempo de convivência acabam criando laços de amizade e familiaridade que muitas vezes são levados para uma vida toda. “Logo, como qualquer feira livre não é mais um simples local de compra e venda de mercadorias, torna-se também um local privilegiado onde se desenvolvem uma série de relações sociais” (MIRANDA. 2009, p. 45). Em suma é um espaço que permite a diversidade, espaço propício para o surgimento de eventos sociais e desenvolvimento de vínculos entre os feirantes.

### **CAPITULO III: UMA ETNOGRAFIA DA FEIRA DE CAJAZEIRAS.**

O trabalho com a etnografia é algo que exige do pesquisador uma disposição diferente daquela empregada em outros tipos de pesquisas como, por exemplo, com os acervos de documentos escritos, pois o pesquisador deve sair de sua zona de conforto para entrar em contato direto com pessoas e com práticas culturais, rituais, para uma maior aproximação corporal com aquilo que chamamos de “objeto” de pesquisa.

A etnografia vai surgir como uma metodologia vinculada à antropologia que permite ao pesquisador perceber pelo contato direto com as práticas sociais e relações culturais em diversos grupos na qual é imprescindível ao pesquisador conviver diretamente com o grupo pesquisado. O autor Florence Weber define a etnografia como: “uma técnica que tem por base o exercício da observação direta dos comportamentos culturais de um grupo social” (WEBER, 2009, 157). Esta metodologia exige do pesquisador a construção de um diário de campo, onde deverá registrar as observações para compor uma descrição densa dos sujeitos e grupos envolvidos na pesquisa. O diário de campo pode assumir três perspectivas: um diário de campo, um diário de pesquisa e um diário íntimo; Florence Weber afirma que é quase impossível que estes não se misturem. Na minha prática de pesquisa para esta monografia ficou claro que esses diários se misturam, pois acredito ser impossível que ao fazer um diário de campo sem que as próprias impressões do pesquisador apareçam.

José Guilherme Cantor Magnani (2009) coloca que é a partir de 1970 que a antropologia e suas técnicas utilizadas são vistas como uma importante forma de se analisar a mudanças ocorridas em diversos grupos sociais com relação às mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais. A etnografia começa a ser utilizada por outras áreas de atuação, como por exemplo, para analisar as mudanças ocorridas no perfil dos consumidores, ou para analisar as mudanças políticas ocorridas após 1964, com o surgimento de grupos militantes contra a ditadura, surgimento de associações e sindicatos. Todavia Magnani ressalta para a banalização etnografia como método:

Esse tipo de utilização de nossa disciplina, para fins pragmáticos, geralmente no contexto de pesquisas de mercado (mas em alguns casos também em ONGs, órgãos do Estado, associações) na maioria das vezes traz consigo uma serie de mal-entendidos, entre os quais a banalização da etnografia como metodologia.(MAGNANI. 2009, p 132)

Desde o início do Projeto de Pesquisa ficou claro para mim que eu desejava realizar uma ponte entre a antropologia e a história a partir do uso da etnografia como método. Mesmo sem ter uma experiência anterior neste sentido, e não termos tido disciplinas no Curso de História que auxiliassem no diálogo entre a historiografia e a etnografia lancei, o desafio para a minha orientadora que queria fazer uma análise etnográfica da feira de Cajazeiras. Assim, partir para a feira de Cajazeiras, com o caderno de campo e uma câmera fotográfica a fim de registrar minhas impressões acerca da lógica de organização da feira e da ação de seus agentes. A utilização da etnografia nos permite conhecer melhor o grupo pesquisado, não apenas como forma de recolher dados a serem utilizados na pesquisa, mais permitir que o pesquisador possa ter a familiarização com o grupo, se sentir pertencente a este, conhecê-lo a partir de uma experiência prática que permite ao pesquisador fazer parte daquele ambiente, observá-lo e vivenciá-lo. A elaboração do diário de campo, juntamente com a história oral (entrevista com os feirantes) me permitiu perceber aspectos da feira que talvez a documentação escrita não permitisse. O que inicialmente era um problema (a ausência de um arquivo de fontes escritas sobre a feira de Cajazeiras) se transformou num desafio e num ganho para o trabalho, que se tornou mais “vivo”, mais sensível.

### **3.1. Um mosaico de cores, formas e sabores.**

O trabalho com a etnografia é algo que exige do pesquisador além da disponibilidade de ir até o objeto pesquisado, demanda também sensibilidade, o desejo de se conhecer a fundo aquilo que se vai pesquisar, exige também que o pesquisador aguce seus sentidos, para que esta experiência seja vivida de forma completa. O estudo etnográfico da feira exige que se utilize de todos os sentidos, o tato, o olfato, a visão e a audição para conseguir captar tudo aquilo que a feira tem a dizer, pois a própria feira “fala” através de todos esses sentidos, assim como podemos ouvir através dos relatos orais, das histórias de vida.

A feira livre de Cajazeiras que se realiza sempre aos sábados nas primeiras horas da manhã, onde pouco a pouco os feirantes começam a chegar e logo iniciam a montagem de suas barracas, acomodando os sacos com os produtos no chão, cada feirante buscando seu espaço que é delimitado através dos acordos verbais, do costume.



**Figura 12: Banca sendo montada na Rua Padre Manoel Mariano. 2017**

A feira acontece na Praça Coração de Jesus (Praça dos Carros), na Rua Padre José Tomas e segue pela Rua Padre Manoel Mariano até a Rua Sebastião Bandeira de Mello, conhecida por Rua da Telpa, ou feira do Bacurau. De acordo com o depoimento de Lurdes dos Cocos, a feira de Cajazeira acontecia até as dez horas da noite: “mais acho que você viu falar, acho que viu falar dessa feira, aí a feira do bacurau era até dez horas da noite, gente vendendo coco, batata doce, todas as frutas, batata, todo mundo ia compra lá, naquela feira que hoje é feira do legume de roupa, né?”.



**Figura 13: Relojoeiro na Praça Coração de Jesus. 2017**

Na Praça Coração de Jesus acontece a venda de tecidos que ocorre bem cedo, ficam na Praça também relojoeiros, vendedores de balas e lanches e os violeiros (repentistas).



**Figura 14: Vendedor de balas e lanches na Praça Coração de Jesus. 2017**

Seguindo pela Rua Padre Manoel Mariano, encontramos bancas de calçados, bancas de roupas que se espalham de uma lado é de outro, a distribuição dos produtos não possui uma organização específica, às vezes parece aquele velho ditado da bagunça organizada, barracas de frutas também se misturam com as bancas de calçados e roupas que se espalham até a chamada Praça da Telpa.



**Figura 15: Banca de calçados na Rua Padre Manoel Mariano. 2017**

A Rua Padre Manoel Mariano se configura como o centro da feira; nesta rua encontramos também os vendedores de frutas e os vendedores de redes e toalhas que se agrupam na calçada, que trazem o colorido das redes e das toalhas perduradas, formando uma colorida passarela na calçada.



**Figura 16: Frutas expostas no chão na Rua Padre Manoel Mariano. 2017**

A feira se inicia por volta das quatro horas da manhã, ainda escuro, os feirantes começam aos poucos a montar suas barracas, armando as estruturas de ferro e cobrindo com lona ou um tecido grosso, essa estrutura das barracas da feira, segundo as entrevistas dos feirantes, desde o período em que estes começaram a trabalhar na feira continua a mesma. O feirante Joaquim Pereira informa:

Era assim, você botava, pegava uma torda de pau colocava em pé dentro daquela peça do caixão aí fazia tipo uma barraca que você faz no sítio, depois cobria com a lona amarrava pronto, a minha esta aí, a minha torda ainda esta aí ó, aí agente amarrava aquela lona assim e só tirava na hora de ir embora, depois você amarrava o legume todinho na sombra.



**Figura 17: Roupas expostas no chão na Rua Padre Manoel Mariano. 2017**

Os produtos são aos poucos organizados, frutas, roupas, calçados, bacias, panelas, diversos artigos para o trabalho agrícola, brinquedos, produtos importados, bonés e óculos de sol. O feirante Joaquim Pereira mostra como alguns detalhes do comércio foram mudando ao longo do tempo:

Até seis horas da noite, às vezes cinco e meia da noite nós tava guardando o legume. Chegava gente e dizia: eu quero isso e a pessoa ainda ia desatar o saco pra botar aquele legume. Só que quando eu comecei não era na balança não era no litro; a gente fazia, media tudo e quando eu comecei na feira era assim. Quem vendesse farinha e goma só vendia essas coisas, não vendia feijão nem arroz não, só vendia farinha e goma. Quem vendia rapadura só vendia rapadura. Aí no governo de Chico Rolim aí ele liberou pra todo retalhista da feira vender tudo: arroz, feijão, goma, rapadura, tudo foi liberado no governo de Chico Rolim<sup>6</sup>. Quando eu entrei no comércio era só dois tipo: era goma e farinha boa né. Naquele tempo

<sup>6</sup> “Francisco Matias Rolim (Chico Rolim) nasceu em Umari (CE) em 1922. Em 1932 transferiu-se para Cajazeiras (PB). Ingressou na política em 1950, filiando-se ao Partido Social Democrático (PSD). Foi eleito vereador em outubro de 1958. Em 1960 tornou-se presidente da Câmara Municipal. Em 1962 reelegeu-se vereador. Iniciou novo mandato em janeiro de 1963 e nesse mesmo ano desligou-se do PSD, filiando-se à União Democrática Nacional (UDN) e elegeu-se prefeito em 11 de agosto.

Com a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/1965) e a instauração do bipartidarismo, filiou-se, em 1967, à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de sustentação do regime militar. O novo governo unificou as datas das eleições municipais e teve o seu mandato prorrogado por 14 meses. Ele ficou na prefeitura até 31 de janeiro de 1969. Em 1979 foi eleito prefeito de Cajazeiras pela Arena. Com a extinção do bipartidarismo em novembro de 1979 filiou-se, em 1980, ao Partido Democrático Social (PDS), sucessor da Arena no apoio ao governo. Com a suspensão das eleições de novembro desse ano para que houvesse coincidência de todos os mandatos do país, e a consequente prorrogação de todos os mandatos municipais que se encontravam em vigor, permaneceu à frente da prefeitura até janeiro de 1983, quando findou o seu mandato. Ocupou o mandato de deputado federal constituinte pela Paraíba, obtendo, contudo, apenas a suplência”. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rolim-francisco>. Data de acesso: 15 de abril de 2017.

comprava muita farinha quem morava nos sítios, aí as mulheres não gostavam de moer milho pra colocar no feijão aí comprava muita farinha.



**Figura 18: Vendedores de bonés e óculos na Sebastião Bandeira de Melo. 2017**

As pessoas que não expõem em barracas cobrem o próprio asfalto com uma lona ou utilizam pequenas estruturas de madeira, ou então caixas de carregar frutas que acabam servindo de suporte, a fim de que o produto vendido não entre em contato com o asfalto, expostos em sacos ou mesmo em cima da lona, estes feirantes não possuem abrigo e procuram amparo nas bancas cobertas próximas a eles.



**Figura 19. Utensílios domésticos expostos no chão. 2017**

A longa permanência na feira, as relações de muitos anos de enfrentamento das mesmas situações e dificuldades, propiciam o estabelecimento de relações de solidariedade e amizade, num ambiente que seria, à princípio, de concorrência comercial. Isso ficou perceptível no depoimento de José Rosa:

Antonio Rangel cansou de vir conversar besteira lá de baixo onde eu estava, ele tinha um supermercado né, aí ele dizia: Zé Rosa como é que tu vende todinho aqui no meio da rua desse jeito, sozinho?, E eu dizia: eu dô conta, aí eu tinha uma caderneta de anotar os fiados né, eu tinha uma malinha e botava , dentro tinha uma peixeira de cortar o fumo. Miguel Preto cansou de vender 20 sacos de feijão de manhã e quando era meio dia trazia mais vinte, eu vendia todinho no rateio, ele no quilo, quando era de tarde eu já estava de camisa molhada. Quando Deca botou aquele armazém eu ainda comprei a ele também, ele foi lá e pediu pra eu comprar também a ele, pra ajudar ele, eu digo: vou aí. Eu comprava a ele também arroz, farinha quebradinha, açúcar, sabão e Bombril. Eu além dos cereais eu vendia muita mercadoria que vendia nas bodegas ne e dava certo. Tinha um barzinho assim ai dava vontade de beber um pinguinho de cachaça ai eu ia lá e botava um golpinho assim e tomava ai me ajudava ne, chamava Zé Nogueira e ia tomar uma mais ele.

Joaquim Pereira também recorda alguns amigos que ficaram na sua memória: “eu lembro do Bigodin. Ele vendia picolé na feira, no meio da feira, brincalhão, Elias do Picolé vendia também. Era amigo também, todos eram conhecido ali, muita gente, mas acabou-se.”



**Figura 20: Vendedores de cereais na Rua Padre Manoel Mariano. 2017**



**Figura 21: Vendedores de cereais na Rua Padre Manoel Mariano. 2017**

Os trabalhadores que fazem a feira de Cajazeiras são em sua maioria pessoas de idade avançada que realizam este trabalho desde a adolescência e requerem ajuda dos familiares. Nas bancas de roupas é inegável a presença exclusiva de mulheres trabalhando, todavia, não generalizamos aqui sobre os feirantes, pois encontramos na feira não apenas uma grande variedade de produtos, mas encontramos também, uma enorme variedade de rostos, de idades e de histórias e memórias.

### **3.2. O cotidiano da feira e os novos hábitos de consumo da população.**

Apesar de ainda se configurar como espaço de comércio da cidade, a feira de Cajazeiras enfrenta uma mudança drástica na sua procura, assim como uma importante concorrência que se desenvolveu ao seu entorno: os supermercados, os horti-frútis, as lojas de eletrodomésticos, móveis, eletroeletrônicos e as lojas de roupas a preço único.

Segundo Giovanna Araújo (2011), os supermercados são espaços de comércio tipicamente norte-americanos, segunda autora estes surgiram na década de 1950 nas grandes metrópoles do Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo). Atualmente os supermercados se espalharam por todo o país, até mesmo as pequenas cidades possuem ao menos um local que centralize o comércio da cidade. Todavia após a chegada dos

supermercados estes acabaram se expandindo até as regiões mais distantes do país, a proliferação dos supermercados ocorreu com mais intensidade a partir da década de 1960, época em que o Brasil viveu o controverso “milagre econômico”<sup>7</sup>. O segundo fator seria a instalação de siderúrgicas de bens duráveis no Brasil. Essa expansão a partir da década de 1970 se expande para as cidades menores. Tal proliferação dos supermercados acaba alterando os hábitos dos consumidores.

No caso específico do Nordeste brasileiro, acabam por ser um pouco responsáveis pelo “esvaziamento” das feiras, uma vez que os clientes deixam, muitas vezes, de consumir produtos da feira, optando pelos Hiperbompreços distribuídos no Nordeste do Brasil. Quando os equipamentos comerciais urbanos atendem ao preceito de acomodar as pessoas em um mesmo local, evitando os deslocamentos, é o que garante a publicidade” (ARAÚJO. 2012, p. 184).

De certa forma podemos considerar que os supermercados tiveram sua contribuição para esvaziamento da feira, já que esta oferece de uma forma mais concentrada os produtos que também vendem na feira, os supermercados, trouxeram a agilidade cada vez mais exigida no mundo globalizado, onde as pessoas buscam cada vez mais realizar as atividades cotidianas com mais rapidez.

As formas de pagamento oferecidas pelos supermercados são também um atrativo a mais, principalmente para os jovens, essas novas formas de pagamento, nós podemos destacar o cartão de crédito que segundo Giovana Araújo vai surgir nos Estados Unidos em meados de 1920 em uma rede de hotéis que oferecia o serviço do cartão para que seus clientes pudessem obter crédito dentro dos estabelecimentos ligados a rede de hotéis, todavia é a partir de 1990, que a utilização dos cartões, ganham uma maior utilização pelos clientes, onde os benefícios para que os utilize aumente cada vez mais, coloca Araújo:

No Brasil o uso de cartão de crédito tem estado em constante crescimento. As facilidades para que o utente adquira cartão de crédito são visíveis, para além de não haver a necessidade de o usuário ser correntista de nenhum banco, uma vez que a cobrança da fatura é realizada por meio de boleto, em muitos casos os cartões chegam as moradas dos indivíduos sem sequer serem solicitados/autorizados. Soma-se a isto o fato de muitos publicitarem que não cobram anuidade, no entanto cobram taxa de manutenção e outras tarifas não anunciadas a princípio. (ARAÚJO, 2012, p. 423)

---

<sup>7</sup> Durante a ditadura militar que ocorreu entre os anos de 1964 a 1968, era amplamente divulgado, uma explosão na economia brasileira, que passava por uma forte inflação. Os militares propagam uma alta no investimento do capital estrangeiro estabilizando a economia no país, todavia a ideia do tal milagre encobria as desigualdades existentes entre as classes mais ricas e mais pobres.

Além da utilização do cartão de crédito, outra forma de pagamento é encontrada em alguns supermercados da cidade, onde estes oferecem aos clientes a possibilidade do pagamento no carnê, com trinta dias de prazo, para que os clientes paguem e assim possam fazer novas compras. Vejamos agora o depoimento do feirante José Rosa, quando este fala sobre o esvaziamento da feira atualmente:

Hoje o cabra não vende mais nada porque tudo no supermercado tem né, tem feijão, tem farinha, tem carne, tem tudo no mundo, tem rapadura tem tudo né, que o caba queira e na feira não vende mais isso não. Só tem dois rapazinhos que ainda está vendendo lá mais é uma mixaria o que eles vendem, Joaquim Pereira e Zé Nogueira ainda vendem lá na feira mais é uma mixaria ne. Mais os comerciantes velhos que vendiam cereais já saíram tudo não tem mais nem um.

Assim pergunto o porquê dele achar que os supermercados são os responsáveis pelo esvaziamento da feira e este responde:

Porque os supermercados ficaram tudo completo e aí o povo da feira deixou de fazer feira, vai para o supermercado porque lá tem tudo né, compra feijão, compra farinha, compra milho, tudo, compra carne né, rapadura, compra tudo lá, aí não tem mais nada na feira.

Segundo o senhor José Rosa, os supermercados foram os responsáveis pelo o esvaziamento da feira, pois segundo este, os antigos feirantes já não vendem mais e a quantidade de novos feirantes diminui gradativamente, e com isso cai cada vez mais à quantidade de feirantes, contribuindo também para esse esvaziamento. Em minhas observações, percebo que na feira podemos encontrar ainda uma diversidade de produtos, todavia a fala do feirante tem ligação com que realmente esta acontecendo, se torna cada vez mais difícil ver pessoas mais jovens trabalhando na feira, é a variedade de produtos também decaiu bastante, contribuindo para que as pessoas busquem outros centros de consumo, além da feira. Percebemos também espaços vazios na feira, mostrando que lá antes possuíam barracas e hoje já não estão mais. O feirante Joaquim Pereira afirma o seguinte:

O supermercado, porque de primeiro agente vinha pra rua no sábado e na quarta e muitas vezes quando tinha um tempo que vinha na sexta, mais era pouca gente. E hoje é todo dia, todo dia você anda na rua é cheio, cheio, cheio de gente todo dia. Aí vem aquele povo que vem tirar Bolsa Família, Bolsa Escola, aposentadoria, aí todo dia tem gente na rua todo dia. Aí aquele povo que tão na rua não tão fazendo nada, aí vão pro mercado, aí tem um quilo de açúcar pra comprar, compra. Aí tem um de arroz, compra. Uma quarta de café, um quilo de fato de gado (SIC) ou carne pra levar pra casa, aí vão pra casa, pronto! No sábado não vem mais. Não é assim? Eu atribuo ao mercado, somente.

O feirante que é um dos mais antigos trabalhadores da feira e que ainda atualmente trabalha, coloca que as pessoas antigamente tinham o costume de ir ao centro da cidade, apenas alguns dias da semana, e o dia principal de todos irem era aos sábados na feira, todavia com a instalação dos supermercados que funcionam todos os dias, o dia inteiro e em alguns até as primeiras horas da noite, estes acabaram atraindo os clientes da feira, que funciona apenas aos sábados. Outro fator que podemos colocar, é que os supermercados acabaram se proliferando nesta cidade em vários bairros, fazendo com que as pessoas não precisassem mais se deslocar para o centro da cidade. Tais supermercados que apesar de serem um pouco menores, conseguem dar conta de boa parte das compras mensais, e semanais dos moradores dos bairros onde estão instalados.

Ao longo desta pesquisa realizei algumas visitas à feira, fui despida de todos os pré-conceitos, e todos os conceitos, fui com o objetivo de apenas observar e permitir que a feira “falasse” comigo, e sinto que isso realmente aconteceu. Em minhas observações na feira, nota-se a quantidade de pessoas, muitas entrando e saindo desta, se espremendo entre as barracas, todavia me desloco para a feira novamente e percebo que as pessoas mais transitam do que compram, as lojas apinhadas de gente, enquanto alguns vendedores permanecem com poucas pessoas, as lojas de roupas a preço único cheias de pessoas, enquanto as barracas de roupas com compradores esporádicos.



**Figura 22: Venda de frutas na Rua Sebastião Bandeira de Melo. 2017**

Nas primeiras horas da manhã, o trânsito de pessoas é intenso principalmente nas barracas de frutas e verduras, ao longo de todo o trabalho de observações, percebo que são estas as que mais possuem movimento na feira, as barracas de frutas concentram boa parte da clientela da feira. Boa parte desse movimento da feira se dá no período entre seis e oito da manhã, onde as barracas de fruta são as mais concorridas, pois as pessoas acabam buscando esse horário para escolherem as frutas melhores e mais frescas, já que o calor intenso, típico de uma cidade localizada no sertão paraibano, acaba fazendo com que as frutas percam seu viço com mais rapidez.

Apesar de haverem diversos tipos de produtos sendo vendidos na feira, percebo em minhas observações que as barracas de roupas findam por ser maioria, de tamanhos diversos, com uma infinidade de modelos de roupas, percebo que em grande parte dessas barracas os vendedores estão parados, sentados, esperando pelos clientes que timidamente aparecem vez ou outra, em compensação as lojas a preço único que se proliferam ao entorno da feira estão quase sempre cheias de gente. No período de 1970 e 1980 além da feira, encontravam-se também os mercadinhos que acabavam atuando em conjunto com a feira, muitos feirantes compram as mercadorias pra vender na feira aos cerealistas. O feirante Joaquim Pereira fala sobre as compras com os donos dos mercadinhos:

Fazia minhas compras muito no armazém de seu Arcanjo, finado Arcanjo, onde era encostado a minha banca hoje comprava muito a ele, muito mesmo, no tempo que não tinha mercado, não tinha supermercado, não tinha nada a gente vendia muito, eu cansei de vender doze sacos de arroz numa feira, doze sacos, eu botava dez de manhã, e quando era onze horas terminava pegava mais dois pra completar a banca e vendia tudo também, agora depois do supermercado hoje ninguém vê isso mais não, a venda hoje é bem miudinha, o que vende mais na feira hoje é só feijão, porque você escolhe, sai escolhendo feijão no mercado não tem feijão bom, aí pronto feijão bom é na feira.

O feirante José Rosa também comprava parte de suas mercadorias nos pequenos comércios que ficavam próximos a feira, este coloca:

Eu vendia cereais a retalho né, comprava em grosso e vendia a retalho, no litro, no litro e passou para o quilo né, aí era pesando na balança. Aí eu trabalhei um montão de tempo naquele negocio, e tinha muitas pessoas que trabalhavam ao redor de mim na feira também. Eu comprava fiado e quando eram cinco horas da tarde, eles vinham pegar o dinheiro na feira, aquele dinheiro que agente estava devendo pagar todinho já tinha o apurado daquela feira e aquele dinheiro estava todo no bolso, aí dava pra pagar, paga o rapaz que vinha cobrar. Ai agente continuava assim a feira toda se acostumou com aquilo, aí ficou bom pra gente.

As visitas frequentes e periódicas nós mostrou como o desenvolvimento do comércio ao entorno da feira, assim como a proliferação dessas novas formas de comércio,

que acabou mudando perfil dos compradores e alterando a quantidade de compradores da feira, que deixou de ser o principal espaço de comércio, para ser mais um espaço de comércio existente na cidade e tentando lidar com a concorrência existente, usando técnicas de marketing, assim como outros tipos de tecnologias das quais a feira não possui, no entanto, apesar da intensa concorrência, os feirantes buscam utilizando suas técnicas para continuar neste espaço, o fato de não pagarem impostos para exporem seus produtos, já que o pagamento de impostos acabou sendo extinto no governo do prefeito Antônio Quirino de Moura que esteve no cargo de 1973 a 1977. O ex-feirante José Rosa fala sobre o pagamento de impostos:

No começo eu não paguei não mais depois o coletor veio lá e fez a gente ficar pagando, aí foi preciso eu botar até um contador pra fazer minhas notas, eu comprava com nota e vendia com nota ne e ia tudo pro contador aí no fim do mês juntava aquelas notas todas e eu pagava aquela importância ne. Fui se inscrever pra tirar o papel pra despachar os cereais ne, porque o Pedro Roberto dava uma nota a gente, mais a gente não era contribuinte ne, aí não valia nada, aí teve que o caba se inscrever pra poder vender os cereais e todo fim do mês a gente pagava lá na coletoria. Quando Eptácio foi prefeito aí a gente pagava o chão, media e pagava os metros, aí ele empatou os cabras vender picolé porque não queria pagar o chão, aí eu botei pra vender no meu chão, que eu comprei quinze metros dava dez pra mim e sobrava cinco, aí eu botei o picolé pra vender lá, os cabra vinha pedir eu digo bota aí. Aí tinha uma velha que vendia o café, mandei a velha botar o café bem pertinho de mim assim ó (aponta para o lado demonstrando o local) aí eu tomava café o dia todinho, aí quando era de tarde eu ia pagar o café a velha. Os empregados de seu Arcanjo vinha me perguntar o que estava faltando, ele mesmo vinha perguntar o que é que estava faltando pra mandar, pra botar lá, quatro horas da tarde eu ainda comprava cereais pra vender, quatro horas da tarde eu ainda pedia cereais pra vender, a gente vendia até sete horas da noite, tinha um poste assim onde eu vendia eu ficava no claro aí dava pra mim.

Além de não pagar impostos, em muitos casos, os feirantes não possuem funcionários assalariados, pois boa parte dos trabalhadores de uma banca são membros de uma mesma família, e suas estruturas são simples, onde as barracas são formadas por estruturas de madeira ou ferro e cobertas por lonas, ou panos.

Todos esses fatores acabam contribuindo para que os feirantes vendedores de roupas continuem expondo suas peças. O caráter informal da feira acaba permitindo com que as pessoas continuem expondo seus produtos neste espaço.

O trânsito de pessoas é algo que vemos muito forte na feira, todavia algo que chama bastante atenção é que vemos muitos transeuntes e poucos compradores, principalmente nas bancas de roupas, onde a concorrência é bastante. As pessoas apenas passam e transitam, mais não compram, isso me faz perceber o quanto a concorrência ao

entorno da feira acaba tirando os compradores desta, a feira acaba tendo uma enorme baixa econômica.

### **3.3. A feira como um espaço de manifestação cultural.**

As feiras não se resumem a apenas espaços de comércio, por mais que no primeiro momento pareçam, as feiras são importantes espaços de manifestações da cultura de uma localidade, esta é sinônimo da cultura de um município, se permite como um lugar propício para a manifestação de diversos tipos culturais, tanto com relação as artes de fazer a feira, assim como manifestações mais pontuais.

Na década de oitenta, a feira de Cajazeiras possuía diversos tipos de manifestações culturais, como a presença de cordelistas, onde os poetas liam seus versos com o intuito de atrair pessoas para comprá-los, assim como era constante a presença dos violeiros, repentistas que são tão presentes no interior nordestino. Nos períodos de 1970 até 1990 era comum a presença dos violeiros na feira. O feirante Joaquim Pereira afirma que sempre os violeiros estavam por lá: “pra feira vinha, vinha sanfoneiro dia de sábado, ali onde é o Armazém Paraíba hoje, os sanfoneiros gostavam de fazer ali um forró era gente, aquelas pessoas dançavam no meio da rua”. É importante notar que a feira livre ela não é apenas um espaço para o desenvolvimento de manifestações artísticas pontuais, a feira em si é um tipo de manifestação cultural, formada pelo povo e para o povo, esta se forma como um mosaico, onde cada tipo unindo-se forma a feira. Segundo Guimarães:

Ao mesmo tempo, o caráter comercial da feira livre mascara sua importância na manutenção e promoção da cultura popular. Ainda que imerso no discreto dia a dia desse evento, as noções de identidade, comunidade, hábitos, relações e comunicação aparecem fortemente durante toda a sua duração e possibilitam aos indivíduos em situação de subalternidade um sentimento de humanização. (GUIMARÃES, 2010, p. 7)

Entendo a feira como o espaço que expressa os costumes, os hábitos, as crenças de uma localidade, percebemos que a feira é em si a expressão da cultura de uma cidade, todavia com o desaparecimento de certas expressões culturais, como a literatura de cordel, os violeiros e a própria utilização deste espaço como formas de lazer, acabou fazendo com que a feira perdesse cada vez mais seu caráter cultural, com tudo, vale ressaltar que a feira ainda continua sendo uma forte expressão da cultura da cidade de

Cajazeiras, mais vem sofrendo uma degradação cultural, principalmente com relação a essas manifestações culturais específicas, que antes faziam parte da feira.

Na década de oitenta uma figura constante na feira era a de Antônio Batista, um senhor que com um microfone declamava versos na feira, buscando chamar atenção dos compradores para os versos que vendia, em sua barracquinha, havia inúmeras outras revistinhas que chamavam a atenção, principalmente das crianças.



**Figura 23: Antonio Batista, poeta popular, declamando na década de 1980. (Cajá Fagno Dallino)**

Atualmente na feira algo raro de se vê é a presença dos violeiros, ou chamados também de cantadores de viola, figuras tão presentes no Nordeste, assim como em todo o Brasil com denominações diferentes, como repentista, cantador.

Em minhas observações ao caminhar pela feira tudo parece do mesmo jeito, no entanto uma música me guia até o outro lado da feira indo até lá escuto uma música e algumas pessoas em volta , chegando lá vejo dois violeiros que se apresentam na feira, fico lá por um tempo apreciando a melodia, mais percebo como as pessoas estão inertes ao que está acontecendo, pois poucas pessoas param para ver e escutar as canções, as pessoas andam de um lado para o outro, realizam suas atividades tão apressadamente que pra a grande maioria das pessoas estes artistas acabam nem notando a presença dos cantadores

de viola, nota-se que aqueles que param são principalmente os mais idosos, e ficam como se o tempo voltasse.



**Figura 24: Violeiros na Praça Coração de Jesus. Imagem de 2017**

A feira por muito tempo foi considerada como um espaço de lazer, já que para muitas pessoas além das praças, estas eram grandes espaços de aglomeração de pessoas, o ato de ir a feira se tornava uma festa, um evento, uma celebração. Neste sentido Guimarães coloca que:

Com uma periodicidade mais frequente do que a festa e de duração mais curta, ela é uma maneira, ainda que integrada ao cotidiano, de reproduzi-lo, ao mesmo tempo em que se apresenta como um escape dele. Podíamos ao mesmo falar que o fato de não haver feiras às segundas seria quase uma simbologia de que este dia é para o trabalho, não para celebrações. (GUIMARÃES, 2010, p.9)

A feira vem perdendo cada vez mais essas características de um espaço de lazer, de festa, aonde as pessoas além de fazerem suas compras, vão para se distrair. A feira de Cajazeiras vem perdendo seu caráter lúdico para, se resumir cada vez mais a um espaço comercial. Ao longo do trabalho de campo pode-se notar a existência de pessoas de uma mesma família trabalhando nas barracas, uma visão constante na feira, encontramos muitos jovens ajudando pessoas um pouco mais velhas nas barracas de frutas, assim como nas outras barracas encontramos essa mistura de pessoas se revezando nas vendas, todavia nas barracas de roupas é notória a presença das mulheres, tanto mais jovens, assim como

mulheres já de meia idade, trabalhando na feira. Muitas dessas famílias buscam seu sustento na feira e assim muitas vezes toda a família se empenha no trabalho da feira, como forma de economizar na contratação de ajudantes.

Se observarmos os personagens das feiras quanto a suas proveniências, perceberemos uma variedade de origens. Há aqueles que se constituíram enquanto tal na própria feira, onde aprenderam o ofício com seus pais, irmãos, padrinhos e familiares de uma maneira geral. Por outro lado, também há os que se tornaram feirantes por outras vias, como por exemplo os que se casaram com feirantes, ou estavam em situação de desemprego e, na busca por trabalho informal, tornaram-se feirantes. Há também os que são feirantes e produtores. (ARAÚJO. 2012, p. 104)

São pessoas que de diferentes formas chegaram até o trabalho na feira, algumas por causa da família, outras por causa do casamento, ou mesmo por encontrarem no trabalho informal da feira, aqui que a formalidade muitas vezes não oferece, como, por exemplo, ser dono do próprio negócio e sem o pagamento de impostos, já que atualmente os feirantes não pagam impostos.

No entanto esse trabalho de famílias na feira gerou certa polêmica na cidade de Cajazeiras, isso porque houve denúncias de que estavam ocorrendo o uso da mão- de obra infantil na feira, tanto filhos de feirantes que ajudavam os pais, assim como crianças contratadas por feirantes para auxiliá-los. Em matéria do portal de notícias do Estado WSCOM <sup>8</sup> publicada no ano de 2014, fala sobre o trabalho infantil na feira livre de Cajazeiras, onde cerca de trinta crianças foram encontradas exercendo tanto trabalho remunerado para feirantes, quanto dentro do comércio da família, sendo que mais da metade é através de acordo com os feirantes, o trabalho em espaços livres é considerado segundo a Organização Internacional do Trabalho OIT<sup>9</sup>, a pior forma de trabalho infantil. Todavia, é importante ressaltar que nos estudos de campo realizados no ano de 2016, não foram encontradas com muita frequência crianças trabalhando na feira, ao menos não foi observado.

Possuindo caráter livre a feira se configura com um ambiente onde podemos encontrar pessoas de diferentes tipos, assim como podemos encontrar uma grande quantidade de pessoas reunidas neste espaço, assim como ao entorno desta, desta forma, a feira acaba se tornando o espaço propício para a difusão de informações, desta forma a

---

<sup>8</sup><http://www.wsc.com.br/noticias/paraiba/mpt+detecta+exploracao+infantil+na+feira+livre+de+cajazeiras+e+diz+que+e+dever+d-175301>

<sup>9</sup> Criada em 1919 ao fim da Primeira Guerra Mundial, fazendo parte do Tratado de Versalhes, responsável pela criação de normatizações relacionadas ao trabalho humano.

feira se torna bem procurada em épocas específicas. Nos períodos eleitorais a feira é bastante procurada como forma dos candidatos realizarem o chamado corpo a corpo, que é quando estes chegam mais perto dos eleitores para que apresentem suas propostas, práticas onde os candidatos se colocam mais próximos da população.

Os antigos feirantes falam sobre essa prática dos políticos de procurarem a feira para realizarem esse corpo a corpo. O feirante Joaquim Pereira fala sobre a ida dos políticos à feira:

Todos os comícios vão lá, ainda hoje vão, todos os comícios, quando esta passar a eleição eles vão lá. Eles vão pra banca da gente, vão perguntar, eu digo não, não vou dizer em quem voto não, mais você vota em mim, posso votar, agente tem que ajeitar pra não destratar ninguém. E é o lugar melhor dos políticos de se encontrar as pessoas é no sábado na feira, porque vem do sitio, da rua de todo canto né, aquele pessoal que mora na cidade que tão fazendo a feira bem cedinho, aí vem os do sítio depois das sete horas, aí junta tudo, aí vão conversar com todo mundo NE.

De acordo com reportagem publicada nos blogs de Adjamilton Pereira<sup>10</sup> e Gazeta do Alto Piranhas<sup>11</sup> no ano de 2014, os candidatos a governador do Estado da Paraíba e a deputado federal não deixaram de fazer caminhadas na feira pedindo votos:

Enfim, constituem-se espaços de relações sociais e interações cotidianas. Comícios geralmente ocorrem em dia de feira, assim como espetáculos artísticos, ditos folclóricos, desenvolvem-se nas feiras como forma de entretenimento, a exemplo dos folcloristas que divulgam a cultura local, apresentando riqueza e a experiência da memória. Divulgando, portanto, as raízes da cultura popular. (ARAÚJO, 2012, p. 90)

No entanto, apesar de ser um espaço privilegiado pelos políticos de diversas tendências, a feira de Cajazeiras não recebe qualquer atenção do poder público. Não existe nenhuma infra-estrutura para os feirantes trabalharem com dignidade. Não existem banheiros públicos, segurança ou mesmo eventos que coloquem a feira no interesse cultural dos habitantes da cidade. Em matéria publicada em 2016 no portal de notícias Alto Sertão<sup>12</sup>, os feirantes reclamam da falta de investimentos com relação à infra-estrutura da feira, assim como da existência de banheiros públicos, pois segundo os feirantes, estes precisam pedir nas lojas e residências existentes ao entorno da feira. Nas observações

<sup>10</sup><http://blogdoadjamiltonpereira.com.br/noticias/caminhada-na-feira-livre-no-sabado-dia-06-sera-o-primeiro-evento-da-campanha-de-cassio-cunha-lima-em-cajazeiras>

<sup>11</sup><http://www.radioaltopiranhas.com.br/2014/09/gobira-faz-passeata-em-cima-de-um-jumento-e-uma-carroca/>

<sup>12</sup> <http://www.altosertao.com.br/index.php/feirantes-reclamam-da-falta-de-infraestrutura-na-feira-livre-de-cajazeiras/>

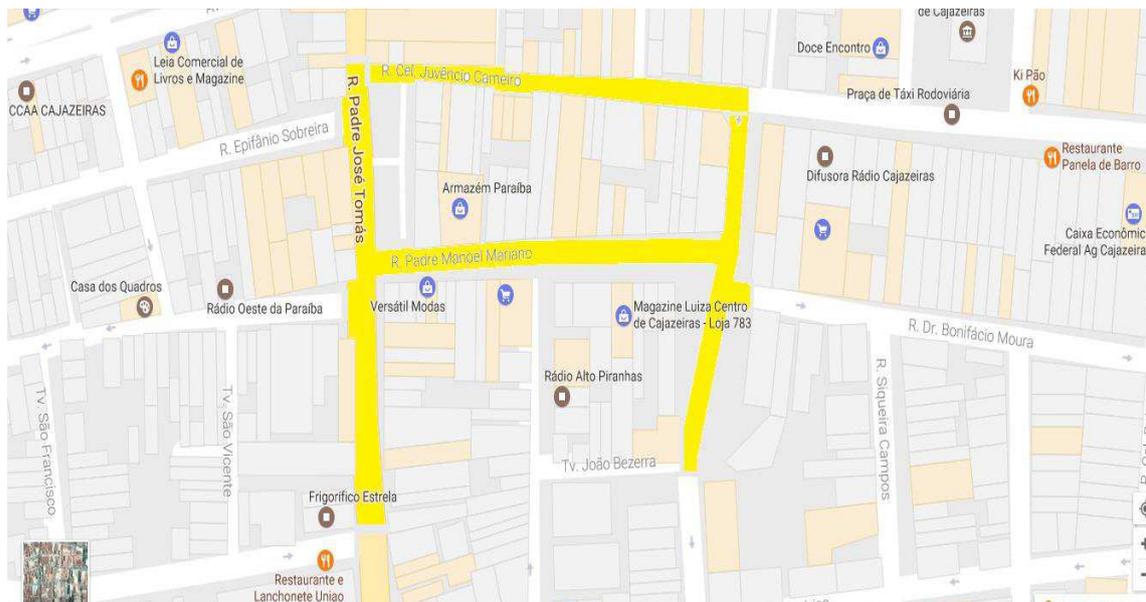
feitas, percebemos que há pouquíssimo investimento da prefeitura da cidade para manutenção da feira, que ainda resiste pela bravura dos feirantes que ainda a mantêm de pé.

A feira livre de Cajazeiras resiste ao tempo e as transformações ocorridas, as novas formas de comércio, de pagamentos, e a rapidez tão exigida nos tempos atuais, transformaram os hábitos dos consumidores, a feira acaba perdendo espaço dentre as novas formas de comércio existentes, todavia, a feira ainda resiste, podemos listar inúmeros motivos como, por exemplo, o fato de não pagar impostos, poderem expor seus produtos sendo donos do seu próprio negócio sem burocracia, destacamos também as lembranças enraizadas nas memórias de cada pessoa que frequenta ou frequentou a feira, uma tradição de ir à feira passada de geração em geração, como coloca Giovanna Araújo:

Nas feiras os sujeitos encontram não só mercadorias modernas, comercializadas similarmente no comércio fixo e nas grandes superfícies, com preços mais acessíveis, mas também acabam por achar resquícios do seu passado, seja no comportamento dos feirantes e na maneira de comercializar os produtos diante de suas estratégias de barganha, seja nos produtos que estão expostos que muitas vezes possibilitam a rememoração da sua infância, como, por exemplo, os artigos em couro, celas para cavalos, fogareiros para assar carne, utensílios em cerâmica oferecidos nas feiras do Nordeste do Brasil, ou os artigos em cobre, tamancos utilizados na lavoura, cestos de palha, nas feiras de Portugal. São mercadorias antigas que colaboram com a identificação de momentos da vida destes sujeitos: infância, adolescência e fase adulta. (ARAÚJO. 2012, P. 240)

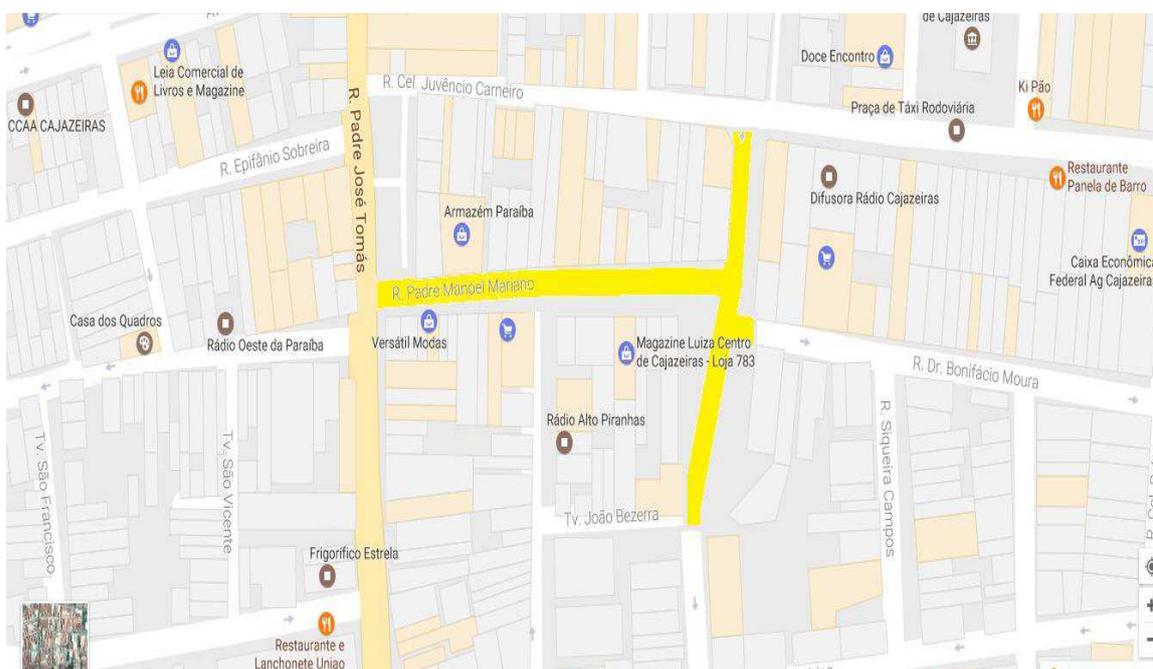
A feira livre de Cajazeiras ao longo do tempo acabou perdendo um enorme espaço na economia da cidade, analisando imagens da década de oitenta, onde a feira ocupava muito mais espaços do que atualmente. É notório os espaços vazios que a cada sábado aumentam, aos poucos a feira vai desaparecendo sem quaisquer tipo de políticas públicas que incentivem que as pessoas continuem vendendo na feira. Os feirantes são trabalhadores que resistem frente à modernização da cidade por causa da falta de emprego para aqueles que não tiveram outras oportunidades na vida e que, em razão da idade, não tem acesso ao mercado de trabalho e, além disto, a feira faz parte da própria vida deles.

Através dos mapas obtidos da internet foi possível ilustrar as ruas que eram ocupadas pela feira no passado e comparar com as ruas ocupadas pela feira atualmente. É notável a diminuição do tamanho da feira em relação ao centro da cidade.



**Figura 25: Feira Livre de Cajazeiras em 1970. (Fonte: Google Maps)**

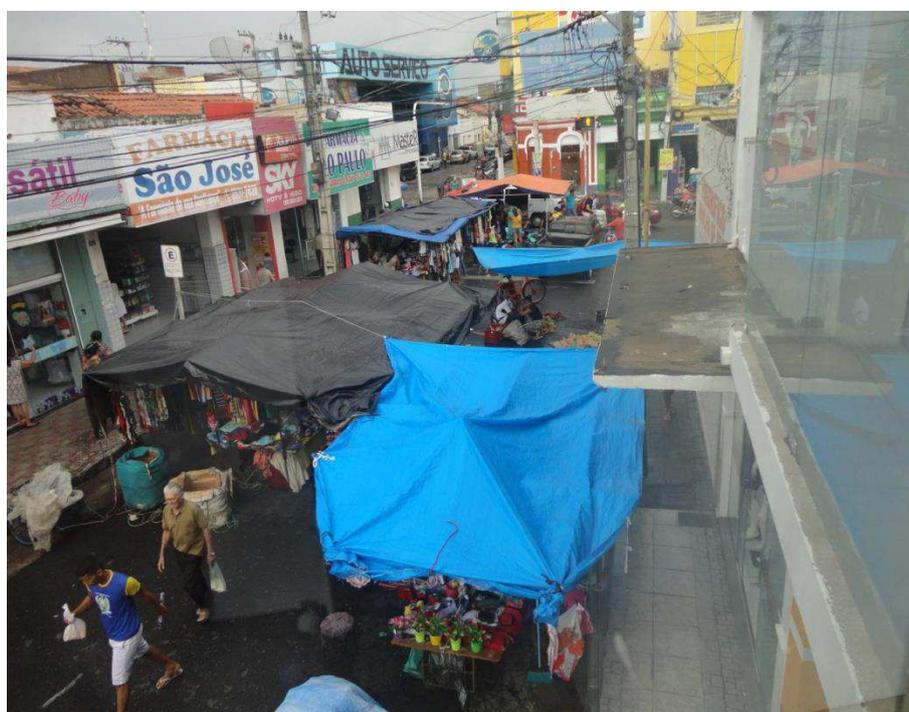
Antes a feira se estendia desde a Rua Padre José Tomás, se estendia ao longo da Rua Padre Manoel Mariano até a Rua Sebastião Bandeira de Melo conhecida por Rua da Telpa, com barracas aglomeradas muito próximas umas as outras, todavia, atualmente percebemos o quanto a feira diminuiu, ocupando apenas a Rua Padre Manoel Mariano e parte da Sebastião Bandeira de Melo, e ao andar alguns metros, já percebemos os espaços vazios que pouco a pouco vão aumentando.



**Figura 26. Feira Livre de Cajazeiras em 2017. (Fonte: Google Maps)**



**Figura 27: Feira Livre vista do alto na Rua Padre Manoel Mariano. 2017**



**Figura 28: Feira Livre vista do alto na Rua Padre Manoel Mariano. 2017**

Assim como economicamente, a feira acabou perdendo também as suas manifestações artísticas mais pontuais, desta forma, a feira está deixando aos poucos de ser uma referência cultural para os moradores da cidade. No entanto a feira ainda continua mesmo com as adversidades, talvez pela falta de empregos, talvez pela vontade dos feirantes, mas, o mais importante é que ela continua, no entanto nós ficamos com o alerta

por quanto tempo a feira ainda irá permanecer? É difícil saber, no entanto enquanto ainda existirem feirantes que enxerguem na feira um bom local para tirar seu sustento, enquanto houver freguês que veja na feira um local onde possa encontrar bons produtos, sejam alimentícios, sejam produtos para o trabalho, casa e pessoais e as pessoas possam fazer suas compras, enquanto houver pessoas que encontrem na feira o espaço ideal para divulgar sua arte, creio que esta se manterá viva, simbolizando a cultura de Cajazeiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs, como principal objetivo, compreender as transformações ocorridas na feira livre da cidade de Cajazeiras, desde a década de 1970 até os dias atuais. Ao analisar imagens sobre a feira é perceptível que esta vem sofrendo uma retração de sua importância enquanto referência econômica e cultural.

As feiras são centros culturais, que se singularizam através daquilo que é vendido, se tornando um espelho de costumes enraizados na vida das pessoas que dela fazem parte. A realização da feira, unido aos elementos que a compõe que vão desde produtos alimentícios, utensílios domésticos, vestuário, até apresentações artísticas e as formas como os feirantes divulgam e expõem seus produtos e as pessoas que nela transitam a cada dia. Conhecer a feira é também reconhecer a sua contribuição para com a cultura de uma cidade, é entender que esta não é apenas um espaço comercial qualquer, e sim algo genuíno, que faz parte da vida, mesmo que por inúmeras vezes não nos damos conta disso, a feira esta na memória individual e coletiva, não só dos feirantes, mas dos fregueses e frequentadores, conhecer a feira é pra muitos conhecer a cidade, nela podemos compreender as tradições de uma cidade, isso com relação à arte, a moda e aos alimentos.

Percebemos que a feira nas últimas décadas vem se adaptando com relação aos produtos industrializados que antes circulavam apenas nos grandes centros urbanos, desconhecidos das pequenas cidades do interior, produtos que atualmente passaram a fazer parte das necessidades dos consumidores e são importados pelos comerciantes locais. Essas sutis adaptações que vão acontecendo ao longo do tempo na feira de Cajazeiras nos apontam caminhos para uma reflexão sobre como os feirantes vem empreendendo esforços para se adaptarem aos novos produtos e novas práticas. Neste sentido, a permanência da feira de Cajazeiras pode ser pensada a partir da perspectiva da resistência cultural, ou seja, como hábitos, costumes e práticas culturais resistem ao tempo e à modernização econômica, pois a feira que se realiza todos os sábados ainda se mantém no centro da cidade e ainda faz parte do roteiro dos habitantes da cidade e do comércio local.

O surgimento de novos centros de consumo como as lojas de preços únicos tanto de roupas como de variedades, a multiplicação dos supermercados pela cidade, acabaram por mudar os hábitos dos consumidores, fazendo com que a feira acabe perdendo seu espaço cada vez mais. No entanto esta ainda consegue resistir à concorrência cada vez mais forte. Com a pesquisa, nota-se que a feira ainda é frequentada, pois para muitas

peças ainda é vista como um espaço onde se pode encontrar inúmeros produtos que não são vendidos em supermercados ou lojas de variedades, como por exemplo, os artigos de couro, certos tipos de utensílios domésticos, dentre outros. Na feira é possível também à proximidade com o alimento a ser comprado, como o feijão, a farinha, a rapadura, as frutas são um caso a parte, pois para muitos fregueses, só na feira se pode encontrar as frutas mais frescas e as frutas da época. Os feirantes veem na feira o espaço para o desenvolvimento do seu trabalho, já que os feirantes podem ser donos do seu próprio negócio, e sem o pagamento de impostos.

As entrevistas nos revelaram diversos aspectos sobre a feira, desde sua organização, sua estrutura, seus produtos, os episódios de sociabilidade, como a feira e a cidade acabam se desenvolvendo por muito tempo em conjunto, uma contribuindo com a outra, e através das entrevistas podemos ter informações de como durante a década de 1970 e 1980 a feira se organizava, quem eram as pessoas que dela faziam parte, e foi através das memórias dos feirantes que podemos entender como a feira fez parte da vida destas pessoas.

A metodologia utilizada procurou conciliar as contribuições da história oral e o estudo etnográfico, por meio de observação de campo e realização de fotografias que possibilitaram que esta pudesse solucionar os problemas que foram levantados. Através das entrevistas com antigos feirantes que atuaram na feira durante os períodos de 1970 e 1980, podemos entender como a feira se organizava, os produtos que eram vendidos, como se desenvolvia e assim entender o lugar da feira, tanto nos aspectos econômicos, culturais e sociais. As imagens recolhidas foram importantes para termos uma noção mais estrutural da feira tanto durante os períodos de 1970 e 1980 como também atualmente, as imagens da feira atualmente auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa etnográfica utilizada pra entender a feira nos dias atuais, estar em contato direto com a feira possibilitou entender o seu funcionamento, assim como entender o declínio pela qual esta passa.

Os estudos de Michael Pollak (1989), Jacques Le Goff (1994), Alessandro Portelli (1997) permitiram uma reflexão teórica com vistas a refletir sobre como trabalhar com a memória e com as histórias de vida.

Ao final do trabalho as palavras de Maria dos Cocos resumem o significado da feira para a sua vida:

Há eu achava bom que eu tinha meu dinheirinho na mão, graças a Deus nunca faltou, dava tudo pra meus filhos, nunca faltava meu dinheiro na

minha mão. Só o que eu fiquei foi acabada, eu também não tinha mais vista minha filha, eu tomava de conta porque eu precisava pros meus filhos.

Em suma, chegamos ao fim deste trabalho obtendo êxito na resolução dos questionamentos que foram propostos sobre a feira, com o auxílio da metodologia utilizada que deu conta da pesquisa. Entendemos que a feira apesar de suas transformações, ainda continua resistindo a mudança nos hábitos dos consumidores, as novas concorrências de mercado e a falta de investimento do poder público da cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 155-202.
- ALBUQUERQUE, Júnior, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação da cultura popular (nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007)**. 2011. 700p. Tese (Dourado em História) Universidade do Minho e Instituto de Ciências Sociais.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- CORRÊA, Roberto Nunes. **Viola Caipira: das práticas populares à escritura da arte**. Tese. USP, 2014.
- COSTA, Antonio Assis de. **As Cajazeiras que eu vi e onde vivi**. João Pessoa: Gráfica JB, 2013.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 3-13.
- GROSSMANN, Wilma. **A seca no Nordeste: o "cheiro" da fome**. 1990. <https://ccsa.ufrn.br/nutseca/NUT-Seca/artigos%20de%20jornais.html>
- GOLDMAN, Marcio. 2005. "Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia". **Cadernos de Campo**, 13: 149-153.
- GUIMARÃES, Camila Aude. **A FEIRA LIVRE NA CELEBRAÇÃO DA CULTURA POPULAR**. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. 3 ed. Campinas, SP: Edunicamp, 1994, pp. 419-476.
- LEITÃO, Deusdedit. **O Inventário do tempo: memórias**. João Pessoa: Edições Empório dos Livros, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme C.. **Etnografia como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, vol.15, n.32, p.129-156, 2009. DOI : [10.1590/S0104-71832009000200006](https://doi.org/10.1590/S0104-71832009000200006)
- MARIANO, S.R.C. **Signos em Confronto? o arcaico e o moderno na cidade de Princesa (PB) na década de 1920**. 01. ed. João Pessoa: Universitária UFPB, 2010. v. 01. 164p .

MIRANDA, Gustavo. **A Feira na Cidade: Limites e potencialidades de uma interface urbana na feira de Caruaru e de Campina Grande. 2009.** 189p. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Desenvolvimento Urbano, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIRENNE, Henri. **As Cidades da Idade Média.** trad. Carlos Montenegro Miguel – 3. Ed. - Europa-América (Coleção Saber), 1973.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Projeto História, São Paulo, vol. 14, 1997, pp. 25-39.

PRADO, Caio Jr. **Formação do Brasil Contemporâneo.** Colônia. São Paulo. Ed Brasiliense, 2008.

SANTANA, Rosemere O.; CEBALLOS, V. G. . Por uma História de Cajazeiras. In: Antonio Clarindo Barbosa de Souza. (Org.). **História dos Municípios Paraibanos.** 1ed. Campina Grande: EDUFCA, 2013, v. 2, p. 5-16.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Mauricio, **Memória D'ÁFRICA: A temática Africana em sala de Aula.** São Paulo: Cortez, 2010.

SOUSA, Elza Coelho. **Feira de Gado.** Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro. Ano VIII. N. 3 1946. pp.398-390.

SOUZA, Carolina Rezende de. **As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: Alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação.** Minas Gerais. ano 13, n. 22. 2015.

VEDANA, V. **Fazer a feira: estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. **No mercado tem tudo que a boca come: estudo antropológico da duração das práticas cotidianas de mercado de rua no mundo urbano contemporâneo.** Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WEBER, Florence. **A Entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo?** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, 2009.

**Sites**

<https://coisasdecajazeiras.com.br/feira-livre-de-cajazeiras-existe-ha-mais-de-165-anos/>

<http://www.wscom.com.br/noticias/paraiba/mpt+detecta+exploracao+infantil+na+feira+livre+de+cajazeiras+e+diz+que+e+dever+d-175301>

<http://blogdoadjamiltonpereira.com.br/noticias/caminhada-na-feira-livre-no-sabado-dia-06-sera-o-primeiro-evento-da-campanha-de-cassio-cunha-lima-em-cajazeiras>

<http://www.radioaltopiranhas.com.br/2014/09/gobira-faz-passeata-em-cima-de-um-jumento-e-uma-carroca/>

<http://www.altosertao.com.br/index.php/feirantes-reclamam-da-falta-de-infraestrutura-na-feira-livre-de-cajazeiras/>

<http://www.ilo.org/brasil/conheca-a-oit/lang--pt/index.htm>

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/rolim-francisco>. Data de acesso: 15 de abril de 2017.

# ANEXOS

## Entrevista de Joaquim Pereira

Entrevistadora: Andressa Martins Santana

Entrevistado: Joaquim Pereira

Data da entrevista:

Andressa: O senhor começou na feira em que ano seu Joaquim?

Joaquim Pereira: Eu comecei com dezesseis anos de idade, aí hoje esta faltando uns cinco meses pra eu completar setenta anos, esse tempo todinho, aí eu parei agora um pouco porque eu estou operado do coração ai eu passei cinco meses sem eu ir à feira, correndo daqui pra João Pessoa e me tratei, me operei, aí quando é agora minha menina tá tomando de conta lá, mais eu tô assim, passo um pedaço lá fico até dez horas, aí dez horas eu venho embora pra casa porque não estou podendo levar muito sol ainda.

Andressa: A feira vai até que horário?

Joaquim Pereira: De primeiro quando eu comecei na feira ia até cinco horas da tarde e hoje ela vai só até uma hora a gente já esta ajustando os troços pra vim embora pra casa, nem tem mais ninguém na feira, nem ninguém vende mais nada a história é essa.

Andressa: Antigamente quando o senhor começou, na época que o senhor começou, a feira se estendia até esse horário?

Joaquim Pereira: Até seis horas da noite, às vezes cinco e meia da noite nós tava guardando o legume chegava gente e dizia eu quero isso e a pessoa ainda ia desatar o saco pra botar aquele legume, só que quando eu comecei não era na balança não era no litro a gente fazia, media tudo e quando eu comecei na feira era assim quem vendesse farinha e goma só vendia essas coisas não vendia feijão nem arroz não, só vendia farinha e goma, quem vendia rapadura só vendia rapadura, aí no governo de Chico Rolim aí ele liberou pra todo retalhista da feira vender tudo, arroz, feijão, goma, rapadura, tudo foi liberado no governo de Chico Rolim. Quando eu entrei no comercio era só dois tipo era goma e farinha boa né, naquele tempo comprava muita farinha quem morava nos sítios, aí as mulheres não gostavam de moer milho pra colocar no feijão ai comprava muita farinha.

Andressa? Quais eram os produtos que o senhor pegava?

Joaquim Pereira: Os produtos que eu pegava era esses, ai quando Chico Rolim foi prefeito aí liberou pra todo mundo botar tudo, tudo no mundo aí hoje nós bota arroz, feijão, farinha, rapadura, goma, arroz branco, arroz vermelho, bota tudo hoje, só que a feira diminuiu a metade né, que era o dia todinho aí hoje só até meio dia.

Andressa: E o tamanho da feira também né.

Joaquim Pereira: O tamanho da feira também, é pouca gente quando é assim uma e meia da tarde você passa ali e vê o povo já foi pro seu lugar.

Andressa: Antigamente, na década de 1980 a feira ela pega ali a praça dos carros...

Joaquim Pereira: É pegava tudo ali, a primeira feira quando eu entrei era lá naquela rua do calçadão, naquela rua estreita, nesse tempo não era calçadão não, chamava rua Santa Terezinha ali, descendo ali, começamos ali, ai depois foi transferida no governo de doutor Quirino ali pra frente da Telemar aí quando doutor Quirino perdeu que ganhou doutor Epitácio subiu pra aquele canto onde nós estamos, aquele canto ali.

Andressa: Os produtos do senhor conseguia esse produtos onde?

Joaquim Pereira: Eu comprava lá, levava o dinheiro no bolso e compra o saco de farinha bem cedinho, cada qual comprava o seu, me lembro como hoje a primeira coisa que eu fui vender farinha e goma, eu só comprei um saco de farinha e um de goma, quando foi três horas não tinha mais nada.

Andressa: O senhor comprava os produtos na própria feira?

Joaquim Pereira: Comprava na própria feira a aquela cabra que vendia em grosso e na própria feira a gente vendia ai de noite só vinha pra casa com o dinheiro que tinha apurado e os sacos das sacarias desocupado. Mais é muito tempo é muito sofrimento é muita coisa. Me lembro como hoje quando foi pra eu começar eu trabalhei primeiro dois anos e oito meses numa loja aqui em cajazeiras, loja do finado Zuza Moreira de caichete só no sábado, na semana trabalhava com meu pai na roça e no sábado trabalhava de caichete, aí eu saia quatro da manha de casa de bicicleta ai quando era cinco horas largava aí ia embora pro sitio, trabalhava ganhando porcentagem, trabalhava tão barato, mais assim mesmo ainda foi bom pra mim, ainda me deu a vontade de ir, disse Zuza me deu uma vontade de vender legume na feira, vá faça seus gostos, aí eu digo eu tenho um dinheirinho na mão dele, ai peguei o dinheirinho e com esse capital eu comecei minha feira vender legume até hoje estou vendendo, comecei com dezesseis anos de idade e com setenta anos já um bocado de ano né.

Andressa: É verdade. O que o senhor fazia quando sobrava?

Joaquim Pereira: Guardava tinha uma casa de um rapaz, o nome dele era Zezinho, até esse rapaz foi embora de Cajazeiras e eu nunca mais soube notícias dele, ele era um caba bom um rapaz bom, ele tinha uma mercearia ali naquela rua do calçadão, aí a mercearia dele era pequena mais o deposito lá pra dentro era grande, aí nos guarda os caixão lá, as coisas, tudo, litro, aí pagava uma mixaria, estou nem lembrado quanto era no outro sábado pegava cedinho, tirava os troços e botava na feira, aí ia fazer as compras de legume pra colocar nos caixões pra poder vender.

Andressa: Comprava mais ne.

Joaquim Pereira: Tinha que comprar tudo, porque quem vendia de tudo numa feira tudo bem a fazer uma nova compra completa e quem sobrava aquelas coisas a gente guardava e botava lá também, você botava seu nome Joaquim ninguém bolia , só bolia cada qual no que é seu, não bolia nas coisas dos outros não, graças a Deus. Agora hoje nós traz pra casa, hoje não tem mais como guardar lá né, nós tem comercio botado meio grande. O meu mermo todo sábado vai uma camioneta buscar aqui em casa, leva de madrugada, três horas ela vem leva ai quando é duas e meia ela chega aqui com meu legume ai eu guardo no quarto aqui.

Andressa: O senhor começa de que horas?

Joaquim Pereira: Bom quando a camionete sai cedinho, quando é seis horas a gente já começa a vender lá, aquelas pessoas que não quer levar sol aí vão e compra cedinho, agora aquelas pessoas que tem costume de levar sol pode ir a hora que for que tem legume pra comprar. Aquelas pessoas que não compra lá na feira vem e compra aqui em casa, que mora aqui por perto, não vai pra feira ai compra aqui.

Andressa: Antigamente o senhor ia esse horário ou ia mais cedo?

Joaquim Pereira: Não antigamente eu vinha do sítio, morava no sítio, andei vinte e dois anos de bicicleta do sítio duas léguas e meia pra cajazeiras, aí acabava o dia quando era cinco e meia pra seis horas, aí eu guardava o legume e vim embora de bicicleta pra casa de novo até chegar lá.

Andressa: Pra começar bem cedinho?

Joaquim Pereira: Pra começar a feira era cedo de mais, sai quatro horas do sítio e de noite chegava sete, oitos horas da noite em casa a viagem que era grande de bicicleta, era sofrimento viu.

Andressa: Verdade (risos). O senhor pagava impostos?

Joaquim Pereira: Paguei, eu paguei no governo de doutor Quirino nós pagava impostos, um imposto muito exorbitante, do preço que ele comprava uma pessoa que pagava impostos de uma mercearia ele cobrava da feira também, aí nós botamos na justiça, que foi rentando, foi rentando justamente ainda passou uns quatro anos, nós pagando, aí no governo quando ele perdeu a campanha, quem ganhou foi doutor Epitácio, ai doutor Epitácio foi e cortou o imposto e a gente pagou mais não, o imposto que nós pagava, nós pagava por mês na coletoria.

Andressa: Pagava pelo espaço?

Joaquim Pereira: Não, cada qual tinha aquele nome na coletoria, quando era todo final de mês você ia e pagava aquela quantia de dinheiro na coletoria e se faltasse um cruzeiro não recebia não, tinha que enterar o dinheiro era sofrimento. Agora nós não paga mais não, nós só paga mesmo a despesa do carro pra levar pra trazer e o legume a gente já leva um

bocado daqui, compra outros lá quando a gente chega lá no sábado de manhã, aí pronto, num instante passa o meu dia pra voltar pra casa cedo.

Andressa: O senhor fazia parte de associação?

Joaquim Pereira: Fazia, eu fazia mais hoje eu não faço mais não, porque eu tinha associação comunitária do sítio, quando eu morava no sítio, aí com sessenta anos eu me aposentei, aí também eu não fiz mais parte não e paguei sindicato trinta e nove anos, sindicado de trabalho pra ter direito a aposentadoria. Lá no sítio existe, as pessoas que falta se aposentar, tão pagando na minha filha só tem direito, aquela história só tem direito quem paga direito né, se você não pagar direito pra ter direito a associação, paguei sindicato trinta e nove anos até quando eu deixei de pagar aí fui dar baixa na carteira aí o presidente do sindicato disse homem completa os quarenta anos eu disse não esse ano que eu vou lhe pagar eu vou comer, trinta e nove anos é um bocado de ano né.

Andressa: Aí normalmente quando a feira estava perto de acabar, chegava gente pra comprar?

Joaquim Pereira: Chegava, cansava de nós estar amarrando o saco e a pessoa chegar e dizer ô abre esse saco pra eu comprar dois quilos de goma ou dois quilos de farinha, aí pra fazer bem aquela pessoa aí nós ia desatar e vender.

Andressa: Era sempre no dinheiro?

Joaquim Pereira: Aquela feira nossa ali minha filha ninguém vende fiado não, se você vender a alguma pessoa deve ser muito parente, ser um amigo, mais é o único comércio que nós temos não tem fiado é os cereais.

Andressa: O senhor fazia suas compras na feira?

Joaquim Pereira: Fazia minhas compras muito no armazém de seu Arcanjo, finado Arcanjo, onde era encostado a minha banca hoje comprava muito a ele, muito mesmo, no tempo que não tinha mercado, não tinha supermercado, não tinha nada a gente vendia muito, eu cansei de vender doze sacos de arroz numa feira, doze sacos, eu botava dez de manhã, e quando era onze horas terminava pegava mais dois pra completar a banca e vendia tudo também, agora depois do supermercado hoje ninguém vê isso mais não, a venda hoje é bem miudinha, o que vende mais na feira hoje é só feijão, porque você escolhe, sai escolhendo feijão no mercado não tem feijão bom, aí pronto feijão bom é na feira.

Andressa: O supermercado acabou tirando...

Joaquim Pereira: O supermercado tirou os compradores da feira né, porque hoje eles vendem tudo, vende feijão também, vendem goma, vendem tudo aí pronto, diminuiu nossa venda mais Deus é por todos.

Andressa: Ainda continua movimentada.

Joaquim Pereira: Eu vendo muito ainda, graças a Deus, minha menina vende mais pouco, quando eu não estou na banca ela vende mais pouco, quando eu estou na banca vende mais, graças a deus quando eu chego lá de manha aí os fregueses já pega a chegar, a experiência velha ne. Minha menina não tem muita pratica mais depois que eu comecei a andar, ta com umas três feiras que eu vou pra feira, que eu to operado vou fazer cinco meses quinta feira, ai eu vou quando é até dez horas dez e meia, aí eu vou na praça coração de Jesus e freto um carro e venho embora, mais tô muito bem graças a Deus. E essas casas são minhas, casa daqui pra acolá , meus filhos cada qual mora numa casa minha que eu dei, trabalhei na feira e catorze anos nessa carroça. No sol muita coisa, minha história é complicada, minha história é complicada de mais.

Andressa: Ai o senhor trabalhava na feira no final de semana.

Joaquim Pereira: Trabalhava na feira no final de semana e na roça na semana, aí no final de semana eu, trabalhava até sexta na roça e no sábado ia pra feira. Quando eu não trabalhava na roça, trabalhava na loja no sábado. Na loja na praça coração de Jesus, na loja de seu Zuza seu pai sabe onde é.

Andressa: Ele ainda foi parente de minha vó.

Joaquim Pereira: Pois eu trabalhei três anos e seis meses da loja de Zuza, só no sábado, na semana mais meu pai na roça, eu achava bom quando chegava no sábado, porque de madrugada mesmo tomava um banho me vestia ai vinha pra loja, chegava as vezes bem cedinho aí Zuza, Joaquim saiu cedo de lá aí foi, ai ele mais homem, pode sair de casa sete horas da manhã (ruído).

Andressa: Na época da seca?

Joaquim Pereira: Não era a mesma coisa, era o mesmo rojão, tinha que chagar cedo na loja.

Andressa: Mais não afetava assim as vendas?

Joaquim Pereira: Não, afetava não, de jeito nenhum! Na seca quando havia algodão, quem trabalhava em loja ganhava tanto do dinheiro minha filha, porque vendia aqueles pacotes de lençol de algodãozinho, peça, uma peça de algodãozinho era vinte metros, ai tinha feira que eu vendia três peças. Eu me lembro como hoje, teve uma feira no tempo de saca de algodão (ruído), teve uma feira que eu vendia mais que todo mundo na loja de seu Zuza, ai quando fui fazer a conta no talão era Maria Auxiliadora, ela mora ali hoje na Caminho de Holanda, ela fez a conta ai disse seu Zuza, Joaquim hoje vendeu tanto e ganhou tanto, ele disse pode verificar os talões de Joaquim que isso ai esta tudo errado, aí ela disse esta não seu Zuza, eu já olhei, não tem erro em canto nenhum, ele vendeu mais do que o senhor, do que seu Joaquim, que era o irmão dele né, ele vendeu mais do que todos os daqui da loja, era oito pessoas com Zuza, tudo era oito, aí nesse dia eu vendi mais do que todo mundo a loja de Zuza, aí fiz minha conta deixei o dinheiro com ele, gostava de deixar meu dinheiro sempre na mão dele, foi quando eu comecei meu comércio foi com esse dinheiro que ganhei.

Andressa: Da loja aí foi pra feira?

Joaquim Pereira: Da loja sai pra feira, agora aí eu tive, eu fui convidado pra ser o gerente de Zuza, quando eu sai da loja dele, pra eu ser o gerente ficar direto na loja, aí eu já tinha começado a vender legume, eu digo não eu vou vender legume mesmo que eu vou botar roça também, eu vou me casar, eu me casei novo também, eu me casei com dezesseis anos de idade.

Andressa: Quase na mesma época que o senhor começou a trabalhar na feira o senhor casou?

Joaquim Pereira: Quando eu sai da loja eu me casei, aí fui pra feira, com dezesseis anos foi quando eu comecei a vender cereis na feira, ai pronto, ai eu já estou perto de completar setenta agora em Janeiro.

Andressa: A mulher do senhor ia pra feira ajudar?

Joaquim Pereira: Ela ia mais a minha primeira esposa já morreu, (Ruido) ai ela, minha mulher morreu com cinquenta anos e três meses, aí essa dai já é a segunda, passei três anos viúvo, aí eu me casei de novo, não me casei, vivo com essa mulher, esta dando certo graças a Deus.

Andressa: Os filhos do senhor também iam pra feira trabalhar?

Joaquim Pereira: Não, eu tenho quatro filhos, três homens e uma mulher, essa menina gorda aí (aponta para o local onde a mulher esta) é minha filha, mais meus filhos é o seguinte, dois é empregado e o outro é assim meio doente tem problema né, um trabalha na Transfigueiredo e o outro trabalha lá no primor em Junho, aquele baixinho que tem lá é meu filho o mais velho, ele trabalha lá, trabalhou vinte anos mais seu Arcanjo ele, aí quando seu Arcanjo morreu, aí espatifaram as coisa todinhos , ele ainda passou três mês sem tralhar, aí Junho foi e chamou já conhecia ele né, então graças a Deus de certo.

Andressa: Ai o senhor lembra-se dos seus conhecidos da feira, que já faleceram ou que ainda estão vivos, que vendiam na feira.

Joaquim Pereira: Hoje o mais velho da feira sou eu de todos, eu vou ler pra você. João Ferreira esse cidadão era do catolé, ele já morreu.

Andressa: Ele vendia o que?

Joaquim Pereira: Ele vendia cereais também na feira, Joaquim de Dina esse cidadão morava perto da cadeia, já morreu também. Raimundo Alves esse era do catolé também.

Andressa: Eles vinham do sitio?

Joaquim Pereira: Vinha do sitio que nem eu, do mesmo jeito. Aqui Joaquim Ferreira do Catolé também, botei os do Catolé primeiro, já morreu também. Ai aqui era Emídio Gomes morreu, ele morava ali perto da cadeia, naquele bequinho estreito de cima, era um senhor morreu de idade ele, é, Francisco Enéas que morava na Caminho de Holanda já morreu

também. José Saraiva já morreu, João Filirmino morreu, Antônio Vicente já morreu, Adriano Paulo já morreu, Gino Gomes morreu (ruído), Trajano Lopes morreu, Antonio Gonçalves morreu, que era um senhor que tinha uma propriedade ali perto do papa-mel ele vendia na feira também, e aqui José das Neves morreu. Esses catorze aqui, eu cheguei na feira achei todinhos, aí foi morrendo, foi morrendo, foi morrendo.

Andressa: Sempre trabalhando.

Joaquim Pereira: Sempre trabalhando, aí adoecia morria, aí entrou outros cabras mais novos lá. Hoje é bem miudinha a feira minha filha, de primeiro era tão grande aquela feira.

Andressa: Eu vi o vídeo eu tenho ele baixado, depois eu vou trazer pro senhor ver no computador.

Joaquim Pereira: Pois é minha filha era grande aquela feira

Andressa: Eu tenho um vídeo, bem ali na aquela praça do armazém Paraíba ali, da a volta ali pela praça coração de Jesus, descia aquela a feira cheia de barraca, Cantador de viola tinha muito .

Joaquim Pereira: Era muito, muito grande a feira, hoje da bem pouquinha gente na feira, bem pouquinha gente mesmo, eu ainda tô ainda porque minha menina esta ajudando mais eu tenho plano de parar também, agora eu queria assim completar ao menos os setenta e um pra de uma vez parar.

Andressa: Vou me aposentar(risos)

Joaquim Pereira: Aposentado eu já sou minha filha.

Andressa: Aposentar assim da feira.

Joaquim Pereira: Sim Da feira, da feira é esta certo, esta certo. Pois é essas quatorze pessoas aqui (aponta para o caderno, onde foi anotado o nome das pessoas) já, já viajaram todinhos , quando eu cheguei estavam todinhos, esses nomes que eu disse a você agora, estavam todinhos na feira mais Deus quis tirar, foi tirando, foi tirando, foi tirando, esse João Ferreira morreu com oitenta e dois anos, mais todo sábado ele ia pra feira, aí ele adoeceu e foi pro hospital com poucos dias, não foi oito dias ele viajou (o entrevistado se emociona). Eu estava ali dizendo aos meninos mesmo eu contando assim e eu (risos) mais Deus é bom né?

Andressa: É graças a Deus.

Joaquim Pereira: André tem quantos filhos?

Andressa: Painho tem eu e meu irmão.

Joaquim Pereira: Só é um casal?

Andressa: Só.

Joaquim Pereira: E é?

Andressa: É. Meu irmão.

Joaquim Pereira: E é?

Andressa: É

Joaquim Pereira Pois é

Andressa: Na década de 80, década de 90 viam muitos cantadores, muita gente de fora pra animar a feira?

Joaquim Pereira: Pra feira vinha, vinha sanfoneiro dia de sábado, ali onde é o Armazém Paraíba hoje, os sanfoneiros gostavam de fazer ali um forro era gente, aquelas pessoas dançavam no meio da rua, já hoje ta tudo...

Andressa: O povo vinha e fazia as compras ai aproveitava pra se entreter ali também

Joaquim Pereira: Pra se entreter fazer um forrozinho para o povo dançar também uma coisinha né

Andressa: É verdade

Joaquim Pereira: Pra entreter o dia mais

Andressa: É. Naquele vídeo que eu estava, que eu disse ao senhor que tinha visto, é, tinha lá um senhor, que o povo chamava de Bigodim, o senhor lembra-se de Bigodim o que é que ele fazia?

Joaquim Pereira: Lembro eu lembro Bigodim ele vendia picolé na feira, na feira, no meio da feira, brincalhão, Elias do picolé vendia também era amigo também, todos eram conhecido ali, muita gente, mais acabou-se.

Andressa: Aí sempre teve aquelas barracas ali?

Joaquim Pereira: Toda vida teve aquelas barracas, só que as barracas hoje são mais bonitas né?

Andressa: É

Joaquim Pereira: Aquela minha mesmo veio agora de São Paulo foi oitocentos real, aquela que eu estou com ela agora.

Andressa: Aí como eram as barracas antes?

Joaquim Pereira: Era assim você botava, pegava uma torna de pau colocava em pé dentro daquela peça do caixão aí fazia tipo uma barraca que você faz no sítio, depois cobria com a lona amarrava pronto, a minha esta aí, a minha torna ainda esta aí ó, aí agente amarrava aquela lona assim e só tirava na hora de ir embora, depois você amarrava o legume todinho

na sombra, tudo, aí acabava com a sombra, aí meu sobrinho, eu tenho sobrinho que mora em São Paulo aí ano passado ele ligou pra mim que vinha, aí encomendei aquela torna nova ali, mais é cara é oitocentos, pode trazer uma pra mim, aí trouxe muito boa agora minha torna, muito boa, tem muita sombra lá, pode chegar lá na hora quente pode ir pra sombra lá é grande, pode chegar lá.

Andressa: Mais sempre teve aquelas pessoas que gostavam de colocar assim no chão né, nos sacos.

Joaquim Pereira: Nos sacos, na lona, colocava, mais aí de qualquer maneira ele tinha que trazer qualquer amparozinho pra ficar naquela sombrinha porque naquele sol ali minha filha, ali é quente, a ruas todas são quentes, mais na feira do legume é mais quente por causa daquela pista quente, calçamento tudo é quente de mais.

Andressa: Verdade aquele asfalto ali é quente

Joaquim Pereira: Você pode passar ali uma hora, de meio dia em ponto no sábado, você pisa ali naquele mormaço você sente.

Andressa: Verdade.

Joaquim Pereira: Queimando os pés.

Andressa: O senhor lembra de políticos assim que foram lá fazer comício, porque o pessoal gostava de fazer seus comícios.

Joaquim Pereira: Todos os comícios vão lá, ainda hoje vão, todos os comícios, quando esta passar a eleição eles vão lá.

Andressa: fazer panfletagem.

Joaquim Pereira: Eles vão pra banca da gente, vão perguntar, eu digo não, não vou dizer em quem voto não, mais você vota em mim, posso votar, agente tem que ajeitar pra não destratar ninguém.

Andressa: Vai pedir voto, como também espalhar né, porque na feira todo mundo anda.

Joaquim Pereira: E é o lugar melhor dos políticos de se encontrar as pessoas é no sábado na feira, porque vem do sitio, da rua de todo canto né, aquele pessoal que mora na cidade que tão fazendo a feira bem cedinho, aí vem os do sítio depois das sete horas ai junta tudo, aí vão conversar com todo mundo né

Andressa: É verdade

Joaquim Pereira: Nós em cajazeiras nós temos um político muito bom Doutor José Aldemir, ali é um medico, um político dos pobres como diz a história viu.

Andressa: Verdade

Joaquim Pereira: Essa operação minha foi ele quem me deu a ordem pra eu ir pra João Pessoa, aí aqui em Barbalha era cem mil reais, aí eu ainda botei cinco o cara não operou não, aí doutor José Aldemir mandou pra um amigo dele em João pessoa, ele me operou pelo SUS, graças a Deus, Deus de muita saúde a ele e muitos anos de vida a eu e a ele.

Andressa: Deus quiser ajudado assim é bom né.

Joaquim Pereira: Tem que ajudar as pessoas que ajuda agente né.

Andressa: Com certeza, com certeza.

Joaquim Pereira: E agora vou esperar a politica dele eu já disse a minha família todinha, todos vamos votar com ele de novo, gente boa ele.

Andressa: Ta certo

Joaquim Pereira: Pois é. Aí essa entrevista vai passar aonde?

Andressa: Essa entrevista eu vou transcrever ela, vou escutar e vou escrever pra eu colocar na minha monografia.

Joaquim Pereira: Há assim ta bom .

Andressa: É um trabalho de conclusão de curso da universidade, que eu concluo , tenho que concluir o curso (ruído) fazendo esse trabalho.

Joaquim Pereira: Ta bom

Andressa: Aí eu quero saber outra coisa do senhor.

Joaquim Pereira: Diga!

Andressa: É na feira lá, assim a gente sabe que na feira acontece de tudo, por ser um ponto central, assim por ser um canto local.

Joaquim Pereira: Acolhe muita gente no sábado.

Andressa: Pois é. Aí assim, teve algum caso, assim antigamente, na época que o senhor trabalhava de alguém que veio de algum assalto existia assim esses arrastão?

Joaquim Pereira: Toda vida existiu assalto. Aconteceu comigo, eu fui botando o feijão pra uma mulher e entreguei a ela né, quando ela entregou aí ela puxou eu pra me beijar, quando ela foi me beijando eu empurrei ela assim (demonstra com os braços) aí ela tirou o dinheiro que estava todo nesse bolso (aponta para o lado esquerdo da camisa onde esta o bolso, para demonstrar) duzentos e noventa e cinco reais, agora minha sorte é que eu tinha guardado o graúdo estava com uma hora, eu tinha contado oitocentos reais e botado no bolso da calça aí tinha deixado só o miúdo de cinco reais, dez reais, dois reais, trocadinho.

Andressa: Acredito

Joaquim Pereira: Aí eu, e tem uma coisa e foi tão rápido que eu não dei fé não, aí duas mulheres que estavam sentadas naquela loja de frente, aquela loja de Arcanjo filho, aí ela disse, Seu Joaquim aquela mulher lhe roubou, aí eu digo roubou como? Quando eu olhei, roubou minha filha, roubou eu mesmo, ela disse ela roubou olha quando chegou bem ali ela derrubou uma nota de vinte bem novinha ela ainda voltou correndo pegou, aí eu descí atrás dela, quando cheguei nos motoqueiros, aí os motoqueiros disseram, já saiu agora senhor, pegou a moto agora, eu digo eu vou acionar a polícia, aí o rapaz lá disse não senhor não acione não, o senhor vai ser roubado outra vez, que a polícia agora, quando você vai da a volta agora no sábado o senhor vai ter que pagar a polícia, aquela volta que você da no carro da polícia, aí destá, destá, deixei pra lá pronto.

Andressa: Aí Seu Joaquim eu tinha perguntado naquela época, naquela hora da época de seca né, porque assim, eu tinha visto, não sei se o senhor conhece seu Joao Rosa, que ele foi feirante ali também.

Joaquim Pereira: É Zé Rosa!

Andressa: Zé Rosa.

Joaquim Pereira: Pronto. Meu vizinho, ele era vizinho a eu, Zé Rosa, pai de doutor Paulo Sabino.

Andressa: É esse mesmo.

Joaquim Pereira: Mora lá na rua Santo Antonio (intervenção externa).

Andressa: Aí seu Ze Rosa, ele trabalhou muito tempo ali ele falava que na época assim de seca, aparecia muita gente assim aí tinha arrastão.

Joaquim Pereira: Tinha arrastão, roubando, eu mesmo, eu mermo uma feira me levaram tudo, todo legume, aí tinha um vizinho meu que era ignorante ele puxou uma faca pra furar o caba, ia carregando um saco de feijão o caba pegou uma rapadura largou no meio da testa dele, levou catorze ponto ia matando, aí viu pra que reagir?, a minha levaram eu arranjo outra, Deus me da outra, aí na semana eu comprei outra e levei no sábado. E agora eu estou ficando com medo de novo desses negócios que essa presidente anda fazendo aí, esta querendo cortar esse decimo terceiro dos pobres, querendo cortar não sei o que (ruído) eu estava dizendo a menina aqui é capaz de começar arrastão de novo em feira viu, porque minha fia tem tanta gente sem nada no mundo.

Andressa: Pois é

Joaquim Pereira: Tanta gente sofrendo só, sem nada.

Andressa: Aí foi mesmo em que época, essa época desse arrastão?

Joaquim Pereira: Foi em setenta, de setenta a setenta e dois, todos os três anos foi atrapalhado, o caba que tirava legume aí dia de sábado fazia vez monte de gente na feira aí ia roubar tudo lá.

Andressa: Às vezes arrastão né?

Joaquim Pereira: Sim arrastão.

Andressa: A polícia?

Joaquim Pereira: Basta, naquele tempo a policia quando era dia de arrastão as vezes não ia nem pra feira, ia não tinha aquele que dizia – homem ele vai ficar com fome, outro dizia – aquilo deixou três filho em casa morrendo de fome (ruído) não deixou nada no fogo em casa, aí pronto aí fazia mudar.

Andressa: É verdade. O senhor, o senhor disse que ultimamente a feira tem diminuído bastante, aí o senhor atribui essa diminuição.

Joaquim Pereira: Atribuo ao supermercado, o supermercado, porque de primeiro agente vinha pra rua no sábado e na quarta e muitas vezes quando tinha um tempo que vinha na sexta, mais era pouca gente, e hoje é todo dia, todo dia você anda na rua é cheio, cheio, cheio de gente todo dia, aí vem aquele povo que vem tirar bolsa família, bolsa escola, aposentadoria, aí todo dia tem gente na rua, todo dia, aí aquele povo que estão na rua, não estão fazendo nada, aí vão pro mercado, aí tem um quilo de açúcar pra comprar, compra, aí tem um de arroz compra, uma quarta de café, um quilo de carne de gado ou carne pra levar pra casa, aí vão pra casa pronto no sábado não vem mais não, é assim eu atribuo ao mercado somente.

Andressa: O mercado, esses grandes supermercados.

Joaquim Pereira: É o mercado e esse, essas gratificações do governo né que é bolsa família, aposentadoria e bolsa escola, essas coisas todinhas.

Andressa: É verdade. (Ruido) E acaba tirando as pessoas de lá.

Joaquim Pereira: Acaba tirando, atrasou nós do comércio e atrasou as pessoas do mercado também, porque o mercado vende direto, aí não vende muito, se vendesse, se viesse só segunda e sexta e sábado, dava melhor a venda, mais todo dia, todo dia o povo estão na rua.

Andressa: É verdade. Que antigamente o povo deixava pra ir no final de semana.

Joaquim Pereira: Tinha gente que só ia na rua de quinze em quinze dias minha filha de primeiro, antigamente era, juntava duas semana de serviço, aí recebia aquela mixaria, aí quando era com quinze dias ia pra rua.

Andressa: Verdade.

Joaquim Pereira: E quando era safra de algodão que o cabra vendia algodão que tirava aquele dinheirão do algodão, saldando, aí levava as mulheres no sábado pra comprar roupa, comprar alpercata, compra uma sombrinha, umas coisas.

Andressa: Comprava tudo lá também?

Joaquim Pereira: Tudo lá, tudo na feira é.

Andressa: Fazia as compra tudo lá.

Joaquim Pereira: Tirando disso acabou-se, pronto, não tem mais.

Andressa: O senhor ficou sabendo de um projeto aí que a prefeitura, esse projeto já é um pouquinho antigo já, de tirar a feira dali e colocar pra outro lugar?

Joaquim Pereira: Estão, estão ainda, estão falando ainda, agora pro canto que eles querem botar...

Andressa: Eles que botar pra onde?

Joaquim Pereira: Lá pro cemitério velho.

Andressa: Longe né?

Joaquim Pereira: É. Não tem o cemitério velho lá em cima?

Andressa: Sei.

Joaquim Pereira: Querem botar ali, naquele largão ali, mais não quero não, deixei meus meninos ai, na hora que inventar de fazer isso eu saiu, saiu de uma vez. Eu vou pra um lugar daquele nada, vau não, o povo não vão não, além de ser no meio do sol.

Andressa: Acaba de vez né?

Joaquim Pereira: Acaba de uma vez, ali já esta fraco, ali do centro, porque ali é bom porque tem o mercado, tem os carros ali bem pertinho, tudo é perto ali, mais se tirar ali pra outro canto aí espatifa o povo todinho, fica ruim pra um pai de família que não tem onde morar.

Andressa: Porque ali é uma área central né, pras pessoas sair dali, que vai resolver uma coisa no comércio, vai na feira, a pessoa sair dali pra ir la...

Joaquim Pereira: Lá pra cima perto da cadeia ne, aí você, é que nem eu esto dizendo a você, agente ali, você chega na minha banca você compra dois quilos de goma, dois de feijão, aí entra no supermercado compra o açúcar, compra o café, tudo pertinho, aí ali o carro já manda. (Vocês já vão meninas?- Já- esta cedo, esta cedo tchau, tchau, minhas irmã, todas duas é irmã minha, mora lá na vila nova ). Ai é que nem eu estou lhe dizendo, aí você junta sua ferinha tudo num cantinho, quando é na hora de você pegar o carro pra ir embora, ai o mercado que lhe vendeu aquela feira já tem uma pessoa pra ir deixar lá no carro, bom, e se você for fazer uma feira lá em cima e juntar no ombro pra... não, não da certo não, é se aquietar ali que esta muito bom.

Andressa: Ai porque querem tirar a feira dali do local?

Joaquim Pereira: Eu não sei não, porque ali ó, não faz maldade com ninguém nossa feira ali só é sábado.

Andressa: Verdade.

Joaquim Pereira: Na semana nós não tem feira ali não, ali é livre passa carro, passa tudo, aí querem fazer o mal assim só pra dizer que mudou num sei o que, mais não é não é só pra fazer mal mesmo.

Andressa: Que o povo, eu ouvi dizer querendo justificar, não vamos tirar porque atrapalha o transito.

Joaquim Pereira: Atrapalha não, atrapalha não.

Andressa: No final de semana, não sei o que.

Joaquim Pereira: Atrapalha de jeito nenhum.

Andressa: Pois é todos que eu pergunto falam.

Joaquim Pereira: Só é no sábado a feira, como é que atrapalha o transito final de semana.

Andressa: Pois é todo mundo fala que não atrapalha, porque todo mundo já esta acostumado, sempre foi ali.

Joaquim Pereira: É e ali só é ate meio dia minha filha, quando é depois de uma e meia ali esta liberado passar carro, passado tudo ali, não atrapalha mais nada.

Andressa: Verdade, é verdade.

Joaquim Pereira: A história é essa, é assim mesmo.

Andressa: É, é assim mesmo.

Joaquim Pereira: Ainda mais alguma pergunta, pra gente concluir.

Andressa: Não, não tem mais nenhuma pergunta não.

**Entrevista de Maria de Lurdes Matias (Lurdes dos Cocos)**

Lurdes: A feira era mais comigo do que com ele (aponta para o marido)

Andressa: A senhora trabalhou lá e que ano?

Lurdes: Trabalhei tanto que estou aleijada.

Andressa: A senhora trabalhou lá em que ano?

Lurdes: Ah, comecei lá quando eu me casei, eu comecei a trabalhar em feira, quando eu me casei.

Andressa: Quando a senhora se casou.

Lurdes: É.

Andressa: Mais ele já trabalhava o marido da senhora?

Lurdes: Não, ele trabalhava em tijolo, telha né, ele fazia, aí fruta mesmo ele nunca trabalhou, veio trabalhar depois que nos casamos.

Andressa: Ai a senhora trabalhava com fruta?

Lurdes: Eu trabalhava de primeiro?

Andressa: Não na feira.

Lurdes: Na feira? Era fruta, as frutas nos vendendo né.

Andressa: Esta certo.

Lurdes: Ele comprava e a gente vendia, é por isso que ele ficou João das batatas, aí meu menino botou meu nome de Lurdes dos Cocos.

Andressa: Foi (risos)

Lurdes: (Risos) Ah menino, ah menino.

Lurdes: Ai tu conhece ele?

Andressa: Eu falei com ele pela internet.

Lurdes: Foi? (Expressão de espanto)

Andressa: Foi, falei pra ele que eu estou fazendo um trabalho sobre a feira.

Lurdes: É, eu passei muito tempo vendendo, muito, muito, me casei em cinquenta e nove e comecei a vender batata, era batata.

Andressa: Era batata.

Lurdes: Era, batata e coco, vinha às camionetas de coco de Zé Barreto, dos outro sítio, pra nós vender ali na feira da Telpa.

Andressa: Sei, é.

Lurdes: É ali. Começamos primeiramente, já ouviu falar a rua da tamarina?

Andressa: Já, já ouvi falar.

Lurdes: Pois nos começamos ali, eu vendia no chão, não tinha banca, depois vendia numa banquinha, aí começamos né, aí comprava muita batata aí pesava naquelas balanças, mais não é essas balanças que tem agora não, era balança de (ruído), sei lá, não estou mais nem lembrada mais, não era balança não era cuia.

Andressa: Ah vendia na cuia.

Lurdes: Era cuia, cuia de batata, era assim.

Andressa: Entendi.

Lurdes: Tomate eram essas coisas que a gente vendia. Era muita coisa.

Andressa: Quando a senhora casou, vocês resolveram ir trabalhar na feira assim por quê? Trabalhavam em outra coisa antes?

Lurdes: É ele trabalhava mais o pai dele em tijolo, telha, né? Conheci ele fazendo telha e tijolo. Aí depois, nos fomos pra feira, era feira, eu me casei e fiquei trabalhando em roça mais ele, toda vida eu fui agricultora, forte, meu pai vendia, apanhava algodão dos outros, apanhava feijão de ganho, meu pai tudo fazia, fazia tudo, ai me casei e fiquei trabalhando na mesma coisa, ele botava roça e eu tomava de conta mais ele, limpava mato, apanhava feijão, os cambal.

Andressa: (Risos)

Lurdes: Arroz, catando no cacho, catava, batia mais ele (ruído), nos compramos essa casa com o dinheiro de arroz.

Andressa: Com dinheiro de arroz?

Lurdes: Arroz, cruzeiro, cruzeiro.

Andressa: É

Lurdes: Quando nos chegamos aqui pra vender sabe quanto era uma cuia de batata? Era cinco mil reis a cuia.

Andressa: E era (risos)

Lurdes: Mil reis, me lembro como hoje, pois é, aí ficou vendendo na cuia depois passamos pra balança. Menino eu não sei não, eu sofri demais. Estou com cinquenta e cinco anos de casada e cinquenta e cinco anos trabalhando em roça e em feira.

Andressa: Mais era comum se ver muita mulher naquela época trabalhando na feira ou não?

Lurdes: Tinha muita mulher, tinha né mulher dos casados né.

Andressa: Ajudava os maridos.

Lurdes: É ajudava também né. Mais, mais era eu, num não saia do pé dele.

Andressa: Aí nessa época a senhora se lembra assim qual era as outras frutas que vendiam, de qual era as outras, se vendia roupa também.

Lurdes: Era, era coco, batata, era tomate, milho verde, feijão verde, tudo que foi fruta, nos vendia.

Andressa: É.

Lurdes: Aí batatinha, cenoura, essas coisas tudinho a gente comprava em Campina Grande, trazia uns saco, aí na Telpa nos vendia saco, comprava dois, três saco de batatinha.

Andressa: Mais ia buscar lá ou já tinha uma pessoa que trazia?

Lurdes: Não, eles traziam, eles traziam.

Andressa: Ah.

Lurdes: Traziam pra lá.

Andressa: Entendi. Aí chegava mais ou menos que horas na feira?

Lurdes: Chegava de cinco horas, tinha a feira do bacurau que povo chamava ne.

Andressa: Hun rum.

Lurdes: Você não se lembra não, você não era nem nascida. (Risos)

Andressa: É (risos)

Lurdes: Mais acho que você viu falar, acho que viu falar dessa feira, ai a feira do bacurau era até dez horas da noite, gente vendendo coco, batata doce, todas as frutas, batata todo ia compra lá, aquela feira que hoje é feira do legume de roupa né.

Andressa: A sim!

Lurdes: Naquela rua que desce pra Telpa.

Andressa: Sei.

Lurdes: Ali era feira de fruta.

Andressa: Mais porque é que chamava de feira do bacurau?

Lurdes: Comecei a vender lá, depois passei ali pra Dudu, depois passamos pra outra rua, não sei, não me lembro do nome da outra rua, depois passamos pra aquela rua de lá de baixo.

Lurdes: Eu num sei, eu sempre ouvi falar, falava-se essa feira do bacurau o povo falava.

Andressa: Mais porque era assim os preços eram menores?

Lurdes: Não, não era a mesma coisa né, nesse tempo era tudo mais barato, tudo era bom. Ganhava dinheiro, depois que passou pra esse tal desse real, acabou-se, quando era cruzeiro e o reis essas coisas, tinha dinheiro, ganhava dinheiro.

Andressa: Isso era década de 60?

Lurdes: Isso aqui foi comprado com dinheiro de, de verdura, compramos, ele com eu trabalhando na roça mais ele, no vale verde, fizemos não sei quantas quarta de arroz lá, vinte e quatro quartas de arroz tiramos, eu ia bem cedo ele levava eu num carro de mão, e as comidas, e eu ia pra de baixo de um pé de juá fazia a comida, acabar botava com água na cintura tirando capim e jogando fora do arroz desse campo de arroz.

Andressa: Desse campo de arroz né.

Lurdes: Aí doze quarta foi pro dono da terra e doze foi pra nos, doze quarta foi pra nos, aí vendeu, eu disse João nos temos tanto arroz, só nos dois, tem tanto arroz pra que nós com esse arroz? aí Dalbim disse eu vou vender essa casa, era de taipa mulher essas casas aqui, tudo era taipa, aqui tudo era mato.

Andressa: Certo.

Lurdes: Era. Aí ele chegou vou vender essa casinha, quer comprar essa casinha é boa, aí ele disse como é que eu compro, eu disse com o que? A gente vende o arroz que nos tem aí compra nossa casa, aí foi, combinou, nesse tempo ele combinava as coisas.

Andressa: Risos.

Lurdes: Era casado muito novo, não tinha filho, aí bem ficou.

Andressa: É

Lurdes: Estava grávida do primeiro filho meu, Estava de três mês de gravidez dele.

Andressa: Certo.

Lurdes: Da casa de mãe pra são Gonçalo, eu me casei em são Gonçalo, quer dizer eu morava na Caeira aí depois passei pra são Gonçalo, lá na Caeira eu também trabalhava em roça em arroz, em arroz, em arroz prantando, nunca deixei, nunca deixei.

Andressa: Ta certo

Lurdes: Eu fui deixar depois que eu me aposentei com setenta anos (ruído) agricultura velha nascida no sitio me criei no sitio e trabalhei até me aposentar.

(Neste momento a entrevista é interrompida pelo marido de dona Lurdes, no entanto este não aceita dar entrevista)

Andressa: Aí a senhora...

Lurdes: Aí eu vim me aposentar com setenta, porque disse que eu era trabalhadora domestica e meu marido tinha um pedaço de roça, tinha o INCRA.

Andressa: Hunrum.

Lurdes: Só serviu pra ele o INCRA dele da terra, nossa terrinha que tinha ali.

Andressa: Sei.

Lurdes: Era um pedacinho de terra.

Andressa: Entendi.

Lurdes: Aí não serviu pra mim o INCRA dele aí, foi indo, foi indo, foi indo, aí teve muita gente que falou que eu era agricultura mesmo que me conhecia, aí nos tinha um pedacinho de terra e eu trabalhei muito, todo mundo viu que ia trabalhava na roça lá mais ele, aí foi e ajeitou, mais quando eu completei a idade certa.

Andressa: Ah.

Lurdes: Foi. Não foi fácil mais me aposentei, ta com oito ano que eu me aposentei.

Andressa: Entendi. Quando a senhora trabalhava...

Lurdes: Aí eu fui e deixei de mão a feira porque me aposentei. Aí foi também eu tive tanto problema em cima de mim.

Andressa: Hunrum.

Lurdes: Uma listra na perna bem grande e aí eu parei de vender. Aí eu digo não, não vou mais não, aí ele disse vai ficar dentro casa, eu digo não é porque eu não posso mais e também eu estou com minha, eu tenho minha aposentadoria pra fazer meu bocado que Deus me deu e você quer ir viver a sua vida vá, mais eu vou ficar em casa mais meu filhos.

Lurdes: Mais tá bom.

Andressa: Não tem problema não é sobre a vida, o que ela for lembrando, qualquer coisa eu vou perguntando.

Lurdes: Pronto, aí pronto graças a Deus aí quando me aposentei eu deixei de feira de mão porque também, não estava dando mais nada de futuro mulher a feira estava muito pouca.

Andressa: Em que ano foi que a senhora deixou?

Lurdes: No ano que eu me aposentei, no ano que eu recebi minha aposentadoria, tá com oito anos, oito anos em tempo de completar nove anos.

Andressa: Tá certo. Quando vocês trabalhavam na feira, vocês pagam algum imposto lá quando trabalhavam.

Lurdes: Pagava, agente pagava né. Pagava imposto.

(Nesse momento, o marido de D. Lurdes que estava próximo ascena negativamente com a cabeça dizendo que não pagou.)

Lurdes: Não, da banca pagou nós pagamos ainda muito tempo é porque ele não se lembra mais. Pagava João, Doutor Epitácio, mais ó o sufoco.

Andressa: (Risos).

Lurdes: O ano que nós não pagamos foi com Vituriano quando ele foi prefeito.

Andressa: É o imposto de chão né?

Lurdes: Era o de chão da banca, era o imposto de fruta.

Andressa: Vocês participavam de algum sindicato, alguma coisa, algum sindicato de feirante?

Lurdes: Nós pagamos muito tempo de sindicato, eu paguei nove anos de sindicato. Dez anos.

Andressa: Relacionado à feira?

Lurdes: Aí por isso, por isso que ajeitou minha aposentadoria que era Altino que aposentava aí morreu, mais aí ficou outro aí o outro foi e disse é você agora se aposentou-se não vai mais pagar. Eu digo, eu me aposentei agora eu vou, não vou mais trabalhar em roça mais, não posso mais, é uma idade avançada não tinha mais.

Andressa: É verdade

Lurdes: Não podia mais minha filha, minha filha eu trabalhei até os sessenta anos eu trabalhando em roça, em coisa mais ele.

Andressa: Na feira também né.

Lurdes: Na feira também.

Andressa: Pois é. A feira ali era muito movimentada na época que a senhora trabalhava?

Lurdes: No começo era boa, ali descendo o açude ali, onde hoje é, ali foi onde nós vendemos muito tempo.

Andressa: O começo que a senhora fala é na década de sessenta, setenta por ai?

Lurdes: É acho que é, não sei, não lembro, não tô sabendo mais de nada não. Eu estou é lesa.

Lurdes: Vendia ali em cima tombem.

Andressa: Sei

Lurdes: Eu vendia só coco. (Risos)

Andressa: Só vendia coco né. (risos)

Lurdes: Eu vendi muito coco, vinha carrada de coco lá de Zé Barreto, era milheiro, comprava milheiro de coco e na feira desse bacurau que o povo chamava era feira do bacurau eu vendia tanto coco vendia muito a aquele menino... da sorveteria, como é? (ruído).

Lurdes: Como era o nome daquele menino da sorveteria, que nós vendia coco? Vendia quinhentos cocos a ele e eu descascava todinho mais ele, ele era só entortando e eu puxando.

Andressa: Aí onde era a feira do bacurau?

Lurdes: A feira era ali na descida da Telpa, onde é a feira que hoje é roupa e fruta né.

Andressa: É roupa onde é as frutas ali agora.

Lurdes: Ali tinha só fruta mais, era banca de fruta.

Andressa: Ai qual era as ...

Lurdes: Feira muito boa ali, muito boa ali, muito boa, apurei muito tostão, esses meninos eram pequenos mais graças a Deus com a feira da fruta eu sustentava eles de tudo, graças a Deus não faltava, fazia minha feira na feira de balai nunca faltou, ele estava fazendo, botava o dinheiro na minha mão pra eu fazer minha feira, pagava o balai, fazia de tudo, de tudo, eu tinha fruta né, as frutas não comprava tinha em casa.

Andressa: Mais a senhora comprava...

Lurdes: Comprava meus cereais e minhas coisas tudo que precisasse.

Andressa: Comprava lá mesmo na feira?

Lurdes: Tinha supermercado ali e fruta trazia pra casa.

Andressa: Entendi.

Lurdes: E comprava roupa pra eles, graças a Deus meus filhos não andavam acabados, era bem direitinho.

Andressa: Sustentou os filhos...

Lurdes: Sustentei os três filhos que ficou pra mim era cinco mais Deus levou dois, criei três só.

Andressa: Ah, entendi.

Lurdes: Um deficiente, depois com dezoito anos é que ele veio se aposentar, ele é deficiente da cabeça, nasceu paralisado esse menino.

Andressa: Foi?

(A entrevista é interrompida por um dos filhos de dona Lurdes, do qual ela fala sobre ele)

Lurdes: E se criou e a outra que era sadia, bem sadia, morreu.

Andressa: Ah.

Lurdes: Do sarampo que de bebezinho e ele se criou minha filha, ficou tomando chá, trincava os dentes, mais não morreu.

Andressa: Mais se criou.

Lurdes: Aí eu pedi até Jesus pra que não levasse ele porque eu não aguentava mais, já tinha uma novinha e tinha ele, aí foi Jesus, eu mesmo na minha mente, Jesus disse eu não vou levar ele é seu filho sua felicidade, sua companhia, seu anjo da guarda, tudo pra mim, e foi, e é, pois não é (risos)

Andressa: É (Risos)

Lurdes: Graças a Deus.

Andressa: Pois é graças a Deus.

Lurdes: Mais eu sofri tanto, sofri muito com esse menino com cinco anos ele tomava leite pela bunda.

(D. Lurdes é repreendida pela filha)

Andressa: Não tudo bem.

Lurdes: Porque não sustentava nada no estomago dele, quando comia qualquer comidinha xiuuu saía em baixo do mesmo jeitinho, mais não morreu, Deus mostrou que não.

Andressa: Mais ele ajudou a senhora na feira?

Lurdes: Ele era o grosso, o pé da feria era esse aí.

Andressa: Ah!

Lurdes: O pai bebia cachaça, eu tomava de conta da feira mais ele mulher.

Andressa: Ah!

Lurdes: Mais ele, o outro também me ajudou muito, mais começou a ficar rapazinho aí ficou com vergonha de trabalhar.

Andressa: De trabalhar (risos).

Lurdes: Andava com um balaio na cabeça (risos) aí a namorada viu ele ficou com vergonha e deixou.

Andressa: Risos.

Lurdes: Logo ele começou logo naquele negocio de artista né fazendo desenho.

Andressa: É.

Lurdes: Aí ficou só esse (aponta para o filho) trabalhou muito, mais adoeceu ficou com dor no espinhaço ai, era pedra na vesícula, aí saiu aí se aposentou pronto.

Andressa: Entendi.

Lurdes: Graças a Deus foi nós dois que nos aposentemos logo, aí ele se aposentou também, trabalhou até se acabando de morrer, eu digo tu vai morrer em cima dessa banca, deixa essa banca de mão pelo amor de Deus para de vender, tu não pode mais não, isso era morrendo se acabando e com a banca, com banca, não saia da banca.

Andressa: E a senhora queria que ele saísse.

Lurdes: Eu queria porque ele estava se acabando.

Andressa: Entendi.

Lurdes: Se acabando, chegava em casa não queria nem comer, era morrendo, com uma dor, uma dor e era a hérnia mulher, estava com quatro hérnias.

Andressa: Hun rum.

Lurdes: Né hérnia, ele se operou de duas e ficou duas e ele trabalhando na feira e eu não podia mais ajudar porque eu já estava velha, e esse menino também não podia mais, aí ele pagou uma pessoa pra ajudar e pegava uma coisa e outra e só dava mesmo pra pagar a garagem, pagar o rapaz que trabalhava mais ele, quando vinha era com um micharia de dinheiro.

Andressa: Não rendia mais como rendia antes né?

L: Rendia nada, basta, dava mais não, a feira estava ficando fraca, fraca, fraca, ainda hoje vende mais, quando eu estava na banca era bom, quando eu tomava de conta era bom, mais os ajudantes dele botou ele pra traz escondendo (fez o gesto de roubo).

(A filha de D. Lurdes a repreende novamente)

Lurdes: Eu não sabia.

Andressa: Não mais isso aqui...

Lurdes: Mais eu não sabia. Não assim porque não ajudava não e no tempo de tirar de acabar com ele.

Andressa: É

Lurdes: Não ajudava ele direito.

Andressa: Hun rum.

Lurdes: Porque eu tinha menino novo, pequeno, não podia ir ajudar ele.

Andressa: Entendi.

Lurdes: Aí depois que ela cresceu, que ela ficou eu deixava ela só com os dois, com uma bicha bem novinha e ela com esse aí que era doente.

Lurdes: Ele ia pra feira.

Lurdes: Eu sei que eu passei muitos anos. Eu disse assim porque ele tinha que deixar, ele já estava acabado.

Andressa: Pronto vamos mudar agora pra outra coisa assim, o que a senhora achava bom quando trabalhava lá na feira?

Lurdes: Há eu achava bom que eu tinha meu dinheirinho na mão, graças a Deus nunca faltou, dava tudo pra meus filhos, nunca faltava meu dinheiro na minha mão, só o que eu fiquei foi acabada, eu também não tinha mais vista minha filha, eu tomava de conta por que eu precisava pros meus filhos.

Andressa: Hun rum.

Lurdes: Trabalhei muito, trabalhei muito, comecei de nova, com vinte e dois anos de idade e fui até os meus sessenta, porque eu me aposentei, nada, eu deixei com setenta, fui até com setenta, até com setenta anos, porque deixei com setenta quando eu me aposentei, mais até com setenta eu estava trabalhando quando eu recebi minha aposentadoria aí foi quando eu deixei.

Andressa: A senhora tem quantos anos agora?

Lurdes: Estou com setenta e nove.

Andressa: Pronto. Aí naquela época assim a feira tinha um grande movimento né, ela se estendia, ela ia até tarde? Começava mais ou menos de que horas e terminava mais ou menos de que horas?

Lurdes: Começava de quatro horas da madrugada, saía mais ele de quatro hora da madrugada. Sete oito as vezes, quando era assim no dia na semana santa, na semana santa nós começávamos a ficar só até uma hora , duas horas e vinha pra casa.

Andressa: Já agora nesse final que a senhora estava acabando o trabalho né?

Lurdes: É, porque estava todos dois doentes mulher, nós estávamos muito doentes, não era sadia eu caia queda no chão eu caia, de madrugada com a cabaça nas mãos, aí caia, coitado de meu fio que me levantava, ah a mulher caiu.

Andressa: As feiras sempre foram no sábado ali?

Lurdes: No sábado?

Andressa: Sim.

Lurdes: Era a semana toda.

Andressa: Era a semana toda?

Lurdes: Era a semana toda começava no sábado, até o domingo a domingo era a semana toda.

Andressa: Aí nesses dias de semana.

Lurdes: Quando passou a feira prai, eu fiquei trabalhando aí mais ele, mais a feira dacadá eu ia pra lá, aí eu fiquei ó, ele ficou na feira lá de baixo e eu fiquei aqui nessa daqui.

Andressa: Hunrum

Lurdes: Pois é já no fim, nos começo era direto, era direto, a tarde todinha. Mais eu deixava com você, você era muito pequenininha, sei não.

Andressa: Mais nos dias que a assim era mais movimentado?

Lurdes: Era no sábado e o domingo, era movimento grande que era preciso arranjar uma pessoa pra tomar de conta.

Andressa: Porque agora mesmo só é mais movimentado ali no sábado né?

Lurdes: É.

Andressa: Movimento maior é só no sábado.

Lurdes: No sábado era feira boa, feira boa mesmo no sábado e no domingo, aí na semana santa também era boa, agente ficou com raiva porque, ali era a feira dos ladrões ai foi deixou.

Andressa: É. Na época que a senhora trabalhava tinha muita assim vigilância da policia, questão de assalto mesmo lá, na época de seca.

Lurdes: Nessa banca a gente nunca foi assaltado não, mais tinha, tinha polícia, tinha os guarda.

Andressa: Vinha vigiar né. Na época de seca não tinha nenhum arrastão essas coisas não existiam não?

Lurdes: Tinha só uns molequinhos que carregava coco, carregava as coisas da banca, carregava, botava na mão e corria, um dia bateu com um coco na cabeça de um (risos).

Andressa: Risos.

Lurdes: Carregou os cocos e correu aí João foi atrás eu e danou na cabeça dele (risos).

Andressa: Risos.

Lurdes: (risos). Era uns sem vergonha, agora isso pra que? Só pra vender e fazer o que não presta né, agora isso pra comer também só pra comer coco e pronto.

Andressa: É. Na época de política assim.

Lurdes: Na época de politica sei não.

Andressa: O pessoal ia fazer comício lá?

Lurdes: Não.

Andressa: Não iam entregar nada.

Lurdes: Não. Fizeram, fizeram uma entrevista lá e parece que, bem, filmaram né.

Andressa: Hun rum.

Lurdes: Meu cunhado filmou essa banca, acho que ainda hoje tem né?

(Afilha de D. Lurdes diz que levaram).

Lurdes: Mais tinha nos vendendo na banca, tão bonito, minha banca toda amarelinha de fruta, chega as bananas... bananas bem grande desse tamanho as bananas (sinaliza o tamanho com as mãos) e eu dei as costas pra não sair (Risos).

Andressa: Risos.

Lurdes: A banca toda enfeitada.

Andressa: A banca da senhora era feita de que assim? Vocês quem fizeram a banca?

Lurdes: Era de madeira, coberta de lona, aí depois o governo deu banca a João deu um bocado de coisa pra ele, ele ainda tirou retrato dessas banca.

Andressa: Aí a senhora, vocês faziam a banca? A primeira, pois vocês vendiam no chão.

Lurdes: Não, só quando nos começamos.

Andressa: Aí vocês que fizeram a banca? Foi ele quem fez?

Lurdes: Foi, foi ele quem fez a banca comprou lona cobriu era duas bancas, tinha duas bancas uma banca de uma lado outra do outro, tinha os irmão dele ajudando é, lá na Telpa eram duas bancas e ainda não dava venção, tinha uns meninos ajudando mais era gente, era gente de mais, era bom de mais ali. Jerimum, era as carradas de jerimum, vinha de São Gonçalo, eu mesmo ia buscar as batatas em São Gonçalo juntava as batatas com o povo, o povo juntava batata, aí eu botava o saco de batata dentro do caminhão mais o povo, hum, eu fiz tanta coisa minha filha sei lá, só Deus é quem sabe, se eu fosse contar minha vida de feira.

Andressa: Eu imagino.

Lurdes: Eu fiz, eu ajudei demais, eu ajudei, eu trabalhei de mais.

Andressa: Eu imagino porque...

Lurdes: Perante a Jesus.

Andressa: É

Lurdes: Digo a você com consciência. Ainda trabalhava em roça, ajudava ele na roça, porque o pedaço de terra que ele comprou ele plantava milho e feijão e arroz também, nunca deixou, pegava os menino botava de baixo, armava as redes e passava o dia todinho mais ele.

Andressa: Entendi.

Lurdes: Quando era dia santo bem, era assim porque quando nós começamos, vendia muito no sábado e no domingo, na semana também, aí tinha dia como ela falou mesmo, tinha dia que eu não ia, que ia pra roça mais ele, no dia que eu não ia eu ia pra roça mais ele, no dia que eu não vendia, por que tinha vez que agente vendia só até meio dia de tarde a gente estava livre, aí de tarde a gente ia pra roça.

Andressa: Mais o que plantava na roça trazia pra feira?

Lurdes: Não, só as verduras, jerimum, melancia, por que não dava vensão.

Andressa: Não dava venção ne?

Lurdes: Oxe comia e dava o povo e era... tinha dois pé de coco lindo de todo tamanho nós bebia agua todo dia e dava o povo e levava pra feira pra vender também.

Andressa: Pra vender também (risos).

Lurdes: Vendia, vendia e era assim só melancia e jerimum que podia levava.

Andressa: Aí a senhora.

Lurdes: O resto ele comprava.

Andressa: A senhora levava os filhos da senhora pra lá.

Lurdes: Os meus meninos?

Andressa: Sim.

Lurdes: Só porque tinha uma sobrinha minha que... uma sobrinha dele comigo, como era minha irmã, fica com eles quando eles eram pequeno.

Andressa: Hunrum.

Lurdes: Mais arrumava eles e levava pra lá.

Andressa: Levava pra lá né, ficavam brincando.

Lurdes: Ficavam brincando, eles nunca trabalhou em feira não, só estudava , fez até o vestibular não passou, aí começou namorar com um rapaz, casou, essa aí é neta dela.

Andressa: Aí a senhora, os outros filhos da senhora ajudavam?

Lurdes: Ajudou sim, esse aí era o braço meu coitado, trabalhou de mais na feira, agora o outro quando começou a ficar rapazinho aí teve vergonha aí deixou (risos)

Andressa: Risos.

Lurdes: Mais ajudava de mais, ar mulher ói, teve uma vez aqui que ele pegou um carro pequeno porque não aguentava carregar da Telpa bixinha, nós vendemos na Telpa também, era banca lá de fruta na Telpa que não era brincadeira.

### Entrevista de José Rosa.

Andressa: Pra gente conversar como era a feira, como o senhor trabalhava lá, o que o senhor fazia.

José Rosa: Ai o povo que trazia os produtos pra gente vender tem que falar no nome dele?

Andressa: Só o que o senhor lembrar, se o senhor não lembrar não tem problema nenhum.

José Rosa: Eu sei nome de muita coisa viu.

Andressa: O que o senhor sabe pode falar, o que o senhor sabe pode falar. O senhor fazia o que na feira?

José Rosa: Eu vendia cereais a retalho né, comprava em grosso e vendia a retalho, no litro, no litro e passou para o quilo né, aí era pesando na balança. Aí eu trabalhei um montão de tempo naquele negocio, e tinha muitas pessoas que trabalhavam ao redor de mim na feira também.

Andressa: O senhor trabalhou quantos anos na feira?

José Rosa: Homem eu não sei nem quantos anos foi, sei que foi muito tempo viu.

Andressa: O senhor gostava de trabalhar na feira?

José Rosa: Gostava...

Andressa: Porque o senhor gostava?

José Rosa: Eu gostava de trabalhar na feira porque era uma profissão boa (voz do entrevistado em um tom emocionado).

Andressa: O senhor conhecia muita gente?

José Rosa: Era. ( Nesse momento o senhor José fala com a voz embargada)

Andressa: Como era o sistema de vender os produtos?

José Rosa: Como?

Andressa: Como vendia os produtos?

José Rosa: Nesse tempo a feira começava cedo, cinco horas da manhã a gente estava lá, pra começar a trabalhar, trabalhava até sete horas da noite.

Andressa: O senhor mesmo que armava as barracas?

José Rosa: Eu mesmo era quem amarrava as barracas de manhã, passava o dia quando era de noite agente tirava né, pra vim embora.

Andressa: O senhor armava como, como era o processo de amarrar a barraca?

José Rosa: Hum?

Andressa: Como era o processo de armar as barracas?

José Rosa: O cabra botava uma estruturazinha, botando a madeira ne ia amarrando, ia cobrindo, quando acabava cobria com a lona.

Andressa: O senhor conhecia muita gente na feira?

José Rosa: Hum?

Andressa: O senhor conhecia muita gente la na feira?

José Rosa: Conheço (barulho externo)

Andressa: O senhor lembra-se de alguém que trabalhava lá com o senhor? Colegas seus.

José Rosa: Joaquim Pereira, Zé Nogueira, Painho Nogueira, tudo era que trabalhava comigo, Raimundo Cardoso e o pai dele que se chamava Dede, Wilson, Chico Miranda, Domingo Reis e Moacir das Carroças.

Andressa: Como era o transporte dos produtos da casa do senhor pra feira?

José Rosa: Era num carrinho de mão empurrado. (Neste momento o entrevistado se emociona). Era num carrinho de mão empurrando.

Andressa: A interessante.

José Rosa: Depois foi que mudou, depois é que mudou, eu contratei um rapaz pra carregar, ai ele carregava na rural dele, numa rural e numa caminhoneta, passou muito tempo.

Andressa: Quais os produtos que o senhor vendia?

José Rosa: Vendia feijão, farinha, goma, arroz, milho, rapadura, e um cabelo de miudeza, vassoura, macarrão, café, rapadura, tudo isso eu vendia.

Andressa: O senhor sustentava a família trabalhando na feira?

José Rosa: Era...

Andressa: O sustento de casa era trabalhando na feira?

José Rosa: Era. Eu sustentava a casa trabalhando na feira.

Andressa: O senhor gostava de trabalhar na feira?

José Rosa: Gostava.

Andressa: Era cansativo, mais era bom né.

José Rosa: Mais, não tinha outra coisa tinha que ser aquilo mesmo.

Andressa: Quem fornecia os produtos pro senhor?

José Rosa: Miguel Preto lá de Horebe, eu comprava material a ele, os cereais a Antônio de Chaga era quem fornecia a gente, e Zé Nogueira, vendia em grosso também. Aí o arroz eu comprava a Pedro Goberto, no armazém de seu Arcanjo, era quem fornecia a gente.

(Barulhos externos de pessoas conversando)

Andressa: O senhor foi na feira depois que deixou de trabalhar?

José Rosa: Hum?

Andressa: O senhor foi na feira depois que deixou de trabalhar lá?

José Rosa: E fui muito tempo e depois que adoeci dessa perna não pude ir mais. (O entrevistado se emociona e a entrevista se emociona)

Andressa: Como as pessoas compravam os produtos?

José Rosa: Os fregueses chegavam a farinha eles experimentavam a goma a rapadura, tudo eles experimentavam pra saber se era boa.

Andressa: Como as pessoas olhavam se os produtos eram bons?

José Rosa: Oi?

Andressa: Como as pessoas olhavam se os produtos eram bons?

(Ruídos externos)

José Rosa: Eu tô ruim de ouvir viu.

Andressa: Tá certo.

Andressa: Como as pessoas olhavam se os produtos eram bons? Como escolhiam os produtos?

José Rosa: A farinha eles experimentavam, comendo um pouco na boca né, a rapadura também, o feijão eles olhavam assim na mão, e o arroz se era bom, aí depois que o povo acostudou ficou bom, já sabia que o produto era bom e não era muito investigado não viu, mais enquanto não conhecia o produto tinha que demorar a comprar, mais quando depois que conhecia era aquele produto a gente vendia ligeiro, o cabra já sabia o que era né, aí comprava ligeiro.

Andressa: Como era a forma de pagamento?

José Rosa: Eu comprava fiado e quando era cinco horas da tarde eles vinham pegar o dinheiro na feira, aquele dinheiro que agente estava devendo pagar todinho já tinha o apurado daquela feira e aquele dinheiro estava todo no bolso, aí dava pra pagar, paga o

rapaz que vinha cobrar. Ai agente continuava assim a feira toda se acostumou com aquilo, ai ficou bom pra gente.

Andressa: A maioria comprava fiado?

José Rosa: Mais comprava a dinheiro também, quando a gente tinha um trocadinho né.

Andressa: E a venda?

José Rosa: Hum?

Andressa: Como as pessoas compravam ao senhor?

José Rosa: A maioria comprava a dinheiro e uma parte comprava fiado pra pagar com oito dias, mais com oito dias pagava aquele dinheiro já estava no bolso pra pagar de tarde né.

Andressa: E tinha gente que não pagava?

José Rosa: Era muito pouco os que não pagavam, que enganava a gente, mais a maioria pagava.

Andressa: O senhor lembra como era a organização da feira, onde se localizava?

José Rosa: A feira era ali na rua de seu arcanjo, João Moreira, João Rangel.

Andressa: O senhor conhecia muita gente na feira?

José Rosa: Conhecia. Tinha muita gente que vendia era Joaquim Pinto, Joaquim Tiburtino, todos eles eram vendedor, todos vendiam cereais como agente ali. Ai tinha um rapaz que chamava ele de Antônio da rural que ele era de São João do Rio do Peixe e vendia também mais agente.

Andressa: Lá na feira, além dos cereais, tinham outros produtos que eram vendidos?

José Rosa: Tinha mais cereais mesmo. Na feira eu vendia macarrão, vendia bolacha, vendia vassoura de palha, vendia café Asa Branca.

Andressa: O senhor lembra de algo.

José Rosa: Ai começou aqueles anos seco né. Aí o povo invadia a feira, carregava as coisas da gente.

Andressa: Acontecia muito isso?

José Rosa: Hum?

Andressa: Acontecia muito isso?

José Rosa: Foi umas três vezes, teve uma feira que eles carregaram meus cereais todinhos que eu estava devendo ai Eliomar Figueiredo me forneceu o dia e eu purei o dinheiro com

trinta dias e paguei a ele e fiquei livre. (Nesse momento precisamos interromper a entrevista, pois o senhor José se emociona fortemente).

Andressa: O senhor pagou imposto na feira?

José Rosa: O prefeito era Chico Rolim, a gente falou pra ele, ele disse não, não pague nada não, “num” pagou não, mais aí o prejuízo foi da gente, mais Deus ajudou que a gente recuperou.

Andressa: Com certeza. O senhor lembra de alguma situação engraçada, algo que aconteceu?

Longa pausa.

José Rosa: Eu fumava perto de Domingos que era crente, aí eu fumando perto dele, aquele cigarrão de fumo ai ele disse ô Zé Rosa tu é um rapaz tão bom mais se tu deixasse de fumar ainda era melhor. Ai quando foi um dia de quarta feira, nós estávamos na feira vendendo, ai eu estava fumando ai ele disse ô Zé Rosa esse teu cigarro esta fedendo, ai eu peguei o cigarro e joguei fora, ai tinha um chapeado assim ai eu chamei ele, dei os papeis, o fumo, o isqueiro, dei tudo a ele, ai ele ficou meio assustado pensando que eu ia brigar com ele, mais não foi não, e a partir disso ai eu não fumei mais nunca. Uma vez eu tinha uma camioneta aqui e levei uns passageiros pra São José de Piranhas, ai eu morava ali na rua São Sebastião, ai tinha uma bodega assim na frente era de Betinho, ai eu fiz o cigarro tomei um pouco de cachaça e peguei o carro e sai com as mulheres, ai quando eu cheguei ali na estrada de São José de Piranhas, ai a mulher disse ô Zé Rosa o teu cigarro esta fedendo tanto, ai eu disse olha comadre é mais fácil eu deixar os passageiros, do que eu jogar esse cigarro no mato, era uma ignorância né? Aí eu fui e joguei o cigarro fora e não fumei mais, eu não fumei mais nunca não, até hoje, graças a Deus.

Andressa: Aí na feira, tinha muito violeiro, gente que se apresentava na feira?

José Rosa: Naquele tempo tinha muita gente pedindo esmola, mais não era que nem hoje não, a gente dava, feijão, farinha, arroz, a gente dava aquela contribuição aqueles que “esmoleu” que pedia né, aquilo a gente já conseguia assim que nem fosse uma freguesia.

Andressa: O senhor conhecia os artistas que trabalhavam na feira?

José Rosa: o que?

Andressa: Artista que às vezes se apresentavam na feira? Violeiro, sanfoneiro.

José Rosa: Não.

Andressa: Mais tinha gente que se apresentava?

José Rosa: Algumas vezes eles apareciam por lá, mais não era toda feira não.

Andressa: O senhor se lembra de João Amaro?

José Rosa: Conheci. Ele conversava com a gente lá na feira né.

Andressa: Ele era violeiro ne?

José Rosa: Era, o pai dele, a propriedade do pai dele era vizinha a uma propriedade do meu pai, a propriedade de João Amaro, do pai de João Amaro.

Andressa: O senhor conheceu Bigodinho

José Rosa: Vendia bombom na feira né, eu conheci ele.

Andressa: Como ele vendia os bombons?

José Rosa: Ele pegava uma notinha de um cruzeiro né, enrolava num bombom, em um papel, mexia dentro daquele saco e botava dentro e ia vender ao povo, ai mostrando o povo o dinheiro no papel né e o povo comprava aqueles bombons. O filho deve estava aqui.

Andressa: Mais alguém pegava aquele dinheiro que estava enrolado no bombom?

José Rosa: Muita gente pegava aquele dinheiro, mais ele usava uma camiseta de manga comprida, ele colocava aquele bombom premiado naquela camisa, aí ele sabia onde botava, ai quando ele vendia o povo ele não ia naquele canto, tirava de outro lado era uma tapeia né.

Andressa: Ninguém nunca tirava?

José Rosa: Tirava, alguma vez tirava. (Longa pausa) Ai de vez enquanto o filho estava aqui na semana, vendendo borracha de pressão, mais não tem ninguém entende o que ele fala, ai ele passa ai descendo aí.

Andressa: Algum dos filhos do senhor quis dar sequencia ao seu trabalho na feira?

José Rosa: O que?

Andressa: Algum dos filhos do senhor quis dar sequencia ao seu trabalho na feira?

José Rosa: Trabalho, Messias trabalhou muitos anos, ele não vendia a retalho não, vendia em grosso né, comprava fora e vendia, comprava no Brejo Santo e vendia na feira, nas bodegas, em todo canto na rua. Ai muita gente conhece ele por “Messias do feijão”, mais ele é professor né, mais o povo conhecia ele por Messias do feijão.

Andressa: Quando o senhor vendia, tinha alguém que trabalhava pro senhor na feira?

José Rosa: Hum?

Andressa: Quando o senhor vendia, alguém de fora trabalhava com o senhor lá?

José Rosa: Não, eu botei um menino, um rapazinho, mais não deu certo não, ele começou a “gatiar” o dinheiro, ai eu descobri e mandei ele embora. Olha quem trabalhava muito mais eu era ela (ela é a esposa do entrevistado, que esta presente na entrevista).

Andressa: O senhor e sua mulher.

José Rosa: Era.

Andressa: Os filhos trabalhavam também. .

José Rosa: Não porque era empregado.

Andressa: Era só o senhor e sua mulher?

José Rosa: Messias trabalhava, quando era de tarde ele ia carregar aqueles cereais que sobrava, nós levava naquele carro de mão empurrando, deixava numa casa lá na Camilo de Holanda.

Andressa: Ai quando sobravam os cereais?

José Rosa: Quando sobrava, nós levava pra lá, que o deposito era lá, nós botava lá.

Andressa: Pra começar na outra feira?

José Rosa: Pra começar na quarta feira, na feira da Camilo de Holanda, agente vendeu muito também lá, na calçada do mercado, na quarta feira a gente vendia no mercadinho, no sábado lá em baixo na feira grande toda semana era duas feiras por semana. Os comerciantes sabiam que eu era honesto faltava àqueles cereais eu mandava dizer e eles mandavam pra ca, pra aumentar mais, quando aquela de tarde já estava pouco eu mandava pedir mais e eles mandavam.

Andressa: O senhor fazia as compras na feira?

José Rosa: O que?

Andressa: As compras de casa, coisa que o senhor precisava.

José Rosa: Comprava.

Andressa: Comprava aos amigos do senhor.

José Rosa: Tinha aqueles que vendiam perto da gente, vendia panela de ferro né, aquelas coisas agente comprava a eles, pro consumo da casa. Ainda hoje tem panela aí, não tem? Toda segunda feira eu ia pra São José de Piranhas, levava uma carrada de arroz e trazia de feijão de lá pra cá, levava vinte sacos de arroz e trazia o que pudesse de lá, o que podia comprar lá, o que desse certo trazia pra cá, comprava galinha, comprava ovos. Eu peguei um pedaço de terra que tinha lá e troquei numa caminhoneta, aí eu andava nessa caminhoneta, daqui pra lá, ai eu era quem estava dirigindo, aprendi a dirigir com meu menino, com Deuzimar, ai quem trabalhava comigo dirigindo a camioneta muito tempo foi Deuzimar ai ele foi embora pra João Pessoa, ai eu chamei o policial Romualdo e ele foi comigo lá com a camioneta e me ensinou a passar marcha, ai eu acostumei com aquilo ai pronto, fui trabalhar na camioneta, eu era quem levava os cereais pra feira e quem trazia, e na segunda feira ia comprar em São José de Piranhas, até quando deu certo.

Andressa: Assim sustentou a família.

José Rosa: Tu conhece Sabino que é advogado?

Andressa: Conheço.

José Rosa: Conhece Messias não?

Andressa: Conheço não.

José Rosa: Ele toda semana vai pra Juazeiro comprar, vai vender no Rio Grande por todo canto aí. Só que Messias ajudou muito a eu trabalhando na feira, nós levava no carrinho de mão empurrando mais eu, o restante que sobrava da feira, nós levava pro depósito, pra começar na quarta feira. Miguel preto trazia os cereais eu comprava só trinta, quarenta, naquele tempo era cruzeiro, trinta, quarenta mil cruzeiro de cereais, ai quando era no sábado de noite eu pagava tudinho, apurava todo o dinheiro na feira né. Ai seu Arcanjo fez um acordo comigo, eu levava o arroz pra lá e comprava feijão e fornecer ele, aí eu trazia o feijão chegava pra seu arcanjo ai ele me pagava o feijão e eu pagava o arroz a ele.

Andressa: O senhor tinha acordo com os varejistas. A feira naquela época era muito grande?

José Rosa: Era, tinha os empregados dele, tinha Deca né, Janduí e outros rapazes que trabalhava com ele. Messias trabalhou com Zé Antônio, filho dele que tinha um armazém do outro lado assim. Tudo o que eu botava na feira era bom pra mim, porque eu comprava e pagava. (O entrevistado se emociona mais uma vez). A farinha quebradinha comprava a seu Arcanjo, aí quando faltava eu falava pra ele, ele mandava entregar na mesma hora. Aqui era ele e eu aqui na calçada.

Andressa: A banca do senhor era o ponto de referencia?

José Rosa: Era. A barraca era uma latada coberta com um plástico bem grande, ai no tempo do inverno quando começava a chover molhava tudo. O rapaz que trabalhava no banco Tarciso, ele era o gerente do banco ai ele tinha uma propriedade no sítio ai eu fornecia os trabalhadores dele tudinho, quando era cinco horas da tarde ele vinha fazer a conta comigo enchia o cheque e me dava, ai o povo, muita gente da feira não queria receber cheque, mais eu recebia, porque todo cheque que eu recebia eu passava pra seu arcanjo, já era coisa certa. Eu vendi muito café asa branca, primeiro era de Pedro Flor aí depois passou pra Zé Antônio e ai continuo, eu comprava aqui e levava pra São José de Piranhas, eu vendia muito café lá, vendia açúcar, vendia tudo lá, aqui também eu vendia açúcar, vendia café Asa branca, vendia sabão, comprava aquelas caixa de sabão e vendia todinho na feira. Hoje o caba não vende mais nada porque tudo no supermercado tem né, tem feijão, tem farinha, tem carne, tem tudo no mundo, tem rapadura tem tudo né, que o cabra queira e na feira não vende mais isso não, só tem dois rapazinhos que ainda esta vendendo lá, mais é uma mixaria o que eles vendem, Joaquim Pereira e Zé Nogueira ainda vendem lá na feira mais é uma mixaria ne. Mais os comerciantes velhos que vendia cereais na feira já saíram tudo não tem mais nem um.

Andressa: Porque ele acha que isso aconteceu?

José Rosa: Porque os supermercados ficaram tudo completo e aí o povo da feira deixou de fazer feira, vai para o supermercado né porque lá tem tudo né, compra feijão, compra farinha, compra milho, tudo, compra carne né, rapadura, compra tudo lá, aí não tem mais nada na feira né.

Andressa: Quando o senhor botava sua barraca na feira, o senhor pagava algum imposto?

José Rosa: No começo eu não paguei não mais depois o coletor veio lá e fez a gente ficar pagando, aí foi preciso eu botar até um contador pra fazer minhas notas, eu comprava com nota e vendia com nota né e ia tudo pro contador aí no fim do mês juntava aquelas notas todas e eu pagava aquela importância né. Fui se inscrever pra tirar o papel pra despachar os cereais né, porque o Pedro Roberto dava uma nota a gente, mais a gente não era contribuinte né, aí não valia nada, aí teve que o caba se inscrever pra poder vender os cereais e todo fim do mês a gente pagava lá na coletoria.

José Rosa: Eu vendia muita rapadura e vendia batida, mais era uma feira grande viu. O meu comercio o povo dizia que eu tinha um comercio grande, por que tinha de tudo. Eu comprava aquela bolacha e levava pra vender, vassoura, sabão, bombril, eu vendia tudo. Olha Tarcísio era o gerente do Banco do Brasil, eu fornecia a propriedade dele todinha de cereais, aí quando era no sábado de tarde ele vinha e nós fazia a conta todinha e ele me dava o cheque e com aquele cheque eu já ia pagar seu Arcanjo. Povo da feira não recebia cheque, mais eu recebia o cheque dos empregados de... do dono da difusora como era o nome dele?

Andressa: Zé Cavalcanti.

José Rosa: Os empregados dele recebia o cheque dele e vinha fazer a feira comigo, porque eu recebia o cheque, era bom. Quando era de tarde eu tinha cinco seis mil, até oito mil de cheque, aí eu fazia conta com seu arcanjo e pagava todo no cheque também, aquele cheque já era combinado eu recebia pra ele. Seu arcanjo me ajudou muito. (Neste momento o entrevistado se emociona novamente se faz necessária pausa na entrevista.) Quando Epitácio foi prefeito aí a gente pagava o chão, media e pagava os metros, aí ele empatou os cabras vender picolé porque não queria pagar o chão, aí eu botei pra vender no meu chão, que eu comprei quinze metros dava dez pra mim e sobrava cinco aí eu botei o picolé pra vender lá, os cabra vinha pedir eu digo bota aí. Aí tinha uma velha que vendia o café, mandei a velha botar o café bem pertinho de mim assim ó (aponta para o lado demonstrando o local) aí eu tomava café o dia todinho, aí quando era de tarde eu ia pagar o café a velha. Os empregados de seu Arcanjo vinha me perguntar o que estava faltando, ele mesmo vinha perguntar o que é que estava faltando pra mandar, pra botar lá, quatro horas da tarde eu ainda comprava cereais pra vender, quatro horas da tarde eu ainda pedia cereais pra vender, a gente vendia até sete horas da noite, tinha um poste assim onde eu vendia eu ficava no claro aí dava pra mim.

Andressa: Quer dizer que a feira começava na madrugada?

José Rosa: Quatro horas da madrugada já tinha gente fazendo feira lá na feira grande e quando dava sete horas da noite ainda tinha era gente vendendo, tinha vez que a gente amarrava os sacos pra ir embora e o povo pedindo e a gente desamarrava, despachava aquelas pessoas e depois amarrava de novo era um rojão danado viu.

Andressa: Eu acredito.

José Rosa: Eu comprava o açúcar na semana pegava todinho aí botava em cima da banca aquela ruma de açúcar pesado, um quilo, dois quilo, três quilo, cinco, até cinco quilos, aí era bom que o cabra vinha e dizia me dê cinco quilos eu só era pegar ali né e entregava ali. Ai tinha gente que fazia a feira completa, comprava açúcar, café, rapadura, feijão, farinha, arroz, rapadura, batida, eu botava tudo ali, quando acabar fazia as contas, quando tinha uma conta grande ai tinha uma menina que trabalhava com seu Arcanjo ai eu ia pra lá conferir pra não haver erro ne.

Andressa: O senhor tinha balança?

José Rosa: Tinha balança.

Andressa: Mais vendia no litro também?

José Rosa: Começamos no litro mais depois proibiram, a prefeitura proibiu vender no litro só vendia no peso. Ai tinha uma lanchonete em frente assim ai o rapaz da lanchonete era formado era um doutor, aí ele mandava deixar o café comigo lá, o almoço vinha de lá e toda hora ele mandava deixar aquele cafezinho e toda hora que chegava o café de Seu Arcanjo ele mandava me chamar pra tomar. Seu Arcano chegava cedo, seu Arcanjo chegava, de quatro horas ele já estava lá também, eu quem ajudava a ele a abrir as portas, quando os empregados não estavam lá quem abria era eu e ele aquele portão pesado. Pedro Roberto deu o numero do telefone lá do armazém pra eu ligar lá de Seu Arcanjo pra ele mandar uns cereais pra mim que faltava, eu cansei de comprar de dez sacos de arroz de manha e quando era uma hora da tarde, duas, eu pegava mais dez, ai quando era seis horas aí o menino chegava lá com a nota e eu pagava tudo. E Pedro Roberto dizia que se ele não tiver o tinha o dinheiro todo podia deixar lá mais graças a Deus apurava sempre aquele dinheiro. (O entrevistado se emociona mais uma vez)

José Rosa: Tinha mercearia pequena por aqui que vendia mais pouco do que eu, tinha mercearia vendia mais pouco do que eu, cansei de conversar com eles e eles diziam eu apurei dez mil e eu dizia apurei quinze, eu vendia muito viu, os fregueses eram assim, quando amanhecia o dia aí aparecia freguês, era o dia todo eu não parava não. Quando era na sexta feira eu ia trocar dinheiro pra passar o troco né que é pra não da trabalho, ai eu levava muito dinheiro miúdo pra passar o troco, tinha uma cabra que tinha um barraco acolá que eu cansei de pegar dez mil de um real pra passar troco, ai aqueles amigos da gente de lá pertinho ai vinha quando apertava pra onde eu estava pra eu trocar dinheiro pra eles.

Andressa: O senhor ajuda os outros.

José Rosa: Era. Ai quando era de tarde tudo era dinheiro graúdo não tinha dinheiro miúdo de jeito nenhum passava tudo de troco. Ai eu vendia feijão de corda, feijão de arranca e os outros não vendia e eu vendia tudo, eu vendia o feijão vermelho, pintado e o carioquinha eu vendia tudo. Ai eu cansei de faltar feijão e seu Arcanjo era só falar pra ele e chegava no mesmo instante, nunca faltava pra mim.

Andressa: O senhor passava o dia todo lá?

José Rosa Passava o dia todinho, almoçava lá, ela (esposa) levava, teve um tempo que eu almoçava no restaurante ne, mais o temo todo ela levava, ela ia de manha aí vinha pra casa tomar banho e levava meu almoço. Eu tinha umas tabuas grandes de botar os sacos em cima, porque quando chovia a agua passava por debaixo mais não molhava ne. No tempo do inverno muita gente não botava porque não tinha porque não tinha condição de cobrir e eu tinha uma lona 4 x4 era bem quadrada, ai eu fazia uma torda bem grande, mandei fazer uma torda de madeira né, ai montava aquilo tudinho, ai sustentava, ai eu amarrava nos cavaletes pra não virar ne com o vento, ai podia chover o dia todo, mais não molhava. Seu Arcanjo cansou de sair de lá de dentro e lá pra onde eu estava conversar um pouquinho.

Andressa: O senhor tinha muitos amigos na feira?

José Rosa: Tinha. Antonio Rangel cansou de vim conversas besteira lá de baixo onde eu estava, ele tinha um supermercado né, ai ele dizia zé rosa como é que tu vende todinho aqui no meio da rua desse jeito, sozinho, e eu dizia eu do conta, ai eu tinha uma caderneta de anotar os fiados né, eu tinha uma malinha e botava , dentro tinha uma peixeira ne de cortar o fumo. Miguel Preto cansou de vender 20 sacos de feijão de manha e quando era meio dia trazia mais vinte, eu vendia todinho no rateio, ele no quilo, quando era de tarde eu já estava de camisa molhada. Quando Deca botou aquele armazém eu ainda comprei a ele também, ele foi lá e pediu pra eu comprar também a ele pra ajudar ele, eu digo eu vou ai eu comprava a ele também , arroz, farinha quebradinha, açúcar, sabão e bombril. Eu além dos cereais eu vendia muita mercadoria que vendia nas bodegas ne e dava certo. Tinha um barzinho assim ai dava vontade de beber um pinguinho de cachaça ai eu ia lá e botava um golpinho assim e tomava ai me ajudava ne, chamava Zé Nogueira e ia tomar uma mais ele.